

Viver IFRS



10 anos de Viver IFRS: a história da extensão da instituição

ENTREVISTA
com Cláudia Schiedeck
e Viviane Silva Ramos

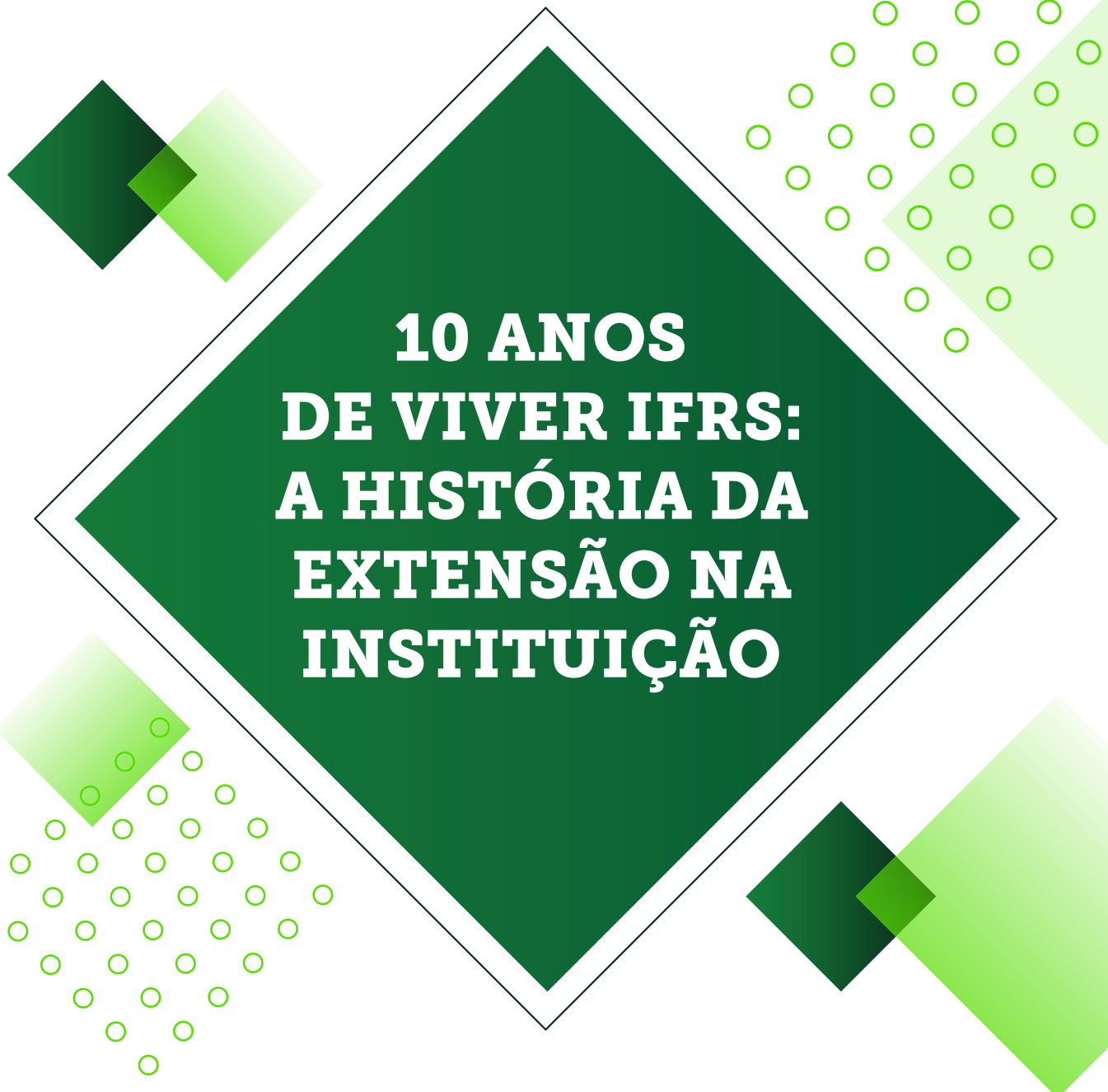
8

**EXTENSIONISTAS
DESTAQUE**

20

Viver IFRS

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS



10 ANOS DE VIVER IFRS: A HISTÓRIA DA EXTENSÃO NA INSTITUIÇÃO

Expediente

ViverIFRS Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS

\\Reitor

Júlio Xandro Heck

\\Pró-reitora de Extensão

Marlova Benedetti

\\Comissão Editorial

Marlova Benedetti

Daiane Toigo Trentin

Silvia Schiedeck

\\Conselho Científico

Adair Adams (IFRS)

Adriana Regina Corrent (IFRS)

Carina Dartora Zonin (IFRS)

Carine Popiolek (IFRS)

Claudio Fioreze (IFRS)

Daiane Toigo Trentin (IFRS)

Getúlio Jorge Stefanello Júnior (IFFar)

Graciela Fagundes Rodrigues (IFFar)

Josiane Roberta Krebs (IFRS)

Leila de Almeida Castillo (IFRS)

Leila Schwarz (IFRS)

Magali Inês Pessini (IFSC)

Marlova Benedetti (IFRS)

Maurício Polidoro (IFRS)

Nícolás Fonseca (IFRS)

Raquel de Campos (IFRS)

Sabrina Arsego Miotto (IFRS)

Tatiana Teixeira Silveira (IFRS)

\\Comissão Técnica

Editora-chefe

Silvia Schiedeck (IFRS)

Administrador de TI

Paulo César Machado (IFRS)

Jornalismo

Carine Simas da Silva (IFRS)

Entrevista

Alessandra Aragón Nevado (IFRS) e Rossana Zott Enninger (IFRS)

Projeto Gráfico

Oberti do Amaral Ruschel (IFRS)

Diagramação

Sandra Veroneze - Pragmatha Editora

\\Revisão de texto

Áurea Maria Brandão Santos

Bianca Deon Rossato

Denise Escher

Elisabete Costa da Silva

Everton Felipe Tenório da Silva Santos

Fabiana Santos Oliveira

Ivone Teixeira

Kelen Rigo

Mayara Corrêa Tavares

Michelle Espíndola Batista

Naiara Santana Pita

Pedro Panhoca da Silva

Renata Cecilia Estormovski

Tatiana Prevedello

Tiago Jesus dos Anjos

Viviane Cristina de Mattos Battistello

Willian Barbosa Caetano

\\Endereço

Rua General Osório, 348 - Sala 601 - Centro

CEP: 95700-086 - Bento Gonçalves/RS

Telefone: (54) 3449-3370

viverifrs@ifrs.edu.br

<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>

Os relatos de experiência publicados nesta edição são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre o seu conteúdo à Revista Viver IFRS ou ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Os relatos podem ser reproduzidos total ou parcialmente, desde que a fonte seja devidamente citada e seu uso seja para fins acadêmicos.

Editorial

Esta é a 4ª Edição da Revista Viver para a qual tenho a honra e a satisfação de escrever o editorial. Geralmente essa escrita é uma das últimas fases da “confeção” da revista, pois é importante já ter uma visão da edição completa. Assim, particularmente, considero a escrita do editorial como uma festa, como a coroação do trabalho de toda uma equipe que se empenhou para a criação do produto final que é uma nova edição da revista, pela qual temos tanto carinho e apreço. Bom, se encaramos toda nova edição como uma festa, o que dizer da 10ª edição?

Ao rever a primeira edição publicada em agosto de 2013, reli as palavras da nossa querida ex-reitora Cláudia que, a época do lançamento da revista, afirmou: “quando estamos na sala de aula, sabemos que aquilo que trabalhamos com nossos alunos somente se transformará em algo efetivamente produtivo quando eles puderem comunicar e produzir algo com o conhecimento adquirido. A criação da revista Viver IFRS é uma das nossas formas de ação, trazendo a integração entre IFRS e sociedade para dentro da nossa práxis. Que ela possa servir como uma forma de comunicar nossas práticas, provocar novas reflexões, criar novas metodologias, propor novas formas, rever nossos conceitos.... Que ela possa servir para mostrar à sociedade a riqueza e a grandeza de uma Educação que se preocupa com a inclusão... Que ela nos instrumentalize e nos propicie a boa prática da comunicação..”

Nesta edição comemorativa a Cláudia, juntamente com a Viviane, que era a Pró-Reitora de Extensão do IFRS quando do lançamento da revista, são nossas entrevistadas. Me cabe aqui destacar uma fala da Viviane, feita no Editorial de 2013 e muito atual: “no contexto da Extensão, que implica no ato de “extender” a quem necessita e expandir para fora dos limites institucionais, a divulgação assume primordial importância. O simples ato de socializar os saberes, as ações e seus resultados, sem sombra de dúvidas, altera o estado de espírito do leitor que, ao se apropriar de ideias e situações, passa a modificar uma realidade, colaborando, assim, para o desenvolvimento local e regional em que vive.”

Nesse sentido é muito gratificante saber, ao chegarmos à Edição nº 10 da Revista Viver IFRS, a qual será composta por dois volumes, que estamos fortalecendo e engrandecendo a nossa revista da Extensão a cada nova edição, ao mesmo tempo em que mantemos a sua essência enquanto veículo promotor da divulgação das ações extensionistas realizadas no âmbito do IFRS e dos demais Institutos Federais do estado, bem como de suas comunidades de abrangência.

Como mencionado anteriormente, nesta edição temos dois volumes. A edição comemorativa, volume 1, traz 28 relatos de experiências escritos pelos/as ‘Extensionistas Destaque’, que foram escolhidos(as) em função de suas trajetórias nos caminhos da extensão do IFRS nos últimos cinco anos. Já no segundo volume são apresentados 20 relatos, contemplando também um Instituto Federal parceiro e duas ações intercâmbio.

Ou seja, a Revista Viver IFRS chega a seu 10º aniversário com fôlego de principiante, mas, com uma bagagem que foi edificada por cada um e cada uma que fizeram e continuam a fazer parte da extensão do IFRS.

Vida longa à Revista Viver IFRS!

Boa leitura!

Marlova Benedetti
Pró-reitora de Extensão

Sumário



ENTREVISTA



8

10 anos de Viver IFRS: a história da extensão da instituição com Cláudia Schiedeck Soares de Souza, reitor do IFRS no período de 2009 a 2015, e a professora Viviane Silva Ramos, pró-reitora de Extensão do IFRS de 2011 a 2018



EXTENSIONISTAS DESTAQUE

20 Experiências Extensionistas: um breve relato

Sérgio Almeida Migowski



24

Extensão: uma vivência para toda a vida
Vanderlei Nestor Koefender



27

Descarte adequado de e-lixo
Lis Ângela De Bortoli



31

Relato: Dez anos de extensão
Raquel Margarete Franzen de Avila



37

Um breve relato das ações extensionistas desenvolvidas nos meus 8 anos de IFRS - Campus Canoas

Raquel Margarete Franzen de Avila e Jaqueline Terezinha Martins Correa Rodrigues



41

A equoterapia como um projeto de extensão institucional
Marcos Antônio de Oliveira, Andrey Vargas Tamanho e Gainete Santos Marques



47

Fazer extensão com a certeza da plenitude da docência

Vivian Treichel Giesel



50

Um relato de experiência extensionista

Sidnei Dal'Agnol

55 Prática para a Formação da Identidade Extensionista

Jefferson Haag



58

Um relato da prática extensionista com criadores de abelhas

Renata Porto Alegre Garcia



66

A extensão como uma sinergia de saberes e práticas

Maurício Polidoro



71

Programa Permanente do Ensino de Línguas e Literaturas – PROPEL: 10 anos de existência

Cláudia Silva Estima e Cristina Rörig Goulart



77

Cursos de extensão a distância promovidos pelo Campus Avançado Veranópolis: contribuições para o cumprimento da missão do IFRS

Denise Genari

84 Extensão: o ser, o conhecer e o fazer

Alcione Jacques



88

Orgulho de ser extensionista do IFRS – Campus BG

Sirlei Bortolini

92 Fazer extensão: contribuições de experiência profissional através de projetos

Marlova Elizabete Balke



98

Entre músicas, escolas, coletivos: extensão e criatividade no IFRS

Nicholas Fonseca



102

Sobre sementes e caminhos: o Judô no IFRS Campus Osório

Felipe Parisoto

107 A trajetória de uma professora de Matemática pela extensão do IFRS – *Campus Caxias do Sul*

Kelen Berra de Mello



Esperançar com a extensão

Helen Scorsatto Ortiz



Percepções acerca da experiência extensionista com arte no IFRS

Viviane Diehl, Lilian Cordeiro Xavier Cordeiro, Maria Júlia Hünning Ehlert e Márcia Regina Becker

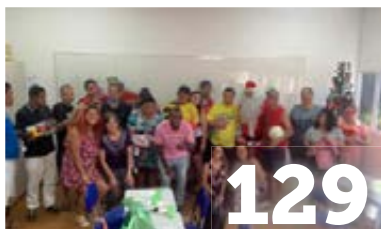


A trajetória do Projeto de Extensão OfCine no IFRS – *Campus Rio Grande*: produção cinematográfica, arte e cultura

Raquel Andrade Ferreira

125 Ações de Extensão com Imigrantes e Refugiados

Minéia Frezza



Vivendo a comunidade acadêmica através da extensão

Cristiane Silva Esteves



Um Clube Social Negro em um rograma de Extensão: Associação Satélite Prontidão, Resistência e Ancestralidade

Karla dos Santos Guterres Alves



Extensão Agroecológica no IFRS *Campus Rolante*

Adriana Regina Corrent e Jeferson Mateus Dariva



Um relato de gratidão: a extensão como prática profissional

Thais Teixeira da Silva



A vida me conduziu para a extensão agroecológica

Cláudio Fioreze

\\ Entrevista



com

Cláudia Schiedeck Soares de Souza

reitora do IFRS no período de 2009 a 2015

Viviane Silva Ramos

pró-reitora de Extensão do IFRS de 2011 a 2018

10 anos de Viver IFRS: a história da extensão da instituição

Entrevista

Alessandra Aragón Nevado e Rossana Zott Enninger

Criada em 2013, a “Viver IFRS” retrata a trajetória da Extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Em seus 10 anos, falou de inclusão e acessibilidade, de internacionalização, empreendedorismo, meio ambiente e sustentabilidade, de ações afirmativas, dos desafios e perspectivas da extensão e sua curricularização e, durante a pandemia, como se reinventou e contribuiu no combate à Covid. O ser extensionista e o fazer a extensão nas comunidades dos seus 17 *campi* estão nos

diversos relatos de experiências de servidores e estudantes da instituição.

Para refletir sobre isso, a Revista Viver IFRS traz nesta edição uma entrevista com professora Cláudia Schiedeck Soares de Souza, reitora do IFRS no período de 2009 a 2015, e a professora Viviane Silva Ramos, pró-reitora de Extensão do IFRS, de 2011 a 2018. As primeiras gestoras do IFRS, hoje aposentadas, relataram como surgiu a Revista Viver IFRS, a construção das primeiras edições e a participação da comunidade acadêmica na constituição da revista.

Revista Viver IFRS - A revista tem como objetivo principal divulgar as ações de extensão desenvolvidas pelo IFRS nas suas comunidades de abrangência. Por que criar e desenvolver uma revista que contemplasse as ações de extensão do IFRS? Como surgiu e qual foi a participação da gestão nesse processo?

Viviane Silva Ramos - A revista surgiu com esse objetivo principal, divulgar as ações de extensão desenvolvidas pelo IFRS nas suas comunidades de abrangência. Eu cheguei na Pró-reitoria de Extensão (Proex) em outubro de 2011, como pró-reitora e no dia 26 de outubro daquele ano foi sancionada a lei do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Neste momento, generosamente me disseram: toma que é contigo. Além de ter que aprender tudo da extensão, já que eu recém tinha saído de uma direção-geral de *campus*, que é completamente diferente, tive também que tocar um programa do porte do Pronatec, que cada vez crescia mais. A coordenação geral do Pronatec foi assumida pela professora Tânia Jurema Flores da Rosa Aiub, naquela época do *Campus* Osório e hoje do *Campus* Viamão. Com a vinda dela para a Proex iniciou-se a divulgação do Pronatec e se percebeu a dificuldade de explicar o que era o Instituto, de apresentá-lo para as comunidades, de divulgar nossos cursos em unidades remotas, que eram cursos fora de sede. Por ser o Instituto muito novo, ninguém sabia nada, ninguém conhecia os Institutos Federais. Com esse problema, ela sugeriu: “Vivi, quem sabe criar um portfólio?”. A ideia era essa, “um portfólio de



📍 **Figura 1.** Professora Cláudia Schiedeck Soares de Souza, reitora do IFRS no período de 2009 a 2015. Fonte: Acervo pessoal.



📍 **Figura 2.** Professora Viviane Silva Ramos, pró-reitora de Extensão do IFRS, de 2011 a 2018. Fonte: Acervo pessoal.

ações de extensão, para mostrar para essas comunidades o que era o Instituto Federal e o que a gente estava fazendo”. Essa ideia me abriu uma luz, porque além desse objetivo que ela trouxe, eu pensei que era uma ótima alternativa para mostrarmos para nossa instituição o que é a extensão. Até então os Institutos Federais, as instituições federais da rede faziam o ensino muito bem, de muita qualidade e um pouquinho de pesquisa. Mas a extensão era uma novidade e, por ser novidade ela era deixada em segundo plano, não só pelo IFRS, mas pela rede federal toda, pelo Conif, que é o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Nos sentíamos desprestigiados, vamos dizer assim. Então, essas duas necessidades foram importantes para criação da revista. E paralelo a isso, eu participava de dois fóruns de pró-reitores de extensão, um que era o nosso, do Conif e da Rede Federal, que é o Forproext, e o Forproex, que é o Fórum dos Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras e abrange todas as universidades federais, estaduais. Os institutos participavam desse fórum como convidados. O Forproex, fórum mais antigo e mais maduro, estava naquele momento discutindo a questão das revistas de extensão, comentando que, como a proliferação de revistas científicas de extensão foi muito grande, acabou-se perdendo qualidade e não se estava tendo material para abastecê-las, porque cada universidade tinha a sua revista que podia ser aberta para qualquer pessoa escrever o seu artigo científico. Eram muitas revistas científicas e estavam achando que algumas teriam que fechar porque não tinham artigos que dessem conta para montar as publicações. Com a nossa necessidade de divulgar a instituição, de valorizar a extensão, e ao mesmo tempo de não criar uma revista científica, porque o fórum estava nos pedindo isso, pensamos que uma revista de divulgação das ações de extensão, só com relatos de experiências, e alguns artigos de entrevistas com convidados, era um modelo que viria a calhar para a nossa demanda. A Viver IFRS foi criada para essa finalidade e surgiu como uma ideia da professora Tânia, conversando com as comunidades de abrangência do IF e a gestão. Qual foi a participação da gestão nesse processo? Quando a

Tânia trouxe a ideia, a gestão da pró-reitoria de extensão a abraçou e conseqüentemente a gestão do IFRS, com a professora Cláudia como reitora, que abraçou também, porque ela avalizava todas as minhas decisões.

Cláudia Schiedeck Soares de Souza - Eu me lembro quando a Viviane veio me falar da revista, porque nós estávamos em um momento de constituição dos Institutos Federais, nós tínhamos pouca vinculação com a identidade dos IFs. Nós tínhamos muita vinculação ainda com as identidades de *campus*, com a cultura institucional de *campus*, que sim, faziam alguma coisa de extensão, mas nada sistematizado. Quando a Viviane trouxe a ideia, eu disse que era ótima porque nós poderíamos sair do amadorismo, da falta de sistematização e passar justamente a trazer para as pessoas os relatos de experiências vividos pelas comunidades, mas de uma forma já mais sistematizada. Porque isso que a Viviane coloca é real. Nós não tínhamos nada quando começamos, não tínhamos regulamentação de extensão, pesquisa, ou de ensino. Cada *campus* fazia de um jeito, não tínhamos nada unificado, processos unificados. Sertão trabalhava com extensão, mas trabalhava dentro da sua lógica, da sua comunidade, Bento Gonçalves a mesma coisa. Eu percebi ali uma grande oportunidade para começarmos a desenvolver a extensão dentro do Instituto Federal e dar visibilidade para isso de uma forma não necessariamente científica, mas mais acadêmica, mais formalizada. Porque isso também é importante. Não é só ter uma ideia, é importante que as pessoas saibam que você tem um projeto, você tem que apresentar isso para o *campus*, tem que pensar em resultados, porque senão fica muito amador, e queríamos dar um outro caráter para isso. Então, eu não conheço, não sei como estão as experiências no resto do Brasil, mas eu lembro que na época isso foi uma inovação também para dentro do Instituto Federal. Muita gente tinha pensado em revistas acadêmicas, científicas, de pesquisa, mas pouco se pensava na questão da extensão.

Viviane - Complementando, nós não queríamos uma revista que poucas pessoas tivessem acesso, que fosse uma leitura chata, monótona. Queríamos uma revista de fácil leitura, que estivesse espalhada por todos os nossos *campi*, nos vários setores, nos nossos parceiros, nas prefeituras, secretarias de educação dos municípios de abrangência, nas instituições que tínhamos parceria em função do Pronatec. As revistas com edições impressas, as dos primeiros quatro volumes, tinham uma temática norteadora que não necessariamente eram tema da revista, mas da entrevista e do artigo. Ela tinha que ter essa amistosidade com o público, que o público gostasse de ler, que fosse uma leitura aprazível, cativante. Nesse sentido, não podia ser uma revista científica, tinha que ser uma revista no estilo magazine.

Viver - Na primeira edição da revista, Cláudia falou que a rede, por completar a 5 anos em dezembro de 2013, estaria em um período de necessidade de discussões, diálogos e de se pensar sobre "o que somos e o que queremos ser". E destacou a necessidade da participação de todos na construção da identidade da instituição. Qual a importância dessas reflexões e do servidor se sentir parte da construção dessa instituição e dessa revista?

Cláudia - Na realidade, eu vou começar por mim, mas acho que essas são reflexões que cabem ainda hoje, porque a verdade é que o Instituto não é um projeto acabado e se você não tiver reflexão e não tiver senso de pertencimento, o que vai acontecer é que você fragiliza a cada crise política, a cada crise econômica que tem no país. As ameaças que a educação pública, em especial os Institutos Federais sofrem, são enormes. Portanto, obviamente acaba tendo solavancos e alguns desses solavancos você pode inclusive desvirtuar o caminho. Com isso eu quero dizer, eu acredito que o Instituto Federal

nasceu com um objetivo, com um foco, que é extensão, pesquisa, ensino articulados e também muito vinculado ao ensino médio integrado, que é isso que faz a diferença. O que a gente ouve fora dos muros do Instituto Federal é que nossos alunos egressos do ensino médio são alunos diferenciados nas universidades. Eles fazem a diferença, eles são diferentes. Eles chegam sabendo o que é um projeto, sabendo fazer extensão, sabendo o que é pesquisa, eles vêm com um cabedal de informações e de conhecimentos muito superior, muito acima da média dos outros alunos que ingressam nas universidades. E por isso eles são reconhecidos, muitos deles têm destaque nas universidades onde estão. Então, quando eu falo em reflexão dos servidores é em cima dessa prática, é fazer com que o servidor olhe para as experiências, para que olhe aquele projeto de extensão e possa se perceber ali e perceber o seu *campus* numa oportunidade como aquela. “Eu tenho aqui uma situação que eu poderia, de repente, fazer um projeto de extensão e desenvolver isso com os meus alunos, nesta comunidade”, pode não ser com o mesmo tema, porque depende muito da conjuntura de cada *campus*. Mas a verdade, é que sem reflexão a gente será meramente um reprodutor do que tem no sistema, do que o sistema nos apresenta. Então nós precisamos refletir. Claro, a revista não foi a única ação prática que se colocou de reflexão sobre a questão dos institutos, teve o SAS, que era justamente aquele seminário de integração, seminário de discussão entre os servidores de todos os *campi*, que a gente conseguiu fazer duas vezes. Mas que não prosperou porque não tínhamos mais recursos, entramos numa fase de contenção de recursos e não conseguimos mais depois realizar. Assim, não basta nos transformarmos ou transformarmos a nossa prática em uma réplica das universidades federais, porque isso não nos garante sobrevivência. Nós seremos só mini universidades, e nós não queremos isso. Nós queremos ser uma experiência inovadora de ensino, e para isso precisamos fazer com que todos reflitam, com que os servidores se qualifiquem, que eles possam em suas práticas refletir sobre suas ações. E para isso precisamos criar meios para que eles também expressem para toda comunidade os resultados e as suas próprias reflexões. A revista acaba sendo meta reflexiva, porque ela mostra a reflexão que o servidor fez ao longo do seu projeto de extensão e isso acaba gerando nas outras pessoas que leem também um processo de análise. Então eu acho que essa é a base do projeto do IF. É podermos fazer esse tipo de ação, ou de prática, que faça com que o Instituto cresça em termos pedagógicos, em termos de reflexão científica.

Viviane - A identidade da instituição tem que ser sempre construída e reforçada. Nós que estávamos presentes nas discussões iniciais da concepção dos IFs, sabíamos qual era, porque o Instituto estava vindo. Nós sabíamos o que o Instituto tinha que ser, o que ele precisava cuidar, de que forma ele podia ser diferente das universidades. Não era uma proposta igual a das universidades, não era uma mini universidade, como a Claudia falou. Nós sabíamos, mas a comunidade acadêmica não sabia. E como a comunidade acadêmica, os servidores técnicos administrativos e os professores, especialmente os professores, vêm da universidade, eles querem reproduzir o que eles viram na universidade, a formação deles é essa e era preciso mostrar uma outra forma de fazer ensino, pesquisa e extensão que não é a forma que a universidade faz. Outra coisa que eu queria comentar sobre a questão da identidade é que a gente precisava que os servidores entendessem a função institucional e vestissem a camiseta, se sentissem parte do Instituto. Só assim eles iriam defender a instituição em qualquer situação de ameaça, como a Claudia bem falou. E nesse ponto entra o ensino médio integrado e a extensão, porque é pelo ensino médio integrado e pela extensão que a comunidade externa defende o projeto dos Institutos Federais, que é quem recebe o atendimento. É pelo ensino médio integrado porque os pais são muito presentes, e além de tudo que a Claudia já elencou, traz os pais para dentro da instituição. E a extensão traz a comunidade, aquela que está sendo atendida lá, aquela vila, aquele bairro, aí eles conhecem um outro viés da instituição e são eles que vão defender o projeto dos Institutos Federais em qualquer situação de caos político ou econômico. Então essas são as reflexões

que são importantes e a revista favorece isso, porque a partir do momento que você publica o que está fazendo na instituição, está mostrando para a comunidade interna, para os colegas de outros *campi* e para comunidade externa, o que é o Instituto Federal.

Viver - Como surgiu o nome da revista e qual é a relação dela com o 2º Seminário Anual de Servidores (SAS) do IFRS?

Viviane - A primeira edição da revista foi uma edição especial, porque ela não era uma revista de extensão, ela foi só um registro do 2º SAS. A ideia da revista foi lançada no 2º SAS. Inclusive, no 2º SAS os servidores puderam escolher o nome da revista e o layout da capa da revista. Então aquela capa impressa em vermelho que vocês conhecem dos quatro primeiros números, foi uma escolha dos servidores que estavam presentes no seminário. Tínhamos várias opções e um painel eletrônico para as pessoas votarem. No final do evento apuramos o resultado e o nome vitorioso foi “Viver IFRS”. Queríamos passar uma ideia de que o IFRS era a vida do servidor e a extensão também, claro. E aquele layout, com o tempo, fomos aperfeiçoando. Fomos para o Portal de Periódicos depois que a revista passou a não ser mais impressa e então nossos colegas, o programador visual Oberti Ruschel do Amaral e a publicitária Mariângela Barichello, fizeram um novo layout para revista, uma nova concepção. O nome e o layout da revista são escolhas dos servidores da época no segundo SAS.

Viver - E nessa primeira edição o que apareceu foi uma cobertura do evento?

Viviane - A primeira edição, como era um lançamento e nós precisávamos registrar aquele evento, usamos a revista para divulgar tudo o que tinha acontecido, ele ficou como um documento histórico daquele evento. Depois, a partir do segundo número, ela começou a cumprir o seu papel.



📌 **Figura 3.** Viviane apresentou no 2º SAS o resultado da votação dos servidores que definiu o nome da revista como “Viver IFRS”.

Fonte: Departamento de Comunicação (2013).



📌 **Figura 4.** Cláudia conduziu a plenária para socialização das conclusões das mesas temáticas e o encerramento do 2º SAS.
 Fonte: Departamento de Comunicação (2013).

Viver - Na segunda edição da revista, em 2014, Viviane salientou: “[...] a Viver IFRS, que chega a você, leitor, é fruto do trabalho voluntário e comprometido de um grupo de servidores que compõem a Comissão Editorial que a idealizou, dedicando uma significativa parcela do seu tempo no planejamento, na organização e na elaboração deste e dos próximos números”. Viviane também reforçou que a proposta da revista só seria possível e lograria êxito se a comunidade acadêmica extensionista, composta de docentes, técnicos administrativos e estudantes abraçasse a ideia e encarasse o desafio de abastecê-la com a divulgação de seus trabalhos. Quais foram os principais idealizadores da Viver IFRS? A comunidade acadêmica abraçou essa ideia? Qual a importância da participação dos estudantes?

Viviane - Os principais idealizadores foram a Tânia, que trouxe a ideia, com apoio da gestão. De certa forma a comunidade abraçou a ideia, porque conseguimos fazer. Nós não conseguimos fazer como ela tinha sido projetada, com edições semestrais, mas não porque a comunidade acadêmica não abraçou, não é isso, mas porque não tínhamos fôlego. A Pró-reitoria e o comitê editorial não tinham fôlego para montar. É um trabalho bem puxado, não tínhamos condições, tínhamos poucos servidores, não tinha ninguém responsável unicamente pela revista, como acho que tem hoje. A Silvia Schiedeck, responsável pela Viver IFRS ao longo do tempo em que eu estive a frente da Pró-reitoria de Extensão foi uma pessoa muito importante nesse processo, mesmo ela não estando na Pró-reitoria de Extensão, estando no departamento de Comunicação. Ela era a pessoa que centralizava, que coordenava tudo. Nós não tínhamos sistema na época, era tudo por e-mail. Era a Silvia que controlava os e-mails, mandava para o avaliador, mandava de volta, ela que conduzia isso muito bem, um trabalho louvável. A comissão editorial era a comissão que selecionava o que era plausível para entrar na revista, o que estava de acordo com a concepção da revista. Vinha muita coisa que não tinha nada a ver com extensão, que não tinha a ver com relato de experiência, que eram artigos científicos

mesmo. As pessoas queriam publicar, elas tinham essa necessidade de publicar, por conta da própria avaliação da carreira, então a comissão editorial fazia esse filtro. Uma representante do comitê de extensão na época era a professora Cibele Schwanke, já falecida, que fazia um trabalho maravilhoso, porque ela era talvez, naquele momento, a pessoa que mais entendia de extensão no IFRS. Ela foi escolhida pelo comitê de extensão para ser a representante do comitê. Tinha o pessoal da Pró-reitoria, o pessoal da Comunicação, enfim, esse era o comitê editorial na época, que trabalhava de forma muito comprometida, muito dedicada e voluntária. Porque na verdade o envolvimento deles, a atribuição de cargo deles não era essa, isso tudo era feito às vezes até extra horário. Sobre a importância da participação dos estudantes, é para eles que existe a instituição. E a extensão tem que ser vista como um pilar fundamental na formação dos estudantes. O estudante extensionista, a exemplo do que a Cláudia falou antes dos alunos do ensino médio integrado, tem uma outra qualidade de formação. Ele enxerga o mundo de um outro prisma, é completamente diferente do estudante que não faz extensão, que não está com o pé na comunidade, que não sente os problemas que existem fora da instituição. Então a participação dos estudantes é muito importante. Acho que os estudantes precisam participar muito, sempre. Que bom que a gente tivesse ações de extensão para todos os estudantes participarem, que contemplassem todos, infelizmente não temos. E o aluno que faz extensão tem um outro olhar para tudo, seja no esporte, nas artes, na cultura, no meio ambiente, em qualquer área que ele atue da extensão, em qualquer eixo da extensão que ele atue, ele é muito diferenciado dos demais.

Viver - De acordo com o Portal de Indicadores da Extensão do IFRS (ifrs.edu.br/extensao/acoes-de-extensao/indicadores), em 2010 foram realizadas 273 ações de Extensão na instituição. Em 2013, ano da primeira edição da revista, foram 443 ações, com um acumulado de 1.557 ações desde 2010. O número de ações em 2020, último registro apresentado, foi de 611, com um acumulado de 5.446. Como a revista tem colaborado para divulgar essas ações ao longo dos 10 anos?

Viviane - A extensão cresceu muito, ela foi institucionalizada, ela ganhou orçamento próprio, ela passou a ter regulamentação para tudo, porque era tudo feito sem sistematização como a Claudia falou.

Cláudia - Era no amadorismo, não no amadorismo, eu diria no espontaneísmo, “ah eu quero fazer um projeto e vou fazer”.

Viviane - Os eventos, por exemplo, não eram registrados. Eles eram criados assim, “ah vou fazer uma palestra para alunos sobre determinado tema” e não se registrava nem certificava. Então tudo isso, que não tem nada que ver com a revista, mas a gente foi organizando, implementando essas regulamentações e é claro, a extensão começou a ter forma, a ter corpo, a ser importante tanto no contexto institucional quanto na formação dos estudantes. E também teve aquela questão que a gente estava sujeito a receber orçamento em função do que produzia na extensão. Nós estávamos nos preparando para esse momento, que era receber recursos da matriz Conif, conforme a nossa produção interna. Tínhamos um problema nesse sentido que era a sistematização. Cada um usava um sistema diferente, a gente usava o SIGProj, em outros institutos era outro sistema. Então tínhamos essa dificuldade de resolver a questão da confiabilidade dos dados, pois eram sistemas diferentes. Tudo isso foi um conjunto de iniciativas que construímos e a revista deu conta de dar visibilidade, de motivar. Todo mundo começou a ver que era importante não só fazer, como registrar o que se faz, tanto no sistema acadêmico que a gente usava quanto na revista. Muitas coisas as pessoas até não

registravam, não temos relatos para todas essas ações ao longo dos 10 anos, mas acredito que as mais importantes estão registradas.

Viver - Como vocês avaliam que a diversidade dos *campi* tem colaborado para o desenvolvimento de uma instituição plural e como isso foi retratado ao longo dos anos na revista?

Cláudia - Na realidade, o nosso grande desafio enquanto instituição sempre foi dar conta da diversidade dos *campi* e da relação com as suas comunidades, porque quando a gente olha para um *campus* como Viamão, Restinga, Ibirubá, Bento, Caxias, Erechim, Rio Grande, Farroupilha... cada um está inserido em uma comunidade, cada um com seus problemas e as suas dificuldades e a sua diversidade. Porque nós vivemos numa situação que cada um acha que é o mais importante, acha que o seu *campus* tem o pior problema do mundo, precisa de mais recurso para extensão, mais recurso para pesquisa, mais recurso para isso, essa é a disputa do cotidiano da gestão do Instituto Federal. E qual é a grande contribuição que eu acho que a revista trouxe para essa questão da diversidade: aproximar os *campi* num objetivo único, você trabalha com um espaço único, igual para todo mundo, para que todos possam relatar suas experiências, relatar a sua diversidade. É como se tivéssemos falando aquele antigo lema de quando começamos, é a unidade na diversidade, precisamos criar uma unidade. E como criamos essa unidade? Tendo programas comuns, ações comuns, mas repercutidas dentro das suas diversidades. As pessoas brincavam com a gente “ah, mas isso é uma loucura, uma utopia”. Não, não é uma utopia. Você faz, é difícil construir, exige muito diálogo, muita construção, o que ocorreu também na formatação da revista. Qual é a grande dificuldade? É que quando você tem que construir uma solução que abranja a diversidade de todos os *campi*, isso leva muito mais tempo e às vezes os diretores de *campus* ou as pessoas responsáveis pela gestão do *campus* não querem contribuir para a unidade. Porque é demorado, é dificultoso, é dialogado, você constrói um dia aqui e no outro dia tem que voltar e dizer não é mais assim, tem que ser de outra forma para contemplar outro *campus*. Essa é a grande dificuldade da diversidade, de trabalhar com a unidade na diversidade, mas também é a coisa mais bonita que tem. E quando você consegue construir, você consegue elaborar uma revista que propicia um espaço igual para todas as ações de extensão, todos os relatos de experiências, para todos aqueles que querem contribuir para extensão, eu acho que é um objetivo que se atinge. É uma coisa que você faz e pensa assim: deu resultado. E a revista está aí, ela está fazendo 10 anos e significa que ela está consolidada como uma revista de extensão, porque senão ela não teria durado tanto tempo.

Viviane - Eu endosso suas palavras, Cláudia, é bem isso. É muito difícil a gente trabalhar com essa diversidade de tudo, de realidades, em todos os sentidos, o nosso Instituto é muito rico nessa diversidade. Porque temos *campi* essencialmente agrícolas, como é o caso do meu, Sertão, que é um *campus* na zona rural, com alunos morando dentro da instituição, com área de terra para produzir, como é o caso de Sertão, Bento e Ibirubá, e além de tudo isso, de todas essas questões de infraestrutura diversas, a gente tinha também a questão da vocação regional. Nós precisamos atender a vocação regional, fomos criados para atender os arranjos produtivos locais. E como nós estamos espalhados de norte a sul, de leste a oeste do Rio Grande do Sul, temos realidades muito diferentes nas regiões onde estamos sediados. A diversidade é muito grande, mas também muito rica, e precisávamos construir uma instituição que fosse única com toda essa riqueza da diversidade. Nas reuniões com os diretores, cansamos de usar a expressão “não somos uma confederação de *campus*, somos um IF”, cada um precisava ceder um pouquinho para a constituição, para a identidade institucional que tem que ser única. E como isso foi retratado ao longo do tempo na revista? O primeiro número vocês viram que

foi um relato do SAS, mas o segundo número era para ter tido um espaço reservado para cada *campus* publicar o que fosse mais relevante em termos de extensão, seja um calendário de eventos, seja o relato de alguma coisa que aconteceu. Era para ter uma seção para cada *campus*, e isso não aconteceu. Porque assim como tínhamos *campus* que queriam mostrar a sua realidade, o que estavam fazendo, outros não tinham interesse. Então do segundo para o terceiro a gente mudou totalmente, mudou as seções da revista, começamos a trabalhar com relato, entrevista e artigo com convidados sobre o tema da revista, que foi a forma que mais deu certo. No momento que cada um tem liberdade para mostrar o que está fazendo, está colaborando para divulgar seu *campus*, as suas ações, ao longo desse tempo todo. Então acredito que a revista é um dos equipamentos que temos para poder construir, desenvolver essa instituição plural, assim como todas as outras revistas, não só especificamente a Viver IFRS. Tudo que você tem para juntar o que se produz no instituto, o que meu colega de Rio Grande faz para eu poder saber aqui em Sertão ou em Erechim; o que eu faço em Bento para o colega de Osório poder saber, tem que ser através das publicações e dos eventos, como o caso do Salão.

Viver - Quais as principais mudanças que vocês identificam na revista Viver IFRS, de 2013 até agora, desde o seu projeto gráfico, temas abordados? Na verdade vocês já falaram um pouco, mas o que mais teriam a destacar nesse sentido?

Viviane - Já foram publicadas nove edições, cinco na minha gestão e quatro depois. O projeto visual, toda a questão gráfica foi mudada totalmente, a forma de divulgação foi mudada. Uma vez tivemos recurso para imprimir e depois não tivemos mais. Tivemos que publicar na plataforma. A perda disso, para mim, é significativa, porque a revista impressa chegava em mais lugares, alcançava mais pessoas. A Claudia, por exemplo, ia para uma reunião em Brasília com os reitores, levava uma revista e distribuía para os 38 institutos Federais e mais os Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets). Assim, todo mundo tinha acesso às nossas ações, ao que estávamos fazendo. Com a plataforma é muito fácil de gerenciar, é muito legal, mas ela ficou mais inacessível, no meu ponto de vista. Sobre os temas abordados, a revista na nossa época era por temática, por pilar da extensão. Eram abordadas a questão da acessibilidade e da inclusão, a questão do meio ambiente, da internacionalização, que foi o terceiro número. Escolhíamos um tema importante para o artigo principal e uma pessoa para entrevistar, que dominasse aquele tema. Achei bem louvável a questão da divulgação do que foi feito durante a pandemia de Covid. Acho que foi um tema muito bem pensado e escolhido.

Cláudia - Eu acho que a revista passou por uma adequação normal, de layout mais moderno para atingir mais as pessoas, ela ficou mais colorida. Acho que as mudanças são necessárias. Como estamos afastadas da gestão já faz algum tempo, fica difícil a gente entender os motivos das alterações: abertura para público externo, colaboradores de outros institutos, também das vivências de ações indissociáveis. É importante a gente entender porque houve essa alteração. Se há necessidade de interagir coletivamente com os outros institutos e outros colaboradores.

Viviane - O projeto gráfico dela foi uma das melhores, das maiores inovações que a gente fez, deixou a revista linda, pena que ela não é mais publicada impressa.

Cláudia - Nesse aspecto eu concordo contigo (Viviane). Uma das coisas que mais compartilhamos no CONIF, nas reuniões do Conselho dos Reitores, eram as publicações e coisas feitas pelas outras instituições. E isso sempre agregava, porque olhávamos uma coisa e dizíamos assim: que legal, o Instituto lá do Sergipe está fazendo isso, o Instituto do Distrito Federal está fazendo aquilo, quem sabe possamos fazer também. Vamos ver, discutir. Era interessante, a gente acabava fazendo um

processo de benchmarking. Era para dentro dos institutos, mas era legal, porque fazia com que as pessoas olhassem e dissessem: “Que interessante, eu quero conhecer essa experiência!”. Que é uma das coisas mais ricas que fazemos em rede: o compartilhamento de experiências. Eu acho que é importante compartilhar experiências entre os institutos federais, porque aprendemos muito. Muitas vezes um *campus* que tem uma realidade, por exemplo do IFSUL, pode ter a mesma realidade de um *campus* nosso, em termos de cidade, de economia, de desenvolvimento regional. Mas o importante é que isso chegue, porque a revista digital acaba não tendo a mesma circulação. Por exemplo, imagina o impacto que tem uma revista publicada fisicamente dos três institutos, nas entradas das unidades. Para quem chega, para quem manuseia a revista, para quem lê. Virtualmente ela provavelmente não tem a mesma entrada nas comunidades, que era um dos objetivos principais. Porque as pessoas não acessam. A publicação física da revista era uma coisa muito interessante que se perdeu. É uma mudança que traz prejuízo à ideia original.

Viviane - Sim, eu quero ressaltar que essa publicação da revista na plataforma de periódicos do IFRS aconteceu ainda na minha gestão, com meu aval. Achei excelente a ideia, foi ótima. Mas falta a publicação física, ou seja, ela tinha que ser publicada das duas formas.

Viver - Essa questão das ações indissociáveis que agora podem ser compartilhadas pelos estudantes e servidores de qualquer uma das três instituições do RS. É uma forma de tentar reforçar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de tentar reforçar a importância da extensão?

Viviane - A indissociabilidade teria que ocorrer em todas as ações de extensão. Isso não tinha que ser exceção, tinha que ser regra na ação de extensão. Eu acho que é fundamental que as vivências de ações indissociáveis estejam dentro da nossa revista de extensão. Que bom se toda a nossa revista de extensão fosse de ações indissociáveis. Porque a extensão é um dos pilares da educação, junto com a pesquisa e o ensino, ela faz parte da formação do estudante. Todas as ações teriam que ser indissociáveis. Quando eu estava na Pró-reitoria, batalhava muito para explicar que a ação de extensão nasce de um problema que a gente detecta na comunidade. Aí, nós levamos esse problema para dentro da instituição e usamos a pesquisa para averiguar, para fazer diagnósticos, para procurar outras bases sobre aquele assunto, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo. Enfim, vamos ter que fazer pesquisas para resolver aquele problema. Assim, precisamos do pilar do ensino para nos ensinar a base daquele problema, o que precisamos para resolver aquele problema. Então acho fantástico, é uma evolução da revista que tem que ser aplaudida, que tem que ser louvada, porque o caminho teria que ser esse. Cada vez mais a gente termina com a extensão na caixinha individualizada e passa para a indissociabilidade. E as experiências dos outros institutos são muito importantes, a gente sempre aprende. Quando vamos a um evento aprendemos muito com a troca de experiências. É assim que funciona também com as instituições.

Cláudia - Na realidade não à toa que, por exemplo, dentro da Reditec¹ tem uma parte que se chama de boas práticas. O que são as boas práticas? Boa prática nada mais é do que trazer a vivência do cotidiano para compartilhar com os outros institutos, para que os outros vejam como a sua instituição fez. Muitas delas não são ações de extensão, são ações de gestão. Mas é isso, é como se aprende. Quando começamos, eu sempre dizia, temos que aprender com quem faz, quem não faz não tem nada para contribuir. Mas quem faz, precisamos saber como eles fazem, de que forma eles constroem, como

¹ Reditec: Reunião dos Dirigentes das Instituições de Educação Profissional e Tecnológica.

é que eles construíram isso coletivamente, como é que aprovaram isso no Conselho Superior, qual é a normatização que eles usam. Essa é a questão.

Viver IFRS - Quais as perspectivas para a Viver IFRS nos próximos anos?

Cláudia - Eu acho que o futuro da revista deve estar atrelado à questão do projeto e da lei dos Institutos Federais. Ou seja, nós não podemos abrir mão disso. Se nós abrirmos mão dessa configuração, ali na frente abrirmos mão de outras coisas. Então, nós não podemos perder de vista que a extensão é fundamental, é pilar fundamental dos Institutos Federais. Assim como a pesquisa, assim como a qualidade no ensino. Por isso nós temos que manter a revista viva. Nós temos que fazer, temos que incentivar, para que as pessoas publiquem.

Viviane - É isso aí! A minha perspectiva é que ela continue, que ela tenha vida longa e continue sendo aquilo que se propôs quando foi criada. Eu acho que é uma questão importante fazer coisas curtas, com fotos e com pouco texto, que as pessoas gostem de saber, mas não necessariamente queiram se aprofundar naquele assunto. Quais são as potencialidades do instituto, o que pode ser feito, o que está se fazendo? Eu achei um negócio legal lá, que o *Campus Feliz* fez. Bom, mas aqui a minha realidade é outra, mas eu posso pegar algumas coisas e propor aqui alguma ação semelhante, parecida.

\\ Extensionistas Destaque



Experiências Extensionistas: um breve relato

Sérgio Almeida Migowski¹

Ingressei na docência em uma instituição privada, já tardiamente, em 2012. Oriundo de experiências não acadêmicas, em meu início, envolvi-me com a construção de uma empresa júnior. Oriundo de experiências não acadêmicas, em meu início, envolvi-me com a construção de uma empresa júnior cuja missão era criar plano de negócios e dar assessoria a empreendedores reais. Para tanto, participaram desse projeto alunos de cursos diversos como administração, comunicação, design e contabilidade. O ganho de aprendizado era duplo: o aluno não só aplicava os conhecimentos teóricos de seus cursos, como também compartilhava seu aprendizado com os demais membros. Outro ganho não menos importante é que aprendiam a trabalhar em equipe.

Em 2015, ingressei no IFRS, *Campus* Osório, que tinha uma peculiaridade: apenas 40% dos alunos eram da cidade e os demais vinham do entorno. Com um auditório invejável, comecei a ministrar cursos voltados às comunidades externa e interna. Os temas eram bem variados: de metodologia da pesquisa científica, com dicas de como elaborar um trabalho de conclusão de curso, o famigerado e temido TCC, passando por como se comportar em entrevistas de emprego, até gestão de pessoas para pequenas empresas – uma característica daquela região.

Outro projeto de extensão que deve ser mencionado é o que foi desenvolvido junto ao Hospital Beneficente São Vicente de Paulo, de Osório. Em parceria com outros colegas do *campus*, ministramos cursos sobre motivação, relacionamentos interpessoais e indicadores de desempenho para os profissionais das áreas assistenciais, administrativas e de apoio. Ensinaamos novas formas de elaboração e cocção de alimentos, o que permitiu substancial economia de recursos, elevando a qualidade e a apresentação dos alimentos servidos a pacientes e funcionários. Como havia fornecedores com atraso nos pagamentos, promovemos, junto com as nutricionistas do hospital, um bingo para a arrecadação de fundos que foi um sucesso. Com o dinheiro arrecadado, até novos equipamentos foram adquiridos.

O êxito maior deste evento, entretanto, deu-se pelo empenho dos alunos que foram responsáveis por arrecadar os brindes dados no bingo, além de terem auxiliado na venda de cartelas e na preparação dos alimentos elaborados e vendidos naquela noite. Outros colegas do *campus* acabaram envolvendo seus alunos em projetos no hospital. Enquanto alguns alunos liam histórias duas vezes por semana para as crianças internadas, outros promoveram a coleta de brinquedos, livros e jogos para a brinquedoteca do hospital.

Essas experiências foram fundamentais para compreender o quão impactante podem ser as atividades de extensão tanto para alunos quanto para a comunidade externa e à própria instituição de ensino. Para os alunos significa consolidar *soft skills* como empatia, trabalho em equipe e responsabilidade social, além de aproximar a teoria da prática; para a comunidade significa compreender que pode ter acesso aos vários recursos de uma instituição federal que existe graças aos impostos

¹ Doutor em Administração pela Unisinos. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Vacaria.
E-mail: sergio.migowski@canoas.ifrs.edu.br

pagos por todos. Aliás, esta tem sido a maior dificuldade em fazer a extensão acontecer: as pessoas e instituições acreditarem que não há custos para elas. O hospital, por exemplo, levou três meses até permitir a nossa entrada.

Já os ganhos para o IFRS são inúmeros. Amplia o número de pessoas das comunidades que passam a nos conhecer e a desejar que seus filhos ou eles mesmos estudem lá, o que auxilia na divulgação da instituição. Aumenta o contato com as demais organizações, o que colabora não só para a contratação de nossos egressos, como também acabam abrindo suas portas para visitas técnicas, como foi o caso do hospital de Osório. Para seus servidores, participantes da extensão, as ações são uma remuneração indireta, pois proporcionam uma satisfação no servir às diversas camadas da sociedade, razão maior para a existência da palavra servidor. Para quem trabalha com o tema gestão de pessoas já está consolidada a correlação positiva entre a imagem da organização percebida pela sociedade e seu comprometimento e satisfação profissional.

De mudança para o *Campus* Canoas, mais próximo de minha casa, os projetos de extensão continuaram. Além de oferecer os mesmos cursos apresentados em Osório, outros foram incluídos: excelência no atendimento, voltado tanto para empreendedores quanto para quem desejava ou já trabalhava no setor de serviços; empreendedorismo e inovação, este ministrado de forma curta, sozinho, ou alongado, com outros colegas do *campus*. Até a pandemia, ministrava aulas de diversos temas, também através de projetos de extensão, para os alunos do Projeto Pescar, composto por jovens de 15 a 19 anos com alta vulnerabilidade social.

À medida que compreendíamos a dimensão dos impactos positivos que os projetos de extensão tinham na vida das pessoas, participei em outros projetos coordenados pela Profa. Jaqueline Rodrigues, também presente nesta edição da Revista Viver: o IFRS Solidário, atendendo desde pessoas em situação de rua de Porto Alegre até imigrantes venezuelanos, haitianos e senegaleses de Canoas, passando por uma casa de passagem de Sapucaia do Sul e pela arrecadação e doação de alimentos para os nossos alunos mais carentes, duramente atingidos pela pandemia da covid-19. Suas palavras de agradecimento durante a distribuição fizeram valer todo o esforço e tempo despendidos. Além disso, estamos juntos no Idealizar, dedicado a levar conhecimentos sobre empreendedorismo, iniciação científica e robótica aos alunos dos anos finais do ensino fundamental das escolas mais carentes de Canoas.

A pandemia acabou eliminando nossos projetos de extensão presenciais no *campus*, mas também serviu de inspiração para uma das ações que mais nos tem envolvido. Trata-se de um projeto que atende a três diferentes demandas: apoio aos empreendedores, profissionais autônomos e pequenas cooperativas que sofreram perdas em função da pandemia; a própria demanda de alunos por aproximar teoria e prática; e demanda da instituição para curricularização da extensão. Em seu primeiro ano, no *Campus* Canoas, foi intitulado de IFRS Reage para, em 2021, receber o nome de IFRS Contribui, a fim de unificar a divulgação do trabalho oferecido. Trata-se de um projeto multicampi e, por isso, cada *campus* tem o próprio projeto, ainda que com a mesma identidade visual, conforme a Figura 1 a seguir:



📌 **Figura 1.** Identidade Visual do IFRS Contribui. Fonte: IFRS Contribui (2021).

A fim de gerar as primeiras demandas, divulgamos o projeto para toda a comunidade interna do *Campus* Canoas, o que acabou gerando solicitações de diversas regiões do RS e não só do entorno de nosso *campus*. Como forma de atendimento, são realizados três encontros virtuais, nos quais não há relação de hierarquia no projeto, possibilitando o mesmo peso para docentes e alunos voluntários nas discussões e votações para a escolha das soluções apresentadas aos demandantes.

O primeiro encontro ocorre entre os membros da equipe e o demandante. Após a compreensão dos problemas apontados pelos interessados, são, então, elaboradas soluções em uma segunda reunião, apenas entre os membros da equipe. As áreas de atendimento vão de contabilidade/finanças à gestão de pessoas, passando por marketing, logística, estratégias e tecnologia, o que exige a participação de voluntários com conhecimentos bastante diversos.

Ao final, é elaborado um relatório indicando as soluções possíveis que são colocadas em ordem de prioridade, a fim de auxiliar na melhoria do desempenho do negócio, sem que o demandante se veja obrigado a implementar todas as soluções ao mesmo tempo. Uma terceira reunião é feita, quando são apresentadas tais soluções. Não raro, outros encontros são realizados, notadamente, para dirimir dúvidas dos demandantes no uso de planilhas financeiras ou em ferramentas de personalização de redes sociais, por exemplo. Os alunos aprendem e elaboram soluções customizadas para cada demanda, o que significa “colocar a mão na massa” literalmente. Até o sítio eletrônico do projeto foi criado pelos alunos (<https://sites.google.com/canoas.ifrs.edu.br/ifrscontribui>; <https://integra.ifrs.edu.br/servicos/consultoria>), assim como várias soluções nas diversas áreas atendidas, tais como as sugestões de logo (Figura 2) para um dos empreendedores:

A certeza de que toda a dedicação dos diversos servidores e dos alunos envolvidos vale a pena está explícita nos depoimentos de duas alunas participantes e de uma das empreendedoras atendidas no projeto que será ofertado também no próximo ano.

As alunas Kailaine Eduarda da Rosa (K) e Daysa Relevant Leal (D), hoje no último ano do curso técnico de administração integrado ao ensino médio, relataram os ganhos percebidos em sua formação:



📌 **Figura 2.** Propostas de logos para um empreendedor (feitas pelos alunos). Fonte: IFRS Contribui (2021).

[...] Através do projeto eu pude compreender as diversas versões do empreendedorismo, desde as estratégias ideais para cada nicho, até os erros comuns entre a maioria dos empreendedores. Assim, me aproximei e coloquei em prática o que até então, era teoria no curso técnico.” (K)

[...] Os próprios GTs normalmente apresentavam diferentes tipos de demandas de diferentes áreas. No GT da Tati Muliterno, por exemplo, além de criarmos uma planilha para controle de caixa (financeiro) e auxiliarmos na identidade visual e redes sociais (marketing), também realizamos uma pesquisa de mercado – que por sua vez auxilia em todas as outras áreas.”

Uma das empreendedoras atendidas pelo projeto, da cidade de Ivoti (RS), Ellen Carolina Caciamani Chiele, proprietária da Fatias com Amor, ajuda a compreender os impactos do projeto:

[...] Então tivemos a primeira reunião que foi MARAVILHOSA, ali nos apaixonamos por todos eles! Já neste encontro, nos deram várias ideias, era aquele olhar que nossa empresa estava precisando naquele momento! Montaram um projeto, com ajustes e ideias, especial pra nós. Ficamos impactadas com o carinho e nos sentimos muito especiais e acolhidas. Todos os pontos que colocamos em prática aqui, tem dado certíssimo! Agora já estamos participando pela segunda vez do programa e, novamente, sentimos nossa empresa cuidada e analisada por profissionais fantásticos e alunos maravilhosos! Somos imensamente gratas por Deus ter colocado vocês neste momento em nossas vidas!

Diante dos relatos apresentados, a extensão pode ser compreendida como uma ponte que insere a escola na comunidade, além de ser um farol para o ensino e para a pesquisa. Ao trazer a realidade para dentro da escola, a extensão possibilita que os alunos apliquem os diversos conhecimentos teóricos, consolidando o seu aprendizado. Para os problemas encontrados nas interações com as comunidades surgem, a todo o momento, ideias para as pesquisas a serem desenvolvidas. É dessa junção que se origina uma qualificação pessoal e profissional superior, transformando os alunos em indivíduos mais empáticos e éticos, com a exata noção do que é ser socialmente responsável. E, enquanto Deus me der forças e companheiros como os professores Jaqueline Rodrigues, Marcelo Pereira, Mariano Nicolao, Priscila Wachs e Priscila Esteves, além da minha esposa Eliana Migowski, também parceira em algumas ações, permanecerei comprometido com projetos de extensão, porque, em equipe, o trabalho se torna menos árduo e as conquistas mais celebradas.

Extensão: uma vivência para toda a vida

Vanderlei Nestor Koefender¹

Ingressamos no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus Vacaria*, na condição de docente no dia 21 de junho de 2016. Logo ao chegar à instituição, fomos muito bem acolhidos pelos colegas e recebemos muitas orientações sobre o IFRS. Éramos poucos ainda, pois o *campus* estava em implantação e, se não nos falha a memória, contava apenas com 13 servidores.

Naquele momento, fazíamos de tudo um pouco, além das funções normais de professor. Tudo era novo e muito estava por ser feito, pois não fazia muito tempo que o IFRS *Campus Vacaria* se transferira de uma sede provisória para a sede própria.

Em outubro daquele mesmo ano, recebemos a notícia de que nossa colega professora Daniela Batista do Santos, que ocupava a função de Coordenadora de Extensão tinha solicitado e estava sendo removida para o IFRS *Campus Ibirubá*. O Diretor-geral do *campus*, professor Dr. Gilberto Luiz Putti, então nos fez um convite para assumir essa função que vagaria na extensão, e que de pronto aceitamos.

O desafio era enorme, pois ainda estávamos nos inteirando das normas regimentais e da rotina na nova instituição, tendo em vista que atuar num campo e numa função administrativa da qual tínhamos pouco conhecimento era um pouco desesperador, porém muito bom para sair da zona de conforto e ampliar os horizontes do conhecimento dentro das oportunidades que o IFRS nos oferecia.

Na Coordenadoria de Extensão, vieram muitos desafios, aprendizados e belas amizades. O conhecimento das normativas (INs, Resoluções do CONSUP, Editais, etc.), dos sistemas (SIGProj, SGCE, SIEX, etc.) e de todas as siglas (PAIEX, PIBEX, CGAE, etc.) para conduzir o dia a dia da extensão no *campus* e as discussões sobre essas nomenclaturas, nas reuniões presenciais em Bento Gonçalves-RS, era realmente muito desafiador. A extensão, até então, era conhecida apenas na prática, na orientação e na prestação de serviços aos agricultores familiares e produtores rurais, por termos exercido a função de Secretário de Agricultura e Meio Ambiente do município de Vacaria antes de ingressarmos no IFRS e por sermos engenheiros agrônomos de formação acadêmica.

Nos primeiros anos, tivemos poucas propostas de ações de extensão submetidas no *campus*, muito em função de sermos poucos servidores e, também, alguns colegas alegavam a dificuldade de fazer extensão, principalmente por serem oriundos de outros locais e ainda desconhecem totalmente a realidade da comunidade. Naquela época, normalmente, os servidores preferiam os projetos de ensino e de pesquisa, pois não estavam habituados a fazer extensão nos meios de onde vieram, além da extensão, muitas vezes, exigir ações fora dos muros da nossa instituição. Portanto, foi um mundo totalmente desconhecido para muitos.

Em 2017, apenas alguns eventos foram cadastrados no SIGProj (palestras, simpósios, semanas acadêmicas) e um único projeto do qual participamos junto a uma entidade de assistência a

¹ Mestre em Agronomia pela USP. Docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Vacaria*.
E-mail: vanderlei.koefender@vacaria.ifrs.edu.br



📍 **Figura 1.** Equipe do Projeto de extensão: “Alternativas para a restauração da vegetação nativa em áreas degradadas de agricultores familiares da Região dos Campos de Cima da Serra” em visita de estudo na Estação Ecológica Aracuri em Esmeralda-RS. **Fonte:** Acervo pessoal (2018).

crianças carentes que eram atendidas em turno inverso ao escolar. Vários colegas de diversas áreas de conhecimento participaram desse projeto e tivemos a oportunidade de trabalhar a educação ambiental com as crianças.

A partir daí, a extensão não permaneceu mais somente na função administrativa que ocupávamos, pois no ano de 2018 nos sentimos motivados e desafiados, juntamente com a professora Dra. Thalita Gabriella Zimmermann, do Curso de Bacharelado em Biologia, e outros colegas servidores, a propor um projeto intitulado “Alternativas para a restauração da vegetação nativa em áreas degradadas de agricultores familiares da Região dos Campos de Cima da Serra”, cuja finalidade era de trazer soluções para as demandas dos agricultores familiares na área ambiental. O projeto foi aprovado com uma bolsa PIBEX, para a qual foi selecionada a aluna Luane Vieira Figueiredo, acadêmica do Curso de Bacharelado em Agronomia. Esse projeto obteve destaque no 6º Seminário de Extensão do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, na Área Temática Meio Ambiente, pela excelência do trabalho apresentado no 3º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino, nos dias 23 e 24 de novembro de 2018, em Bento Gonçalves/RS.

Em 2019, juntamente com a professora Dra. Thalita Gabriella Zimmermann, participamos de outro projeto: “Avaliação do potencial de tratamento biológico de efluentes na Região dos Campos de Cima da Serra: pesquisa e educação ambiental”, com o intuito de desenvolver alternativas mais baratas e viáveis de tratamento de efluentes para escolas do interior do município de Vacaria-RS e para agricultores, visto que na maioria dos casos nessas situações esses efluentes são lançados

diretamente na natureza com pouco ou nenhum tratamento, por não se dispor ainda de alternativas mais viáveis do ponto de vista técnico e financeiro.

A partir daí, apesar de termos solicitado a saída da Coordenadoria de Extensão do IFRS *Campus Vacaria*, no início de 2020, por decisão pessoal, por acreditarmos ser necessária a renovação para qualificar as funções, não nos afastamos da extensão e continuamos com um olhar especial para ela, atuando em projetos e ações extensionistas. Como diz o ditado, que logo cedo aprendemos nas reuniões do COEX: “Saímos da extensão, mas a extensão não sai de nós”.

Aprendemos e passamos a entender por meio dessa caminhada na extensão, que ela é um canal aberto de diálogo com a comunidade na qual estamos inseridos. Esse canal aberto é importantíssimo para nos conectarmos com a população, não somente para entendermos as demandas e os clamores dessas comunidades, mas, acima de tudo, para darmos resposta à altura para essas demandas na condição de instituição de educação que somos, cumprindo com o nosso papel institucional que tem por missão promover o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, nos locais e regiões onde estamos inseridos.

No diálogo aberto e constante que mantemos com a sociedade, conseguimos nos conectar enquanto instituição IFRS e passamos a fazer parte das nossas comunidades que acabam por nos respaldar e defender nos momentos de crise, por entenderem que “um não sobrevive sem o outro”, à semelhança de uma “simbiose”, onde existem benefícios recíprocos em todos os momentos dessa interação. Dessa forma, sociedade e instituição IFRS não podem mais sobreviver separadamente e sim unidas, cuja extensão se caracteriza por ser o principal elo entre ambas.

E não esqueçamos: “Uma vez extensionistas, sempre extensionistas”.

Descarte adequado de e-lixo

Lis Ângela De Bortoli¹

Em setembro de 2011 iniciou, no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus Sertão*, o projeto de extensão “E-lixo: ações de descarte, reutilização e educação ambiental”², que tem como foco ações extensionistas que envolvem a Educação Ambiental. A ação se originou da necessidade de destinar adequadamente resíduos eletroeletrônicos, como forma de preservar a natureza e a saúde humana, já que esse tipo de lixo possui metais pesados e elementos químicos altamente tóxicos.

Resíduos eletroeletrônicos ou e-lixo se referem a todos os equipamentos elétricos e eletrônicos e as suas partes, descartados pelo proprietário e que são obsoletos e/ou sem uso. Compreendem uma vasta quantidade de dispositivos que possuem, na sua composição, circuitos ou componentes elétricos e que usam energia elétrica ou bateria como alimentação. A produção de e-lixo global alcançará 120 milhões de toneladas em 2050, conforme a Coalizão das Nações Unidas (NAÇÕES UNIDAS, 2019). Os principais fatores responsáveis pelo aumento do lixo eletroeletrônico no Brasil e no mundo são, especialmente, a constante evolução tecnológica, o aumento do crescimento populacional, o consumismo desenfreado, a obsolescência programada (decisão do fabricante de desenvolver um produto com baixa duração) e a obsolescência perceptiva (um produto funcionando passa a ser considerado obsoleto devido ao surgimento de uma nova versão).

De acordo com o Instituto Universitário das Nações Unidas para o Estudo Avançado da Sustentabilidade (UNU-IAS) e com o Sistema Global para Comunicação Móvel (GSMA), os latino-americanos descartaram aproximadamente 4.800 quilotoneladas³ de lixo eletroeletrônico em 2018. Esse número pode ser ainda maior, pois os eletroeletrônicos jogados no lixo comum e/ou enviados para os aterros sanitários não foram computados no estudo.

Assim, o referido projeto de extensão tem como objetivo conscientizar a comunidade de Sertão sobre o lixo eletroeletrônico produzido e a importância de um destino adequado para esses equipamentos (DE BORTOLI, 2019). Entre 2015 e 2019, houve a participação da coordenadora, de professores colaboradores e de 20 bolsistas dos cursos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Gestão Ambiental, Licenciatura em Ciências Biológicas e Técnico em Manutenção e Suporte em Informática.

O projeto contou, desde o início, com duas parcerias importantes com a Prefeitura Municipal de Sertão e com a empresa Recycle. Por um lado, a Prefeitura, mais especificamente as Secretarias da Educação e do Meio-ambiente, promove espaços para que as intervenções aconteçam na comunidade e nas escolas. Por outro, a empresa Recycle, especializada na gestão de resíduos eletroeletrônicos, dá o destino ambientalmente adequado a todos os equipamentos arrecadados nos mutirões, sem cobrança financeira. Já foram arrecadadas cerca de 22 toneladas de e-lixo durante o período de vigência do projeto.

A metodologia de trabalho está fundamentada em encontros semanais para o planejamento e para a preparação das atividades no *campus* e na comunidade externa. Durante as reuniões, as

¹ Mestra em Computação pela UFRGS. Docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Sertão*. E-mail: lis.debortoli@sertao.ifrs.edu.br

² Para informações sobre o assunto e sobre o projeto acesse: <https://www.facebook.com/lixoeletronicoifrs>.

³ Cada quilotonelada equivale a mil toneladas.



📍 **Figura 1.** Oficina de arte com sucata eletrônica e oficina de jogos. Fonte: acervo pessoal (2021).

ações de divulgação, de execução e de educação ambiental são discutidas e idealizadas com a participação da coordenação e dos(as) bolsistas. A coordenadora realiza os agendamentos junto à comunidade e os(as) bolsistas desenvolvem pesquisas e estudos sobre lixo eletroeletrônico e o seu reaproveitamento, a partir de consulta bibliográfica em livros e artigos de periódicos científicos da área ambiental e de informática. Ressalta-se que a Política Nacional de Resíduos Sólidos (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017) é um dos documentos norteadores do projeto.

Através do projeto de extensão foram desenvolvidas 67 ações, entre 2015 e 2019, no município de Sertão-RS⁴, atingindo um público aproximado de 4.300 pessoas. As atividades desempenhadas junto à comunidade, principalmente em escolas, abrangem as seguintes ações de caráter educativo, ambiental, social, cultural, científico e tecnológico: oficinas de arte com sucata eletrônica, palestras/bate-papos sobre descarte de lixo, exposições do E-Museu⁵, mutirões de coleta de resíduos eletroeletrônicos, oficinas de jogos educativos sobre o descarte de lixo e exposições de artefatos confeccionados com sucata eletrônica. A figura 1 apresenta algumas ações realizadas.

Outra ação importante é a doação de equipamentos arrecadados no mutirão e que ainda funcionam para pessoas interessadas e que não têm condições ou não desejam adquirir material novo. Já foram doados 107 itens como televisores, caixas de som, celulares, mouses, teclados, cabos de rede, aquecedores, entre outros, enfatizando o lado social do projeto. Muitos itens também foram doados aos alunos do ensino médio do *campus* como *leds*, baterias, *coolers*, placas, entre outros, que foram reutilizados em projetos de química, física ou biologia. Com essas doações aumenta-se a vida útil dos dispositivos, que deixam de ir para o lixo enquanto estão funcionando. A figura 2 mostra parte

⁴ O município de Sertão possui população estimada de 5.220 pessoas no ano de 2021 (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sertao/panorama>)

⁵ Museu itinerante que conta a história dos eletroeletrônicos, criado a partir de doações nos mutirões de coleta.

dos equipamentos doados pela comunidade em mutirão.

Várias publicações e apresentações científicas sobre o tema do projeto foram realizadas, juntamente com os(as) bolsistas, em eventos como: Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental (2013, 2014, 2016, 2017, 2019), Congresso Sul-Americano de Resíduos Sólidos e Sustentabilidade (2018), Computer on The Beach (2017, 2018) – premiado como melhor trabalho de extensão – e Congresso Brasileiro de Gerontecnologia (2019). Além disso, destacou-se em eventos de extensão do *Campus Sertão* e do IFRS e, também, foi selecionado e apresentado no Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (2014, 2015, 2016, 2018) e no Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (2018). Foram publicados artigos sobre a temática do projeto em periódicos nacionais como: *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, *REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, *Revista Conexões UEPG* e, por diversas vezes, na *Revista Viver IFRS*.

A avaliação processual do projeto de extensão se dá de diversas formas pela comunidade externa e pela equipe, através de reuniões periódicas e da quantidade arrecadada no ponto de coleta fixo e nos mutirões empreendidos, possibilitando a constatação da eficiência das ações de conscientização e de divulgação. Utiliza-se, também, como avaliação as sugestões deixadas no livro de anotações do E-Museu, um instrumento que é utilizado pelos visitantes para deixar seus registros e sugestões.

No ano de 2018 foi realizada uma pesquisa, também como forma de avaliação do projeto. O intuito era identificar o conhecimento da população de Sertão sobre lixo eletroeletrônico, bem como seus hábitos de consumo e de descarte. Um questionário virtual foi respondido com o uso de dispositivos móveis, de forma anônima, por 399 moradores da cidade. A partir dos resultados, constatou-se que a maioria dos respondentes sabe da existência da política nacional de resíduos sólidos, está disposta a descartar seus eletroeletrônicos e conhece os pontos de coleta de lixo eletroeletrônico. Todavia, parte da população ainda descarta lixo eletrônico junto ao lixo comum ou deixa na rua para ser levado.

A conscientização das pessoas sobre o impacto ambiental na aquisição de equipamentos eletroeletrônicos precisa melhorar e, grande parte dos entrevistados, já adquiriu entre 3 e 4 aparelhos celulares. Ainda, a maioria da população já portou de 1 a 2 computadores e impressoras, sendo a necessidade e a inovação tecnológica as principais motivações para aquisição de equipamentos eletroeletrônicos. Além disso, muitos habitantes acreditam que software de computador e e-mails recebidos indevidamente (spams) são considerados lixo eletroeletrônico, ficando evidente a necessidade de maior esclarecimento sobre o assunto. Ademais, grande parte dos moradores tem consciência dos problemas que o lixo eletroeletrônico pode acarretar, no entanto uma pequena



📍 **Figura 2.** Equipamentos doados em mutirão.
Fonte: acervo pessoal (2021).

parcela ainda pensa que ele pode se decompor ou não prejudicar a natureza. Portanto, embora os cidadãos demonstrem conhecimento sobre as formas de descarte, ainda é preciso investir em ações relacionadas a esse ponto, evidenciando a necessidade da continuidade das ações.

Buscou-se, também, analisar a experiência vivenciada pelos(as) bolsistas, as aprendizagens e as contribuições para formação na educação profissional e tecnológica (EPT). Para isso, em 2020, foi realizada uma pesquisa por meio de um questionário eletrônico. Constatou-se uma formação diferenciada dos(as) bolsistas que atuam em projetos de extensão, porque desenvolvem práticas educativas e mediam conhecimentos para o social, nesse caso, sobre Educação Ambiental. Essa interação permite apresentar os conhecimentos científicos à comunidade, bem como perceber como a instituição escolar, a partir do projeto e dos estudantes, pode transformar o espaço em que está inserida.

As atividades desenvolvidas pelos estudantes possibilitaram o contato com a problemática social, trazendo grandes contribuições à formação geral, humana e profissional do estudante, bem como a promoção de ações extensionistas na sociedade. Assim, verificou-se que o projeto de extensão se constituiu como um processo educativo, cultural, social, científico e interativo, na medida em que desenvolveu e mediu conhecimentos na área temática da Educação Ambiental. Percebeu-se que o projeto, ao criar espaços para práticas educativas e para ações da dimensão ambiental, despertou discussões e promoveu questionamentos que contribuíram aos estudantes nas reflexões sobre as problemáticas ambientais. Além disso, essa experiência consolidou a formação acadêmica dos(as) bolsistas e favoreceu o desenvolvimento de profissionais-cidadãos.

O IFRS funda-se sobre os três pilares – ensino, pesquisa e extensão, como dimensões formativas e libertadoras, indissociáveis e sem hierarquização. Portanto, a relação que a extensão estabelece com o ensino e a pesquisa é dinâmica e potencializadora. Destaca-se a importância da extensão no envolvimento da comunidade e na participação de bolsistas da EPT, por uma de suas diretrizes: incentivar a prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da consciência social, ambiental e política, formando profissionais-cidadãos.

Referências

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. 2017. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Cid0J79S2YEJ:bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/14826/politica_residuos_solidos_3ed.reimp.pdf%3Fsequence%3D20+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 01 jun. 2020.

DE BORTOLI, L. Â. **Projeto de Extensão E-lixo**: ações de descarte, reutilização e educação ambiental. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - *Campus Sertão*. Mimeo, 2019.

NAÇÕES UNIDAS. **Mundo produzirá 120 milhões de toneladas de lixo eletrônico por ano até 2050, diz relatório**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-produzira-120-milhoes-de-toneladas-de-lixo-eletronico-por-ano-ate-2050-diz-relatorio/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Dez anos de extensão

Raquel Margarete Franzen de Avila¹

*Se não chover nem ventar,
se a lua e o sol forem limpos
e houver festa pelo mar,
ir-te-ei visitar.*

(Cecília Meireles)

“Sobre o mar e o peixe”

Trabalhar com os métodos naturais em saúde é estruturar uma trajetória de desafios e conquistas em cada ação realizada junto às pessoas e uma busca de aliados na construção deste caminho. Biogenia em saúde trata-se de uma consciência de autocuidado por meio de escolhas e hábitos pautados nos recursos da natureza em especial nos recursos do reino vegetal (GONZALES, 2017). No decorrer de dez anos, foram vários os projetos de pesquisa e de ensino em que atuei como colaboradora e orientadora, utilizando a interprofissionalidade dos colegas para a formação de um grupo extensionista que se desafiou a atuar no “leque da educação em saúde” e foi na extensão que encontrei a possibilidade de melhor desenvolver esse trabalho.

Baseando-nos nos preceitos das políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS), utilizamos a educação popular como metodologia de pensar e fazer processos que atentem para a melhoria da qualidade de vida da população. Com isso, nosso trabalho sempre se baseia nas realidades psi-



📍 **Figura 1.** Estratégia Saúde da Família (ESF) Santa Marta – Bento Gonçalves, grupo diabéticas e hipertensas. **Fonte:** acervo pessoal (2017).

cossociais e econômicas das pessoas demandantes, de forma não discriminatória, não opressiva, não violenta, acolhedora, participativa e de caráter contínuo e educativo. Assim, como premissa da educação popular, toda ação deve-se pensar o fazer “com o povo” e não “para povo” (ABRASCO, 2020), estruturando cada etapa desse processo de saúde para a autonomia do indivíduo e do coletivo no qual está inserido.

¹ Especialista em Fitoterapia e Prescrição de Fitoterápicos. Técnica em Enfermagem do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves. E-mail: raquel.avila@bento.ifrs.edu.br

“Pego a vara, olho a biruta e me direciono ao mar”

Ao chegar no IFRS - *Campus* Bento Gonçalves, fui designada a atuar no ambulatório de saúde em que acolheria alunos, professores, demais trabalhadores, o que era pouco corriqueiro na minha trajetória na saúde, visto que sempre havia trabalhado diretamente com a população e raros eram os episódios com os membros acadêmicos. Busquei apoio no projeto de extensão Plantas Medicinais, que oportunizou a construção de uma “seção de enfermagem de cuidados naturista” e nesse local iniciei as ações de educação continuada em saúde, ofertando o conhecimento para todos de modo não-convencional, construído de maneira individual a cada atendimento na seção de enfermagem. Sempre me perguntei se isso era ensino ou extensão. Hoje afirmo ser uma ação contínua e indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. Até o ano de 2019, foram contabilizados um total de 9.000 atendimentos por ano e em 80% desses atendimentos foi possível a aplicação do cuidado baseado na fitoterapia. Esses dados estão arquivados nos documentos da Diretoria de Assistência ao Educando do *Campus* Bento Gonçalves.

Na atuação como coordenadora de projetos e cursos de extensão, a proposta de trabalhar com modelos biogênicos em saúde fez surgir a necessidade de estruturação das ações extensionistas para atender ao que a comunidade vinha solicitando por meio de ofícios e e-mails à Coordenadoria de Extensão, que era a necessidade de entender como ter benefícios amplos sobre a fitoterapia “depois de plantar as ervas”, pois há alguns anos escolas e produtores rurais de Bento Gonçalves já estavam recebendo capacitações de cultivo e breves informações sobre o uso e os benefícios das “medicinais”, surgindo assim projetos e cursos voltados para a temática.

Como resultados destes 10 anos de extensão com abrangência nacional, foi possível contabilizar a gestão de dois programas extensionistas, Neabi e Plantas Medicinais; três projetos, sendo eles sobre hortas escolares, paisagismo funcional e farmácias verdes; e dez cursos nas linhas de segurança alimentar, implantação e manejo de hortas, plantas bioativas na sustentabilidade e plantas recomendadas pela ANVISA, que



📍 **Figura 2.** Semana da Saúde do Trabalhador na Reitoria do IFRS - cozinha PANC. Fonte: acervo pessoal, (2018).



📍 **Figura 3.** Grupo Dois Irmãos - Curso Plantas medicinais recomendadas pela ANVISA. Fonte: acervo pessoal, (2018).

se repetem por quatro anos consecutivos a pedido da comunidade geral. Esses dados conferem os resultados de estimativa de 10.000 mil pessoas atendidas diretamente.

Somado às ações acima citadas, é importante salientar o interesse por capacitação em fitoterapia por parte de grupos específicos de saúde coletiva, como as Estratégias de Saúde da Família (ESF), o Núcleo de Atenção Básica em Saúde (NASF) e o Centro de Apoio Psicossocial da cidade (CAPS) da cidade de Bento Gonçalves. Com esses cursos foram realizadas capacitações com oito entidades da Atenção Básica em Saúde. Para além do já relatado, os trabalhos foram levados às cidades de Cruzaltense, Horizontina, Dois Irmãos, Dois Lajeados, Morro Reüter, Santa Maria do Herval, Porto Alegre e Erechim, sendo que o público alvo não eram apenas profissionais da enfermagem ou nutrição, mas tínhamos terapeutas holísticas, bioenergética, engenheiros agrônomos, produtores rurais, farmacêutico, estudantes regulares, senhoras de casa. Foram quatro meses de encontros nos sábados, com duração de 12 horas, plenos de troca sobre saúde, sociedade, políticas públicas, resgates de saberes e muitas práticas de orientação para o bom uso das ervas medicinais.

“Olhar o vento, entender a maré”

Somar conhecimentos é sempre importante quando se pensa em extensão universitária/estudantil e tive o privilégio de conhecer o professor Engenheiro Agrônomo Alexandre da Silva, Mestre em Extensão Rural, hoje doutorando em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), que se dispôs a compartilhar seus saberes e a sua orientação sobre o fazer extensão. Até hoje é mantida a metodologia de mensuração e avaliação nos projetos que coordeno, visando entender e mensurar, para além de número de pessoas, o quanto o trabalho ofereceu impacto psico-socioeconômico na vida das pessoas.

O que ambos (extensionistas e comunidade) aprendemos juntos? Qual foi a “melhora” ocorrida no pós-trabalho? Foi libertada da dependência e ofertada autonomia? Todas as avaliações, e aqui reforço o “todas”, obtiveram o nível esperado dos qualitativos: os sensibilizados construíram seus saberes e deram continuidade às propostas nas suas vidas, em suas comunidades. Tornaram-se autônomos e multiplicadores dos saberes construídos.

À medida que se dialoga com a comunidade, observa-se que a “rigidez de trabalhos” não é indicada para resultados significativos e benéficos de impacto humano e a metodologia construída no decorrer desses anos de trabalho segue uma sistemática flexível, a qual a equipe que me acompanha nos trabalhos julga, assim como eu, ser a que mais atende nossas demandas:

- Escuta da demanda e visita ao território: aqui sempre recebemos um pedido via e-mail



↑ **Figura 4.** Grupo Alecrins, CAPS II.

Fonte: acervo pessoal, (2021).

ou memorando via diretoria de extensão e nos direcionamos para conhecer o local, as pessoas e os gestores da demanda;

- Planejamento com o grupo: fazemos as escutas das pessoas, avaliamos anseios e expectativas.

- Apresentação da proposta e ajuste junto aos demandantes: sempre ocorrem ajustes do cronograma, sendo descartada sua rigidez para as ações, já que muitas vezes são adicionados assuntos ou até mesmo realizadas novas escutas dos grupos, fazendo com que exerçam a democracia na busca e partilha dos conhecimentos.

- Avaliação: realizam-se diálogos e reflexões sobre o trabalho desenvolvido e como é visto no contexto sociopolítico-econômico do grupo, bem como de seus benefícios a partir do resgatado-aprendido;

Não é possível fazer a extensão como um pensamento linear, rígido e apenas aplicável, com o método conteudista. As ações precisam ofertar democracia e popularização do conhecimento respeitando o tempo de cada grupo sensibilizado. Pactuando com o pensamento crítico de Medeiros (2017) sobre a extensão universitária no Brasil, reforça-se a citação de que "o conhecimento científico é cada vez mais necessário ao cidadão comum, um recurso ao qual todos recorrem para obter orientação em nossas decisões diárias."

"A vida no mar"

Apresento alguns relatos de membros da comunidade e bolsista nas avaliações finais das ações desenvolvidas:

...uma mudança muito grande! Já vinha de muito tempo pesquisando, estudando de forma bem 'de-vagarito' a agricultura orgânica e os benefícios disso para a saúde e o planeta... um fato foi conhecer os germinados, que despertou ali uma maneira de se alimentar sem todos os produtos 'ante', corante, acidulante... tudo que os 'ante' trazem registro de malefícios para o planeta... você nos ensinou a consumir um produto que faz bem, que alimenta muito bem... aproveitando o que a natureza nos oferece...e custa muito pouco. Relato por Alberto Somensi (Usuário CAPS 2), em outubro de 2020.

Haver [sic] participado em 2019 da capacitação de "Plantas medicinais recomendadas pela ANVISA" através da educadora Raquel Franzen foi um divisor de águas na minha vida pessoal para empreendedora dentro do ramo de comercialização de ervas medicinais e na promoção de cursos rápidos na "Verdurico". Antes da capacitação, trabalhávamos em torno de 20 plantas medicinais na empresa e, após o contato com o curso, já passamos de 80 espécies e promovemos ao menos sete workshops anualmente desde 2020 e nos tornamos referência no cultivo, comercialização e ensino em nossa cidade. Nunca irei me esquecer da didática e da dedicação de Raquel na transmissão dos conteúdos. Se houver outras capacitações, certamente tentarei repetir sempre. Relato por Frederico Kelber (Engenheiro Agrônomo, Morro Reüiter), em outubro de 2020.

[...]Foram 4 fins de semana de muito aprendizado, estudo e conhecimento.... aprendi e ainda estou aprendendo muito com ela, pois ela me auxilia nos tratamentos terapêuticos... e ainda quais flores são comestíveis, que podemos usar em nossos pratos no dia a dia para termos uma saúde melhor... dos cursos, são de fácil entendimento.... o que mais eu gosto de tudo isso [é] que consigo resgatar a nossa ancestralidade, pois as plantas medicinais já vêm sendo usadas há muitos anos e com o tempo foi se perdendo, é um resgate muito bom... Te agradeço por tudo e continue levando esse conhecimento adiante, pois todos precisamos disso, pois acredito muito na cura através das plantas medicinais. Gratidão. Relato por Roselene Schuh (Terapeuta Holística, Dois Irmãos), em outubro de 2020.

[...] Trabalhar em conjunto com o projeto de extensão foi uma experiência muito enriquecedora, porque permitiu que eu articulasse os conhecimentos que obtive durante o curso desenvolvendo uma pesquisa laboratorial, além de proporcionar um contato com a comunidade externa, o que também auxiliou para o desenvolvimento do estudo e a coleta dos dados. Relato por Artur Camargo (estagiário Médio/Técnico em Viticultura), em outubro de 2020.

A experiência de ter sido bolsista no Curso de Extensão em Qualificação Profissional de Plantas Bioativas, além de ampliar meu conhecimento acadêmico, possibilitou tomar conhecimento da realidade e demandas de nossa sociedade, bem como evoluir pessoalmente e culturalmente através das trocas de saberes com a comunidade externa. Relato por Denise Dumke (discente do curso de Tecnologia em Horticultura), em outubro de 2020.

Discentes, bolsistas e estagiários acompanham este modelo de trabalho desenvolvido a todo momento, como proposta de fazer extensão diferenciada, com viés construtivo, humanizada, acolhedora, dialogada, e sempre apresentam em seus relatos o quão gratificante e desconstrutivo vivenciar esta proposta foi. Nesses dez anos de supervisão de estágios, ofertados pelos projetos de extensão que coordenei e ainda coordeno, contabilizamos 12 estágios nas linhas economia, comportamento de consumo de ervas medicinais, plantas alimentícias não-convencionais, aromaterapia, trofoterapia, cultivos urbanos, paisagismo biofílico, enfim todos da biogenia em saúde. Os estágios no projeto Farmácias Verdes seguem disponíveis anualmente para os todos os cursos, pois acreditamos na interdisciplinaridade do conhecimento.

“Em tempos de mar revolto”

A pandemia covid-19 foi sem dúvida alguma um marco histórico, o mundo para ou o mundo morre, e morrer não é opção! Tempos difíceis de confinamento, distanciamento social, morte, desespero e uma miséria prevista ao povo. A angústia e a solidão se tornaram os sentimentos mais prolongados deste século e nós, os extensionistas, nos perguntamos: “Vamos parar?” A resposta foi: “Não, vamos nos adaptar, inovar, vamos reaprender e nos aproximar de maneira diferenciada das pessoas”.

Aprendemos a desenvolver ações de apoio e conjuntas entre projetos, buscamos parceiros de outras instituições, aprendemos uns com os outros e nos fortalecemos. Às vezes éramos os ministrantes e organizadores de eventos virtuais, em outras éramos apoiadores dos demais colegas, e assim reestruturamos uma extensão on-line. De março de 2020 até junho de 2021, a extensão foi realizada de forma 100% virtual, utilizando-se de canais e mídias sociais como Instagram, YouTube e Facebook para informações, de enquetes junto à comunidade virtual e do Google Meet, por ter possibilidade de tempo ilimitado para a realização dos encontros, aulas e oficinas on-line, entre outras propostas. Fica aqui registrado os projetos unidos em trabalho: Núcleo de Estudo Afro-Brasileiros e Indígena do *Campus* Bento Gonçalves, Programa de Extensão das Plantas Medicinais, Programa de Extensão de Práticas Sensoriais, Projeto Indissociável PANC na Enogastronomia, Projeto de Ensino Produção e Uso de Plantas Medicinais no *Campus* Restinga: Construção de um Espaço Pedagógico e Sustentável e Projeto Indissociável ComVida, do *Campus* Alvorada.

Reforço meu agradecimento aos colegas por terem aceito a união dos nossos trabalhos na fase mais delicada que o mundo passou e agora, de modo mais ameno, está passando: a pandemia covid-19.

“Uma conversa entre pescadores”

A extensão é o canal de diálogo da sociedade com as “Universidades/IFRS”, em que ambos podem e devem construir conhecimentos e fazê-los dentro dos seus territórios de abrangência extensionista. Bons são os momentos em que juntos sentamos para formular e reformular as ações à medida que se precisa, e será ainda melhor quando fizermos junto à comunidade.

A possibilidade de ter ações de extensão como parte dos currículos escolar/acadêmico é, sem dúvida, uma proposta para melhoria do ensino e do acolhimento da comunidade, pois ambos unidos podem contribuir na organização de uma sociedade mais justa, humanitária, interligando saberes, como assim são as premissas da educação popular em saúde embasadas nas orientações do grande Mestre Paulo Freire (FREIRE, 1976).

A extensão nunca foi ou será **“dar o peixe para o pescador”**, e sim é **“aprender juntos sobre o mar, o clima, as marés, contornar tempestades, sobre os pescadores e como usar a vara de pescar, no fazer a vida”**.

Obrigada!

Referências

PERIBANEZ, Alberto G. **Cirurgia verde: conquiste a saúde pela alimentação à base das plantas**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2017.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

Medeiros, Márcia Maria de. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL- UM PERCURSO HISTÓRICO. **Revista Barbaquá/UEMS** - Dourados - MS, vol. 01, n. 01, p. 09-16, jan-jun 2017. Acesso em: 11 Out de 2021. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/404246935/Extensao-Universitaria>>

PARO, César A. **Coletânea Educação Popular em Saúde** – Volume 2: Educação Popular e a (re) construção de práticas cuidadoras / César Augusto Paro, Marcos Aurélio Matos Lemões, Renata Pekelman (organizadores). João Pessoa -PB: Editora do CCTA, 2020. Acesso em: 11 de outubro 2021. <Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/gteducacaopopularesaude/wp-content/uploads/sites/14/2020/09/VOLUME-2.pdf>>

Um breve relato das ações extensionistas desenvolvidas nos meus 8 anos de IFRS - Campus Canoas

Jaqueline Terezinha Martins Correa Rodrigues¹

Olá! Meu nome é Jaqueline, tenho 47 anos, nasci em Esteio/RS, sou casada e mãe de dois meninos. Estudei em escolas públicas no ensino fundamental e médio. Me formei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Engenharia Elétrica, em 1998, uma das poucas mulheres a concluir o curso. Trabalhei por 10 anos em empresas privadas na área de Telecomunicações e por 4 anos em uma empresa pública na área de Edificações. Em 2008, iniciei minha carreira docente em uma instituição privada de ensino superior, atuando em tempo parcial. Essa experiência, aliada ao curso de Licenciatura em Matemática que cursei nessa época, reforçou meu desejo de trilhar os caminhos da docência. A dedicação apenas à carreira acadêmica se tornou realidade apenas em 2013, quando ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Canoas.

Minha primeira ação de extensão no IFRS foi o projeto “Compartilhar”, iniciado em 2013 e que teve sua última edição em 2018. A ideia surgiu a partir de conversas com estudantes do Curso Superior de Tecnologia (CST) em Logística que notaram que alguns dos seus colegas tinham dificuldades em Excel, enquanto outros tinham condições de compartilhar seus conhecimentos e experiências. Ao longo dos anos, foram realizados cursos como Excel básico e avançado, Ferramentas da Qualidade, Word e Xadrez, além de palestras sobre Finanças pessoais, Direito Aduaneiro e Logística reversa. A maioria dessas atividades foi ministrada pelos próprios estudantes do *Campus* Canoas, em sábados ou no recesso de inverno. Foram 13 estudantes voluntários que atuaram como instrutores ou palestrantes, além de 2 professores. Meu agradecimento especial aos instrutores que se desafiaram e fizeram o Compartilhar atender mais de 200 pessoas da comunidade interna e externa. Um dos relatos que recebi de uma das instrutoras voluntárias mostra a importância do projeto também para a formação de novos professores: “O ponto positivo foi que descobri minha vocação pela docência.



📌 **Figura 1.** Compartilhar: oficina realizada no IFRS *Campus* Canoas.
Fonte: acervo pessoal, (2017).

¹ Doutora em Engenharia de Produção pela UFRGS. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Canoas. E-mail: jaqueline.rodrigues@canoas.ifrs.edu.br



↑ **Figura 2.** Primeira entrega do “Logística Solidária”. Fonte: acervo pessoal (2017).

Hoje exerço a profissão com muito orgulho e dedicação”.

Em 2017, outro grupo de estudantes do CST Logística mostrou interesse em desenvolver um projeto de cunho social e nasceu aí o projeto “Logística Solidária”. Nesse ano, realizamos uma campanha de arrecadação de roupas de inverno e alimentos que foram entregues em uma casa de passagem para crianças e adolescentes em Canoas. A partir de 2018, com o ingresso de novos colaboradores no projeto, o projeto passou a se chamar “IFRS Solidário”. Desde então, tem sido realizado todos os anos, ampliando o número



↑ **Figura 3.** IFRS Solidário: entrega de cestas básicas para estudantes. Fonte: acervo pessoal (2020).

de colaboradores e contando com estudantes voluntários de todos os cursos do *Campus* Canoas. Desenvolvemos parcerias com instituições que atendem crianças, adolescentes, idosos, população em situação de rua e imigrantes, além de também atendermos nossos estudantes e servidores terceirizados do *Campus* Canoas. Ao longo desses anos, realizamos campanhas diversas, trabalhando em equipe para criar estratégias para ampliar as doações e poder atender as necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade. Durante a pandemia, tivemos muita resiliência e usamos a criatividade para dar continuidade ao IFRS Solidário. Em 2020, participamos do edital específico para enfrentamento da covid-19 do IFRS e com isso conseguimos entregar itens de higiene e limpeza para 3 entidades, além de preparar material para prevenção do coronavírus nos idiomas dos imigrantes.

Realizamos campanhas virtuais para arrecadação de doações através de site de financiamento coletivo para adquirir cestas básicas para os nossos estudantes do *Campus* Canoas que mais precisavam, buscamos doações nas casas das pessoas que não podiam levar ao *campus*, entregamos doações de roupas, alimentos e utensílios domésticos nas entidades...Aqui coloco meu agradecimento aos estudantes voluntários e bolsistas e aos meus colegas Sérgio Migowski, Priscila Wachs, Daniele Fontoura, Carla Silva, Sandro Silva, Naiara Soares e Silvana Pacheco, que ao longo desses anos me auxiliaram na execução do IFRS Solidário. Tenho um carinho muito grande por esse projeto e espero

continuar tendo apoio de vocês para que o IFRS Solidário tenha vida longa! Mais informações sobre ações do projeto no Facebook (ifrssolidario) e no Instagram (@ifrs_solidario).

Reuni outro grupo em 2018 para submeter um projeto para a chamada do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) “Meninas nas ciências Exatas, Engenharia e Computação” e criamos o projeto “Gurias Fazendo Ciência”. O projeto foi aprovado, mas não houve verba suficiente do CNPq para financiá-lo na época. Assim, em 2019, após aprovação no edital de fomento interno do IFRS, realizamos o projeto em uma escala menor, em duas escolas de Canoas, uma estadual e outra municipal. O projeto objetiva incentivar a curiosidade e o pensar científico de meninas da Educação Básica para as carreiras de ciências exatas, engenharias



📍 **Figura 4.** Gurias Fazendo Ciência: Oficina na EMEF Monteiro Lobato. Fonte: acervo pessoal, (2019).

e computação, além de ampliar a parceria entre a rede pública de educação básica no município de Canoas e o IFRS *Campus* Canoas. As atividades desenvolvidas foram oficinas sobre Mulheres nas ciências, Química do dia a dia, Matemática com materiais concretos e Robótica. Em 2020, em função da pandemia, optamos por não realizar o projeto, já aprovado no edital de fomento interno do IFRS. Para nossa surpresa, o CNPq entrou em contato conosco e nos autorizou a realizar o projeto em 2021. Iniciamos em 01/09/2021 a nova edição do “Gurias fazendo ciência”, com o ingresso de novas colaboradoras, em parceria com 4 escolas municipais e a Secretaria Municipal de Educação de Canoas. Mais informações no Instagram: @guriasfazendociencia. Novamente eu não teria feito nada sem uma equipe unida e competente: Carina Andrade, Carla Silva, Cláudia Fogliarini Filha, Cristiane Silva, Daniela Silva, Mariana Duro, Priscila Wachs, Simone Cerezer e Xana Valério. Lembrando de agradecer nossas bolsistas e voluntárias também. Obrigada gurias!

Com a pandemia, em 2020, iniciamos um trabalho para atendimento de pequenas empresas e autônomos que estavam enfrentando dificuldades. Sob a coordenação do prof. Sérgio Migowski, foi criado o “IFRS Reage” que atualmente chama-se “IFRS Contribui”, um projeto multicampi, que tem como metodologia o recebimento das demandas da comunidade, a criação de um grupo para atendimento dessa necessidade, reuniões entre equipe e demandante e elaboração de propostas de melhorias pela equipe. Nós, professores, coordenamos ou participamos do atendimento de várias demandas ao longo desses meses e, a meu ver, um dos pontos fortes desse projeto é que estamos buscando soluções para problemas reais, envolvendo os estudantes voluntários em todas as etapas do processo de atendimento das demandas. Além disso, estamos levando esses casos para a sala de aula, aplicando conceitos em uma atividade prática, elaborando planos de negócios para empresas na disciplina Projeto Interdisciplinar do nosso Curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio, que conta com os professores da área de gestão do *Campus* Canoas e de outros *campi* como orientadores. O resultado tem sido muito satisfatório, permitindo que todos ampliem seus conhecimentos, troquem experiências, vivenciem a realidade e aprendam na prática. O IFRS Contribui surgiu em função da pandemia, mas acredito que iremos dar continuidade ao projeto por



📌 **Figura 5.** Idealizar: Oficina sobre Planilhas do Google. Fonte: acervo pessoal, (2021).

um longo tempo, estreitando os laços com a comunidade externa e levando os conhecimentos do IFRS para além dos muros da instituição.

Também em 2020, eu e meus colegas Sérgio Migowski, Priscila Wachs, Marcelo Pereira, Mariano Nicolao, Daniele Fontoura e Arnaldo Moscato apresentamos uma proposta para a chamada de apoio à Iniciação Tecnológica com foco na Economia 4.0 (Edital IFES 03/2020) e surgiu o projeto “IDEALIZAR: soluções tecnológicas criativas para problemas locais”. Ficamos realmente muito felizes quando esse projeto foi aprovado em 1º lugar nacionalmente! Iniciamos os trabalhos em janeiro de 2021, mas em função da pandemia e do atraso na entrega dos equipamentos, fizemos várias adaptações nas atividades previstas. Consideramos as reuniões com a Secretaria Municipal de Educação de Canoas e com as 4 escolas parceiras, onde a equipe pode conhecer a realidade de cada escola, para planejar as etapas seguintes. Até início de outubro, realizamos apenas atividades a distância: *live* de sensibilização, palestra sobre iniciação científica e oficina sobre Planilhas do Google. Estamos planejando oficinas presenciais, nas instalações das escolas municipais, se a situação pandêmica da região permitir.

Nesse projeto, não serão ofertadas apenas oficinas, também propomos a elaboração de projetos pelos próprios estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que contemplem soluções para problemas reais que eles vivenciam nas escolas, nas famílias ou na comunidade. Essa etapa está prevista para 2022. As adaptações necessárias para executar o projeto, a dificuldade de algumas escolas em conciliar horários, a falta de infraestrutura em algumas escolas e o acesso restrito à internet por estudantes em suas residências têm sido desafios constantes da equipe. As informações das ações do projeto podem ser acompanhadas pelas nossas redes sociais (@idealizar.if).

A extensão, para mim, é uma forma de aproximação com a comunidade, de levar um pouco do que fazemos para pessoas que não vivem o IFRS, de conhecer realidades por vezes bem distintas das nossas, de buscar soluções para os problemas reais de forma coletiva... Nesse processo, acredito que todos ganham, todos aprendem, todos crescem e se tornam seres humanos melhores. Sou esperançosa de um mundo melhor e mais justo! Mas não se trata de sentar e esperar, mas sim de agir para melhorar pelo menos o “mundo” que nos cerca. Como comenta Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Esperança* (1999, p. 10): “Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia”. Espero continuar extensionista por muito tempo, contando com o apoio de pessoas tão esperançosas quanto eu, que abraçam os projetos e lutam para torná-los realidade.

A equoterapia como um projeto de extensão institucional

Marcos Antônio de Oliveira¹, Andrey Vargas Tamanho² e Gainete Santos Marques³

O projeto de Extensão de Equoterapia no IFRS *Campus* Sertão, denominado inicialmente como Atividades de Equoterapia para Sertão e Microrregião, instituído como o Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo, foi idealizado pelo professor Dr. Marcos Antônio de Oliveira, juntamente com colegas do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), no ano de 2012, atendendo inicialmente um grupo de 30 praticantes, com um grupo de 04 bolsistas. Atuando de segunda-feira até sábado, ao meio dia, com os servidores Andrey Vargas Tamanho (Técnico em Agropecuária) e Gainete Santos Marques (Auxiliar de Agropecuária), e com um grupo de bolsistas, no período de 09 anos permitiu que o Projeto de Extensão em Equoterapia atendesse em torno de 100 a 120 praticantes por semana. O objetivo deste projeto está fundamentado na filosofia da inclusão social, proporcionando a prática da equoterapia para as pessoas com deficiência e limitações, por meio de um espaço que ofereça atividades voltadas para o desenvolvimento das capacidades nas áreas educativa e biopsicossocial.

A Equoterapia teve seu desenvolvimento a partir da década de 1980 como método terapêutico e educacional. Trata-se de um método que proporciona resultados por meio do uso do cavalo, tendo sido reconhecido como método terapêutico em 1997, pelo Conselho Federal de Medicina (ANDE, 2010). Também é conhecida e desenvolvida na Europa e países latino-americanos. No Brasil, busca atuar como agente facilitador da abordagem psicomotora, num formato de atendimento tanto individual quanto em grupo, buscando promover a interação social recíproca, a intencionalidade da ação, a noção de individualização e a organização sensorial dos praticantes, contribuindo na melhoria da qualidade de vida dos envolvidos na ação extensionista.

Dessa forma, compreendemos a importância deste projeto de extensão no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)-*Campus* Sertão para o desenvolvimento pessoal e acadêmico e na interação



📍 **Figura 1.** Centro de Equoterapia do cavalo crioulo

Fonte: acervo pessoal, (2019).

¹ Doutor em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Feevale. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Sertão. E-mail: marcos.oliveira@sertao.ifrs.edu.br

² Graduado em Ciências Agrícolas, Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Sertão. E-mail: andrey.tamanho@sertao.ifrs.edu.br

³ Graduado em Direito (URICER), Formação Pedagógica para graduados não licenciados (IFRS), Auxiliar de Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Sertão. E-mail: gainete.marques@sertao.ifrs.edu.br

destas ações com a sociedade. Suas características emancipadoras, e seu papel na formação de um grupo de mais de 60 alunos envolvidos de forma direta (bolsistas e voluntários), ratificam a contribuição da extensão institucional na formação de estudantes que atuaram no Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo do IFRS, *Campus Sertão*, no período de 2012 até 2021.

O grande destaque deste projeto está relacionado ao fato de ser uma experiência única dos Institutos Federais do Brasil, servindo de exemplo e inspiração para os demais IFs, bem como Universidades Federais, instituições essas que buscam conhecer, entender e replicar seu modo de funcionamento em benefício da sociedade.

Sobre a prática

A prática extensionista de parcerias com instituições municipais e criadores de cavalos da região, permite o oferecimento da realização das atividades de equoterapia sem custo para os praticantes. As parcerias são com a Prefeitura Municipal de Sertão, Prefeitura Municipal de Getúlio Vargas, Prefeitura Municipal de Coxilha, Prefeitura Municipal de Vila Lângaro, assim como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Getúlio Vargas (APAE/GV), as quais são responsáveis pela organização das equipes de profissionais devidamente capacitados para atuarem na terapia assistida, bem como pela sistematização quanto aos grupos de praticantes.

A característica extensionista é percebida ainda pela parceria com os criadores de cavalos crioulos como a Cabanha Butiá (Coxilha/RS), a Cabanha da Figueira (Panambi/RS) e a Cabanha San Clemente (Fontoura Xavier/RS), que doaram os cavalos que são utilizados semanalmente nas atividades de terapia, todos aprovados pela equipe de profissionais do *campus*. Atualmente, o Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo possui 06 cavalos, todos devidamente registrados na Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos do Brasil (ABCCC), com idades entre 06 e 20 anos, que são acompanhados pela médica veterinária Jamile Sada, servidora do IFRS - *Campus Sertão*.

Para a instituição, tanto os professores, técnicos administrativos e discentes desenvolvem um aprendizado que, submetido a reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como transcendência a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira, regional e local, e a democratização do conhecimento acadêmico com a participação efetiva da comunidade na atuação da instituição de ensino.

A extensão é a união de todas as ações do Centro de Equoterapia. Por meio dela, destacam-se os acadêmicos bolsistas e voluntários, os profissionais da área da saúde e educacional. Os praticantes são pessoas com deficiência (Síndrome de Down, Autismo, Parkinson), crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e idosos com histórico de comorbidades (como acidente vascular cerebral-AVC-AVE). A heterogeneidade da faixa etária dos praticantes permite atender desde



Figura 2. Equipe de Profissionais, Praticantes e Bolsistas em atendimento Fonte: acervo pessoal, (2019).

crianças a partir de 5 anos a idosos de até 80 anos, com atividades voltadas ao perfil individual de cada praticante, como pode ser percebido na Tabela 01.

Além das atividades mencionadas na tabela acima, destacam-se as ações desenvolvidas de forma indissociável (Quadro 1), consolidando o princípio constitucional que tem por significado “[...] algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia”. Alteram-se, portanto, os fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, por isso trata-se de um princípio paradigmático e epistemologicamente complexo (TAUCHEN, 2009, p. 93).

Imbricado no desenvolvimento intrínseco do ensino, da pesquisa e da extensão, e considerando o que demonstra o quadro acima, percebemos que a efetivação destas ações contribui para que se concretize a formação integral, salientando-se a importância de espaços de ações didático-pedagógicas organizados intencionalmente para que as finalidades a que se propõem um projeto se concretizem.

A gestão do conhecimento educacional, no âmbito da equoterapia, é constituída por um conjunto de estratégias que proporcionam ao docente criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos de conhecimento, auxiliando-o nos processos decisórios em sua atuação profissional. Na vivência do dia a dia, as atividades também propiciam aos acadêmicos envolvidos nessas experiências, um processo de conscientização e emancipação do indivíduo.

ÁREA	AÇÕES
ENSINO	- Disciplina eletiva Introdução à Equoterapia (Curso de Zootecnia)
	- Curso de ferrageamento e casqueamento de equinos (Alunos e Comunidade)
	- Atividades práticas da disciplina de ezoognózia (Curso de Zootecnia)
	- Workshop teórico e prático de equoterapia (Universidades e Instituições Inclusivas)
	- Curso Básico de Equoterapia – ANDE/Brasil
	- Projeto de ensino “Atividades lúdicas no Centro Equoterapia do Cavalo Crioulo”
	- Projeto de ensino “vivências em rotinas agropecuárias”
PESQUISA	- Tese de Doutorado - A influência da equoterapia na melhoria da qualidade de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social – Docente IFRS Campus Sertão/RS.
	- Tese de Doutorado, professor do IFBajano, Campus Valença, Universidade do Porto-Portugal, com o objetivo de avaliar o bem-estar subjetivo do usuário de cadeira de rodas de praticantes de equoterapia nos IFs do Brasil que disponibilizam essa atividade.
	- Projeto “Utilizando a Crioterapia em cavalos de Equoterapia”.
	- TCC -- O uso da recompensa como um modificador comportamental equino na equoterapia - Acadêmico de Zootecnia (2014).
	- TCC - Enriquecimento ambiental como ferramenta para aliviar estereotípias em equinos usados na equoterapia. Acadêmica de Zootecnia (2017).
	- TCC - Avaliação comportamental e reatividade frente a situações adversas em equinos usados na equoterapia. Acadêmica de Zootecnia (2017).
	- TCC - O papel do pedagogo visando como estratégia metodológica a Equoterapia. (Acadêmica de Pedagogia – FEEVALE/RS). (2017).
	- TCC - Aromaterapia como meio de melhorar o bem-estar de equinos. Acadêmica de Zootecnia (2019).
- TCC - Uso de bolsas de feno <i>Slow Feeder</i> . Acadêmica de Zootecnia (2019).	
EXTENSÃO	- Projeto de Atividades de Equoterapia para Sertão e Microrregião
	- Projeto de atividades de Equoterapia para o Município de Coxilha
	- Projeto de Atividades de Equoterapia para o Município de Vila Lângaro
	- Projeto de Atividades de Equoterapia para o município de Getúlio Vargas
	- Projeto de Atividades de Equoterapia para a APAE de Getúlio Vargas
	- Projeto de Atividades de Equoterapia para a Terceira Idade – Eng ^o Luiz Englert

↑ Tabela 01. Fluxo de atendimento das atividades de Equoterapia. Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Professor, tenho colhido muita coisa boa ultimamente, muito mesmo... e diariamente me vem um pensamento de "pagamento do trabalho voluntário aí da equoterapia" como se o universo estivesse me retribuindo pelo esforço. Claro, trabalhamos aí de corpo e alma sem esperar nada em troca, só porque é o correto e porque pessoas necessitam disso, mas tenho essa sensação de retorno positivo hoje em minha vida! - Depoimento de um ex-bolsista.

A partir do aporte interdisciplinar da educação, cujas ações são voltadas ao aprender e ao ensinar, é possível refletir sobre o papel dessa terapia num contexto relacionado com os Institutos Federais de Educação.

A pesquisa, desenvolvida da autonomia do discente por meio de postura investigativa, não é uma prática abrangente tanto na formação técnica quanto na formação de nível superior, ou mesmo na pós-graduação, sendo considerada uma atividade intelectual de caráter artesanal, devendo ser valorizada como um instrumento de desenvolvimento soberano – científico, tecnológico, cultural,

Município	Instituição	Praticantes Atendidos	Dia de atendimento	Profissionais envolvidos	Patologias atendidas
Sertão	APAE, Escolas municipais	14	Quarta-feira (manhã)	Psicólogo, Pedagogo Educador físico Fisioterapeuta Equitador	Autismo, AVC, Síndrome de Down, vulnerabilidade social, Locomoção motora TEA
	Grupo Terceira Idade Englert	12	Sábado (manhã)	Educador Físico Psicólogo Equitador	Locomoção motora Comorbidades (diabetes, osteoporose, equilíbrio)
Coxilha	Escolas Municipais	20	Segunda-feira e terça-feira (manhã)	Educador Físico Psicólogo, Pedagoga, Fisioterapeuta Equitador	Déficit de atenção, Vulnerabilidade social, Locomoção motora TEA
Vila Lângaro	Escolas municipais, Grupo de pessoas com deficiência	14	Segunda-feira (tarde)	Educador Físico Psicólogo Fisioterapeuta Equitador	Déficit de atenção, Vulnerabilidade social, Locomoção motora, deficiência auditiva, terceira idade
Getúlio Vargas	APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais)	25	Sexta-feira (dia inteiro)	Educador Físico Psicólogo Fonoaudióloga Fisioterapeuta Equitador	Autismo, AVC, AVE, Síndrome de Down, vulnerabilidade social, Locomoção motora, Deficiência intelectual
	CIR (Centro integrado renascer)	10	Quarta-feira (tarde)	Psicóloga Pedagogo Educador Físico Equitador	Déficit de atenção, Vulnerabilidade social
	Lar Da Menina	22	Quinta-feira (dia inteiro)	Psicóloga Pedagogo Educador Físico Equitador	Déficit de atenção, Vulnerabilidade social
	NIAE (Núcleo Integrado de Atendimento ao Educando)	10	Terça-feira (tarde)	Psicóloga Assistente Social Pedagogo Equitador	Autismo, AVC, AVE, Síndrome de Down, vulnerabilidade social, Locomoção motora, Deficiência intelectual

↑ **Quadro 01.** Ações desenvolvidas Ensino - Pesquisa – Extensão. Fonte: elaborado pelos autores (2021).



↑ **Figura 03.** Praticante APAE/GV
 Fonte: acervo pessoal (2019)

artístico, social e econômico (ANDES, 2013). A pesquisa apresenta uma lógica totalmente diferente do ensino: incentiva a dúvida. “A dúvida é sua companheira permanente e o erro é considerado importante no processo de construção do conhecimento. O conhecimento é sempre provisório, um processo que se refaz a cada momento” (CUNHA, 2007).

A realização das ações mencionadas anteriormente e descritas de forma sintetizada e objetiva, nos permite afirmar que há, nas atividades do Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo do IFRS-Campus Sertão, a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, pois a aquisição de conhecimento, aliada a investigação científica e permeada pela extensão se reflete na formação humana, social e acadêmica de todos os envolvidos no processo.

Cumprir a missão e atender as políticas e normativas que regem as ações de ensino, pesquisa e extensão, significa extrapolar a simples inovação educacional e que implicam o reconhecimento de que uma área é sempre implacavelmente diferente, pois a diferença é o que existe – a igualdade é inventada, enquanto a valorização das diferenças impulsiona o progresso educacional.

A Equoterapia é uma transformação muito gratificante. Os benefícios da equoterapia são inúmeros, na questão de comportamento social e emocional. Meu filho Lucas tem síndrome de Down, tinha um pouco de nervosismo e percebi que após as práticas na equoterapia acalmou, tanto que hoje nem faz uso de medicação, a concentração nas atividades também melhorou.

Minha relação com a equoterapia iniciou em 2007, quando a convite do Dr. Badalotti, assisti a palestra do Dr. Severo, (hoje falecido, lembrado pelo legado que nos deixou). Em seguida fiz o curso básico em Porto Alegre. Sou grata por ter a oportunidade de conhecer e vivenciar essa prática. Os benefícios que a mesma proporciona, comprova-se, por meio de observações vividas na família e no centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo de Sertão, e como seus praticantes reagem a essa terapia. Lucas adora o contato com os cavalos do projeto no IF Sertão, principalmente o Profeta.

Gratidão Professor Marcos pela oportunidade de fazer parte deste projeto maravilhoso. I. P. – Mãe do praticante Lucas presente na foto.

Entretanto, a lógica positivista é bastante presente e arraigada à educação escolar e à formação de seus profissionais, como uma perspectiva hegemônica, que resiste à velocidade e à emergência de novas possibilidades e disposições compreensivas nas ações necessárias para que ocorra a indissociabilidade.

Considerações finais

A indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício de todos os envolvidos com a atividade

de equoterapia com e sem necessidades especiais, dependendo apenas de uma disponibilidade interna para enfrentar as inovações. Às vezes, essas oportunidades lhes serão oportunizadas, mas, na maioria das vezes, terão que ser construídas e, nessa construção, as pessoas, as ações, precisam se inter-relacionar e ao mesmo tempo se desenvolverem ativamente.

Prospecta-se para o ano de 2022, diversas ações em comemoração aos 10 anos de atividades do projeto de extensão. Dentre estas, o lançamento de um livro com uma coletânea dos “Trabalhos de Conclusão de Cursos que foram desenvolvidos a partir das atividades desenvolvidas na extensão...”? desenvolvidos pelos alunos e demais publicações relacionadas, um simpósio internacional sobre equoterapia e a realização do IV Curso Básico de Equoterapia em parceria com a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE/Brasil).

Referências

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial** [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 253, p. 1, dez. 2008. Seção 1.

_____. Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019. regulamenta a equoterapia como método de reabilitação de pessoas com deficiência. **Diário Oficial** [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, de 14/05/2019, p. 04.

_____. Ministério da Educação. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica**. Concepção e Diretrizes. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 29 set. 2021.

ANDE/ Brasil. **Apostila do Curso Avançado de Equoterapia** – ANDE-BRASIL, março 2016.

ANDES. **Cadernos ANDES**: proposta do ANDES-SN para a universidade brasileira. 4.ed. n.2. Brasília: ANDES, 2013. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/imprensa/documentos/imp-doc-811277708.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

CUNHA, M. I. da. Pesquisas e qualidade no ensino: aprendizagens e possibilidades na educação superior. In: ENGERS, M. E. A.; MAROSINI, M. C. (Org.). **Pedagogia universitária e aprendizagem**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p.167-177.

TAUCHEN, Gionara. O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009).

Fazer extensão com a certeza da plenitude da docência

Vivian Treichel Giesel¹

Trabalhar em projetos na área da saúde sempre foi algo que me motivou bastante. O fazer diário como docente sempre me conduziu ao desenvolvimento de tópicos que trouxessem aos estudantes da instituição uma percepção clara da razão pela qual cuidar da saúde global, física e emocional é importante. Ainda no início da minha vida profissional, desde que meu cotidiano passou a contar com a teoria da fisiologia humana, percebi que todas as condutas práticas são mais palpáveis e mais cativantes quando aliadas ao saber técnico. Ainda nesse período, vivenciei um aumento considerável na adesão, por parte dos alunos, aos cuidados sobre os quais eu ministrava as aulas teóricas. Percebi, então, que essa conduta talvez fosse a chave para que os objetivos, que sempre tive como profissional da saúde, fossem alcançados. Percebi, no fortalecimento da teoria, uma forte propensão à manutenção mais regular e regrada da prática.



📌 **Figura 1.** Foto da aula de uma das primeiras edições do projeto.

Fonte: acervo pessoal, (2012).

A partir de então, ficou claro que a concepção de aliar a teoria à prática não deveria ficar restrita aos alunos da instituição. Assim, decidi expandir a abrangência no *campus* e ministrei um curso para os servidores, na época, intitulado “Saúde no *Campus*”. Foi muito prazeroso ministrar as aulas e receber um *feedback* tão positivo. Pude ver que quando abordamos o conhecimento técnico e científico de forma simplificada e divertida, atingimos as pessoas com mais ênfase e a aplicação desse conhecimento na prática se torna mais factível.

Em 2012, iniciou-se a minha vida como extensionista no *Campus* de Feliz, do Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), pois, se era possível modificar os cuidados que as pessoas do *campus* tinham, então era possível ampliar ainda mais esse envolvimento, modificando também os cuidados que as pessoas da região tinham com a forma como cuidavam da sua saúde. A partir dessa ideia, surgiu o “Feliz em Movimento”, projeto de extensão mais antigo do *Campus* de Feliz do IFRS.

Na primeira edição, poucos alunos iniciaram as aulas conosco, pois desconheciam o trabalho que era feito internamente. No entanto, a partir do desenrolar das aulas, que eram semanais e com inscrições no decorrer de todo o projeto, a quantidade de alunos foi crescendo exponencialmente,

¹ Doutora em Ciências Biológicas pela UFRGS. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz. E-mail: vivian.giesel@feliz.ifrs.edu.br

mostrando o sucesso da metodologia e do tema que escolhemos. O trabalho dos bolsistas, que são escolhidos anualmente desde a primeira edição, foi crucial na divulgação e no acolhimento dos alunos já nesse primeiro momento.

Essa versão foi aprimorada dando origem às edições seguintes do projeto de extensão. O formato dos slides foi modificado para ampliar e facilitar o conteúdo, a partir da inserção de esporádicas aulas práticas para demonstração e da criação de materiais específicos do projeto para distribuição aos participantes, como camisetas, apostila, caderno de anotações etc. Por fim, convidamos o professor de física do *campus* para fazer parte da equipe do projeto, a fim de que os conteúdos da área fossem abordados de forma mais elaborada e com o conhecimento técnico necessário. Isso foi pensado para que os alunos conseguissem se envolver com os temas fisiológicos os quais englobam aspectos da física.

Em 2020, nos vimos naquele novo cenário, do qual não sabíamos exatamente quando sairíamos e nem quando poderíamos recomeçar com as atividades de extensão. Um novo recomeço nos foi possibilitado de forma remota. Para os que me conhecem e sabem o quanto vivo de emoção e o quão importante é o olhar e a presença física na minha relação com os alunos, talvez tenha ficado claro que para qualquer outra atividade remota eu não sentiria dificuldades mas, para ministrar aulas, tudo parecia que perderia seu calor humano. Sempre sentimos a necessidade de encantar. Sempre foi uma das afirmações mais frequentes dos alunos nas aulas a frase: “Profe, quando tu fala teu olho brilha!” Isso diz tudo sobre o projeto “Feliz em Movimento”.

Quando uma pessoa ama o que faz, os que estão a sua volta compreendem muito mais facilmente o quanto aquilo significa e fica, também, mais natural seguir o que se aprende.

Contudo, a ausência física não era algo a se lamentar, era momento de entender que um projeto na área da saúde é extremamente necessário em meio a uma situação de crise na saúde global, oriunda da pandemia de coronavírus. Era crucial da nossa parte a realização de mais uma edição. A abordagem da saúde na sua forma mais ampla e simplificada, tanto física como mental, bem como a disponibilização de conteúdo referente à pandemia fazia parte de tudo o que trabalharíamos nas aulas. A população carecia disto e, de forma não surpreendente, lá estávamos nós iniciando o projeto, no ano de 2020, como sendo a primeira edição em que alcançamos o número de 100 inscitos, do Brasil inteiro, de norte a sul. Era um momento no qual, apesar da distância, bastava uma tela para que alcançássemos o coração das pessoas. A pandemia fez com que a característica mais marcantes da nossa extensão, que sempre foi a emoção, estivesse mais a flor da pele. E quanta diferença nós



📌 **Figura 2.** Foto de uma das aulas práticas do projeto.

Fonte: acervo pessoal, (2016).



📌 **Figura 3.** Foto de uma aula antes do início da pandemia.

Fonte: acervo pessoal, (2019).

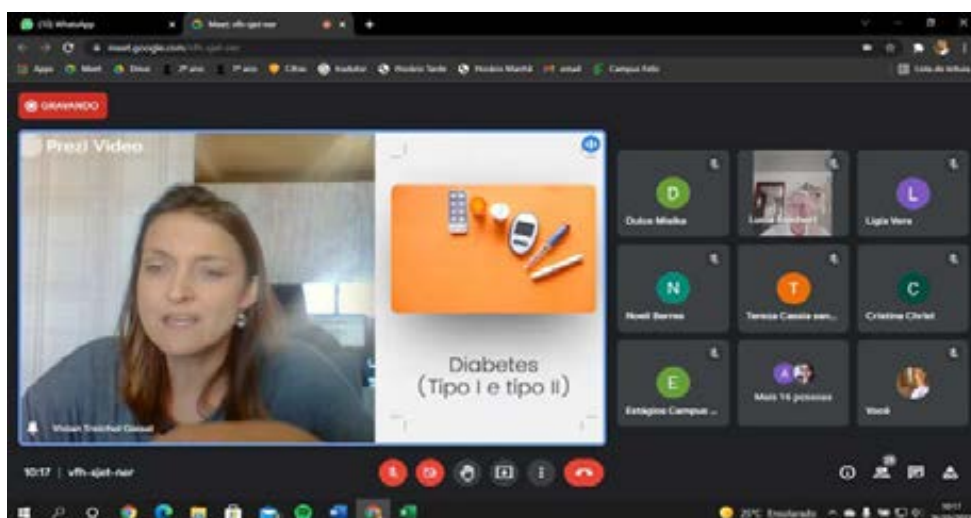


Figura 4. Print de tela de uma das aulas do projeto no formato remoto. Fonte: acervo pessoal, (2021).

fomos capazes de fazer na vida dessas pessoas. Quanta luz e quanta esperança nós trouxemos em meio a tantas incertezas. O projeto sempre teve os idosos como grupo majoritário de inscritos e esse público, que na pandemia recebeu a triste denominação de “grupo de risco”, claramente precisava muito de nós naquele momento.

A docência, em meio à pandemia, intensificou e multiplicou o trabalho para todos nós, mas a nossa veia extensionista não permitiu que largássemos esse projeto tão lindo naquele momento e, hoje na edição de 2021, colhemos os frutos desse trabalho. O projeto está mais forte, mais abrangente e com maior divulgação e interação nas redes sociais. Somos apenas mais um grupo que se preocupa com a saúde dos demais e possui a empatia necessária para ver essa necessidade nesse momento, mas tenho certeza de que a forma como fazemos isso, nós professores, bolsistas e os demais participantes do projeto é o que nos diferencia dos demais. Ser, estar e viver Feliz em Movimento é a característica de nosso fazer extensionista, pois acreditamos na força do exemplo e da dedicação ao que acreditamos.

Faz-se necessário voltar ao papel crucial que os bolsistas possuem, os quais são indispensáveis ao projeto, são eles que fazem o principal acolhimento fora do ambiente de sala de aula. O projeto traz grandes ensinamentos que podem ser vislumbrados em cada um dos depoimentos dos bolsistas dos diversos anos.

Além disso, é importante mencionar que já fomos chamados em escolas da região para ministrar minicursos do projeto para alunos e servidores, o que nos orgulha muito e nos dá a alegria de aumentar o alcance de nossos ensinamentos.

Finalizando, a partir do que foi explicitado aqui, por vezes, nos questionam sobre a escolha do nome para o projeto, que foi justamente oriundo da forma como foi concebido. O objetivo, ao trazer um duplo sentido ao nome, foi justamente a certeza de que ele seria algo que colocaria a cidade de **Feliz** em um **movimento** a favor da ampliação da qualidade de vida e que se tornaria grande o suficiente para atingir a população regional, depois estadual e futuramente nacional, como é hoje. E assim, seria possível visualizar pelo menos uma parte do país sendo atingida por esta mudança nos hábitos e vendo a população mais **feliz**, por internalizar a ideia do **movimento**. Acredito que o nome escolhido continua se encaixando perfeitamente até hoje, por trazer essas duas ideias.

Um relato de experiência extensionista

Sidnei Dal'Agnol¹

Meu nome é Sidnei Dal'Agnol e desde jovem tenho lembranças de extensionistas contribuindo para melhoria na qualidade de vida da minha família e (de uma) da pequena comunidade de São Paulo, localizada na zona rural do município de Ciriaco/RS. Com o passar dos anos comecei a criar meus conceitos sobre o trabalho que eu via acontecer, na época nem sabia que existia o termo extensão, apenas percebia aquelas pessoas praticando algo que eu achava de grande importância.

Passando os anos tive oportunidade de estudar em escolas públicas, inicialmente em escola municipal, depois estadual e por fim em uma escola técnica federal, me formando Técnico em Agropecuária, com isso, tive oportunidades de ir para o mercado de trabalho formal e logo apareceu a oportunidade de trabalhar com extensão rural. Confesso que de início foi bem difícil, mas com o suporte de colegas de trabalho, consegui entender melhor os processos e como ocorre a prática extensionista junto as famílias da agricultura familiar que eu atendia.

Com o passar do tempo minha visão sobre a extensão foi mudando, antes pensava que o que aprendi nas escolas juntamente a meus estudos extras, era suficiente para intervir positivamente na vida daquelas famílias que eu atendia, porém, logo percebi a comple-

xidade do ambiente em que eu me encontrava. Quando se trata de pessoas, precisamos entender que cada uma possui uma história de vida e que essa história se junta ao ambiente onde ela vive, constituindo uma identidade única, em que cada pessoa possui uma percepção diferente do mundo.

Após minha humilde trajetória na extensão, somado com outras formações que busquei para melhorar meus resultados como profissional e como ser humano dentro da complexidade psíquica que temos, traduzo em poucos parágrafos minha percepção referente à extensão.

Praticar a extensão no meu entendimento é estar próximo da comunidade buscando ouvir e entender quais as principais necessidades e desejos das pessoas. É contribuir para melhorar a qualidade de vida de pessoas através de ações positivas, com objetivo de solucionar problemas e/ou criar oportunidades.



↑ **Figura 1.** Entrega de alimentos pelo projeto “Compre e Doe” para instituição Obra Santa Marta que atende famílias em vulnerabilidade social. Fonte: acervo pessoal, (2020).

¹ Mestre em Agricultura de Precisão pela UFSM. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Erechim. E-mail: sidnei.dalagnol@erechim.ifrs.edu.br

Como posto no parágrafo anterior, precisamos ouvir as pessoas, me refiro, com isso, a necessidade de darmos voz a elas, fazendo com que elas sejam mais ativas nas ações propostas, e também que tragam para o consciente as suas reais necessidades, porém, nem sempre essa prática é simples. É comum as pessoas falarem o que é socialmente aceito, por isso, buscar o que de fato faz aquela pessoa ou grupo avançarem é ponto fundamental.

A confiança é outro elemento primordial para o sucesso da extensão, e esse processo muitas vezes leva tempo, algo que pode limitar muito os resultados dos nossos projetos, pois muitas vezes não temos tempo para dedicar, gerando uma sensação de fracasso. Algumas vezes essas sensações nos fazem desanimar, porém, aprendi que não existe erro, mas sim, um novo aprendizado que precisa ser analisado e interpretado para ser utilizado nas próximas ações.

A extensão é um processo de troca, no caso da instituição de ensino, é preciso também trazer para dentro da organização novos conhecimentos que contribuam para melhorias no processo de ensino e de pesquisa. Com a prática da extensão, as instituições de ensino podem se manter próximas das realidades regionais e intervirem de forma mais efetiva, cumprindo seu papel junto à sociedade.

Entendo que no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) a extensão apresenta muitas oportunidades para os estudantes, visto que, ao participar dos projetos eles conseguem melhor associar o que aprenderam, facilitando a construção de novos conhecimentos. Para os demais estudantes também é proveitoso, quando as experiências vividas nos projetos de extensão são trazidas e trabalhadas em sala de aula.

Para não me prolongar, posso concluir que o (a) extensionista precisa estar em constante reflexão e crítica sobre seus pensamentos, suas crenças limitantes, seus preconceitos, sua forma de agir automatizada e buscar agir com empatia. Isso não quer dizer que seremos perfeitos, que vamos estar livres de julgamentos errados, que vamos entender tudo o que se passa conosco e com os outros, apenas é uma ação que pode aumentar a probabilidade de sermos mais justos e assertivos.

Agora, falando um pouco sobre minha trajetória na extensão junto ao IFRS, lembro que, meus primeiros projetos de extensão no *Campus* Erechim foram como colaborador em projetos na área de Gestão e Negócios, porém, com o decorrer do tempo procurei me apropriar dos processos de formulação dos projetos via sistema informatizado próprio da instituição e logo iniciei novas propostas como coordenador.

Apesar de ser professor da área de Gestão e Negócios desde 2014, desenvolvi projetos em outras áreas também, como na área ambiental, social, ciências agrárias e saúde. Essa diversidade se



Figura 2. Estudante bolsista apresentando sistema de comercialização virtual criado para central de cooperativas CECAFES. Fonte: acervo pessoal, (2019).



Figura 3. Curso de boas práticas de fabricação e comercialização para agricultores do município de Aratiba/RS. Fonte: acervo pessoal, (2019).

justifica um pouco pela minha formação multidisciplinar, mas também, pela observação de necessidades apresentadas pela comunidade externa. O principal público que tenho desenvolvido trabalhos é o da agricultura familiar, principalmente famílias da agricultura familiar localizado na região do Alto Uruguai Gaúcho.

Essa aproximação com a agricultura familiar não é por acaso, visto que, sou filho de agricultores familiares e convivi nesse meio na infância e adolescência, posteriormente me formei Técnico em Agropecuária na Escola Agrotécnica Federal de Sertão, hoje Instituto Federal - *Campus* Sertão. Em seguida, trabalhei por mais de uma década na Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS), atendendo famílias da agricultura familiar e assentadas pela reforma agrária.

Os projetos que desenvolvi em conjunto com colegas professores, técnicos e estudantes tiveram apoio de várias organizações, em especial da Emater, que sempre contribuiu na organização de ações para o público rural. Minha trajetória atuando em projetos de extensão no IFRS contribuiu para entender melhor a região onde estamos inseridos. Busco trazer essa experiência para a sala de aula, associando teoria e prática contribuindo na formação dos estudantes.

Com o objetivo de aproximar o ensino da extensão, coordenei o projeto piloto de curricularização da extensão no *Campus* Erechim do IFRS. Nesse projeto, estudantes do curso superior em Tecnologia de Marketing desenvolveram propostas de melhorias nos pontos de vendas físicos de duas cooperativas da agricultura familiar, objetivando melhorar os resultados para aquelas cooperativas e a experiência de compra dos consumidores.

Quando uma instituição de ensino pratica de fato a extensão, está contribuindo para o desenvolvimento das comunidades locais e regionais, mas no outro sentido, também as experiências e oportunidades que se abrem tem grande potencial para contribuir na formação dos estudantes. Percebo que estudantes participantes dos projetos de extensão conseguem na sua maioria ter um melhor entendimento do mercado de trabalho, associando os conteúdos teóricos com a realidade da sociedade.

Para o IFRS, assim como para outras instituições públicas de ensino, um aspecto importantíssimo dos projetos e programas de extensão é proporcionar que a comunidade conheça melhor a instituição, entenda o que se faz lá dentro. Além do ensino também se faz extensão e pesquisa, e que o papel dessas organizações é dialogar com a comunidade, contribuindo com o desenvolvimento local e regional, buscando uma sociedade mais justa e melhor para se viver.

É comum ouvir em diálogos com parceiros e pessoas beneficiadas por projetos que eles desconhecem as oportunidades oferecidas em termos de ensino, pesquisa e extensão, mas quando extrapolamos os muros da instituição e oferecemos nossos serviços estamos proporcionando que novas “portas” se abram. Da mesma forma que para nós, como instituição de ensino, várias “portas” podem se abrir, basta estar atentos para perceber essas oportunidades.



↑ **Figura 4.** Aula inaugural do Curso de Marketing Digital para organizações de pequeno porte. *Fonte:* acervo pessoal, (2018).

Durante essa caminhada na extensão no IFRS vários projetos foram desenvolvidos, boa parte deles foram de curta duração atendendo demandas pontuais, alguns foram submetidos novamente com pequenos ajustes, outros que foram repassados para coordenação de outros colegas servidores com objetivo de dar maior dinâmica e melhor atender às novas necessidades apresentadas pela comunidade.

Buscando organizar e potencializar projetos ligados as demandas da agricultura familiar submeti o primeiro programa de extensão do *Campus Erechim*, o Programa de Apoio à Gestão na Agricultura Familiar (PAGAF). O programa aos poucos vai se consolidando e buscará até 2023 contribuir para melhorias na gestão da agricultura familiar. Na composição do programa estão projetos que trabalham com cooperativas da agricultura familiar, com agroindústrias e mesmo oferece outras oportunidades para quem tiver interesse e atender os critérios definidos nos projetos.

Acredito que teria muita dificuldade de me adaptar na carreira de professor devido ao meu histórico como extensionista rural, mas ter encontrado a possibilidade de aliar ensino, pesquisa e extensão ao meu trabalho, certamente contribuiu para minha adaptação, e creio que muitos projetos ainda irei submeter ou participar como colaborador. Com a certeza de que poderei em futuros projetos com o costumeiro apoio dos colegas de trabalho e comunidade externa, finalizo esse relato agradecendo todos (as) que fizeram parte dessa minha trajetória na extensão, também pela oportunidade de submeter esse relato.

Prática para a formação da identidade extensionista

Jefferson Haag¹

Resumo

A identidade extensionista é desenvolvida a partir das experiências adquiridas ao longo do tempo, uma vez que a formação inicial para Extensão é muito recente nos currículos dos cursos superiores. O presente trabalho relata a minha prática extensionista no IFRS *Campus* Caxias do Sul, para a formação de uma identidade na Extensão. Desde 2017, desempenhei a função de Coordenador da Extensão do *campus* e desenvolvi 34 ações de extensão, o que permitiu ampliar a visão sobre a Extensão, aprimorando as ações e tornando-as mais significativas para a comunidade. Podem-se citar os programas LAEMM e Vem Viver o *Campus* Caxias do IFRS, os projetos Metalurgia Ativa e WebIF, os cursos Ensaios Mecânicos e Pré-IFRS, bem como os eventos Semana Acadêmica da Metalurgia e Portas Abertas, sendo estas ações vinculadas a diferentes áreas temáticas. Como resultado, percebe-se que a Extensão, não é só importante para o seu público-alvo, que acaba contribuindo e sendo beneficiado por suas ações, mas também para os estudantes, que se tornam cidadãos e profissionais melhores a partir da formação integral. Conclui-se que, o papel do extensionista deve ser fortalecido e é necessário maior fomento institucional para que sua prática seja concretizada.

Palavras-chave: Extensão. Prática Extensionista. Identidade Extensionista.

Introdução

No IFRS, a Extensão é entendida como um processo educativo, sociocultural, científico e tecnológico que promove a integração entre as instituições junto à sociedade. A prática extensionista se dá pela realização de ações de extensão, que são desenvolvidas sob a forma de Programas, Projetos, Cursos, Eventos ou Prestação de Serviços. Estas ações devem ser caracterizadas em uma das oito áreas temáticas da Extensão: Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção e Trabalho. As ações extensionistas têm que proporcionar

¹ Mestre em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais pela UFRGS. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Caxias do Sul. E-mail: jefferson.haag@caxias.ifrs.edu.br

benefícios mútuos aos envolvidos (servidores, estudantes e comunidade externa), visando o desenvolvimento social e econômico nas regiões de cobertura dos *campi* do IFRS (CONSUP/IFRS, 2017).

A formação dos extensionistas ocorre através de capacitações, da participação de atividades de extensão, dentre outras maneiras. Em 2018, a curricularização da Extensão foi regulamentada nos cursos de graduação e, assim, os estudantes terão a possibilidade de experienciá-la durante a sua formação inicial na Educação Superior (CNE/CES, 2018). Sabendo que esta forma de desenvolvimento é muito recente e que sua implementação só se dará, quando os projetos pedagógicos forem reformulados, surge a problemática de como a identidade extensionista é constituída e como as experiências adquiridas ao longo do tempo contribuem para que as ações possam ser continuamente melhoradas.

Este trabalho teve o objetivo de estabelecer a relação entre a prática e a identidade extensionista através do relato da minha prática no IFRS *Campus* Caxias do Sul, desde a coordenação da Extensão do *campus* até a realização de diferentes ações de extensão. Ao longo do relato, serão abordadas as motivações, o desenvolvimento da prática extensionista, a evolução dos projetos e programas, bem como a sua importância para a comunidade.

Desenvolvimento

Na época de estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tive a oportunidade de participar de atividades de extensão no Laboratório de Metalurgia Física (LAMEF). Foram desenvolvidos projetos e prestações de serviços com diversas empresas, das mais diversificadas áreas de atuação, entre 2008 e 2016. Tais experiências foram fundamentais para entender a importância da Extensão e seus impactos na formação profissional, fomentando, também, o interesse em me tornar um extensionista.

O início das ações no IFRS se deu em outubro de 2017. Neste instante, foi dada a oportunidade e o desafio de coordenar a gestão da Extensão do *Campus* Caxias do Sul, que durou cerca de dois anos e meio. Durante mais de cinco anos de extensionista do IFRS, realizei 34 ações nas mais diversas formas e áreas temáticas da Extensão. A motivação de ser extensionista foi, principalmente, proporcionar aos estudantes as mesmas oportunidades que foram oferecidas a mim, durante minha formação, entendendo o valor que a participação em atividades de Extensão possui para a formação integral.

Coordenadoria de Extensão

A Extensão nos *campi* do IFRS é gerenciada por uma Diretoria ou uma Coordenadoria, dependendo da dimensão do *campus*. Em Caxias do Sul, há uma Coordenadoria de Extensão, que cuida, não só das ações de extensão, mas também é responsável pelo Setor de Estágios.

Para atuar nesta função, foi necessário realizar muitas capacitações, que se deram desde a participação ativa em eventos, cursos e minicursos, como o Encontro de Pesquisadores e Extensionistas, até o estudo dirigido e a análise documental. A troca de experiências com outros extensionistas e gestores foi bastante pertinente para a tomada de decisão e a proposição de ações institucionais relevantes à comunidade. Portanto, ressalto que não basta ter apenas experiência prévia na Extensão de outra instituição, mas também o aperfeiçoamento constante, diálogo e uma equipe comprometida.

Como resultado da prática na Coordenadoria de Extensão, pode-se realçar a consolidação das ações extensionistas a partir da capacitação de servidores, alcançando o maior número de projetos/

programas concluídos na história do *Campus Caxias do Sul*, sendo 17 projetos/programas das 38 ações de extensão formalizadas em 2019. Tal fato se dá, apesar dos aumentos da carga horária docente e do crescimento do número de estudantes, que acabam ampliando o número de atividades dos servidores. Para que este resultado fosse atingido, foram demandadas a simplificação e facilitação dos processos e fluxos, bem como o apoio contínuo aos extensionistas.

Outro resultado a ser destacado é o suporte a realização de dois cursos de formação inicial e continuada (FIC), com mais de 160 horas, que foram o de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o curso de Assistente de Planejamento, Programação e Controle da Produção. Este formato de curso exige, dentre outras coisas, que haja um projeto pedagógico de curso (PPC) e um relatório do desenvolvimento institucional (RDI), assim como pareceres favoráveis das Pró-Reitorias e, inclusive, um edital de seleção dos participantes. Dessa forma, a oferta de cursos FIC exige etapas adicionais a de um curso de extensão de curta duração, uma equipe do curso bem preparada e uma boa orientação para que a ação seja realizada da melhor forma possível.

Outro produto relevante da atuação na Gestão da Extensão foi a implantação do chamamento público para a celebração de acordos de cooperação entre o *campus* e os agentes de integração de estágios. Esta atividade foi a primeira em todo o IFRS que utilizou editais de fluxo contínuo, permitindo não só melhorar a transparência, formalizar os acordos e aumentar o número de empresas parceiras, outrossim, ampliar as oportunidades para os estudantes dos cursos regulares, que demandam cada vez mais locais para cumprir o estágio curricular obrigatório.

Prática Extensionista e as Ações de Extensão

A prática extensionista requer capacitação e conhecimento, incluindo competências técnicas, gestão de projetos e compreensão dos fluxos e procedimentos para a formalização das ações de extensão. Estas ações são submetidas no sistema de informação adotado pelo IFRS (SIGProj), que permite o registro das propostas e dos relatórios, a sua análise e o seu acompanhamento pela gestão da Extensão do *campus*.

De 2017 a 2021, elaborei 34 ações de extensão na condição de coordenador, colaborador ou membro da comissão organizadora. Com exceção da prestação institucional de serviços, todas as outras formas de ações no IFRS foram desenvolvidas, sendo elas, nas áreas temáticas da Tecnologia e Produção, Educação, Cultura e Comunicação. As ações são relacionadas, sobremaneira, às áreas de conhecimento da Engenharia e da Educação.

Os programas são um conjunto articulado de projetos e outras ações de médio e longo prazo. Nesse seguimento, o programa “LAEMM” foi criado em 2018 e tem sido realizado anualmente para atender as demandas de ensaios/testes de materiais na cidade de Caxias do Sul. Este programa tem como objetivo promover tecnologias e soluções metalmecânicas, com ênfase na capacitação profissional da comunidade. Para tanto, ele foi estruturado para conter três projetos vinculados às áreas temáticas da extensão, sendo eles: LAEMM-Edu na Educação; LAEMM-Tec na Tecnologia e Produção; e LAEMM-Webs na Comunicação. Por sua vez, em 2019, o programa “Vem Viver o *Campus* Caxias do IFRS!” surgiu a partir da necessidade de integrar a organização de cinco ações de extensão, que são os eventos Mostra IFTec, Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão e Portas Abertas, o curso Pré-IFRS e o projeto Venha Conhecer o Nosso *Campus*. Este programa tinha o objetivo de oportunizar a vivência da comunidade aos espaços do *campus* e foi proposto numa parceria entre as Coordenações de Extensão e de Pesquisa. Um desdobramento foi a “institucionalização” dos mesmos eventos do *campus* feito pela nova gestão eleita, o que basicamente deu continuidade à iniciativa inédita e bem-sucedida.

Os projetos são ações que têm objetivo específico e prazo determinado. Em 2020, o projeto “WebIF: extensionando o conhecimento” foi o primeiro projeto do *Campus* Caxias do Sul a ser contemplado pela iniciativa da PROEX para concessão de apoio a propostas de estudantes, o que mudou o padrão de somente servidores submeterem as ações de extensão. Neste projeto, foi feita a difusão de conhecimentos através de webinários, workshops, sites e redes sociais. Já em 2021, o projeto “Metalurgia Ativa” foi elaborado com o objetivo de ser um piloto da curricularização da extensão no curso de Engenharia Metalúrgica. Foi o único projeto piloto do *campus* e um dos oito projetos de todo o IFRS para contemplar a Extensão nos currículos dos cursos superiores da instituição.

Os cursos são ações que unem ensino e extensão com o objetivo de disseminar conhecimentos à comunidade. O “Pré-IFRS” é um preparatório gratuito e presencial para os candidatos do processo seletivo dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. Esta ação foi inicialmente criada pela Profª Daiane Trentin em 2016. Nos anos de 2018 e 2019, o curso foi reestruturado para atender mais candidatos e permitir a experiência dos espaços do *campus*. Outro curso foi o de “Ensaio Mecânicos e Metalografia Aplicada”, que aconteceu em 2020 para atender a uma demanda de qualificação profissional de uma empresa.

Os eventos são ações de curta duração e são caracterizados por serem atividades específicas. Destaca-se a “Semana Acadêmica da Metalurgia”, que teve já quatro edições entre 2017 e 2020. Este é um evento que oportuniza momentos de reflexão da prática profissional para a comunidade e é organizada por docentes e estudantes dos cursos de Engenharia Metalúrgica e de Tecnologia em Processos Metalúrgicos. Já o “Portas Abertas” foi criado em 2018 para atender ao anseio da comunidade de conhecer os cursos e a infraestrutura do *Campus* Caxias do Sul. Neste evento, alunos e servidores apresentam a instituição por meio de visitas guiadas e explicam o perfil de cada curso aos interessados em ingressar no IFRS.

Conclusão

A formação da identidade extensionista é feita, principalmente, pelas experiências nas ações de extensão, uma vez que a formação inicial ainda está em implementação nos cursos superiores. Ser extensionista é relacionar teoria e prática com situações reais, aproximando a instituição da comunidade e oportunizando a formação integral dos estudantes. É através da Extensão que se atinge as pessoas ao redor do *campus* e transforma a suas realidades. Assim, entendo que o papel do extensionista deva ser fortalecido e valorizado por meio da disponibilização de recursos físicos e de equipe para que as ações sejam realizadas.

Referências

CONSUP. **Resolução nº 058, de 15 de agosto de 2017**: Política de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Bento Gonçalves: Ministério da Educação, 2017. 15 p. Disponível em: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/Resolucao_058_17_Completa.pdf. Acesso em: 07 nov. 2021.

CNE/CES. **Resolução Nº 7, de 18 de Dezembro de 2018**: Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília: Ministério da Educação, 2018. 4 p. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso: 07 nov. 2021.

Um relato da prática extensionista com criadores de abelhas

Renata Porto Alegre Garcia¹

No decorrer de sete anos com projetos de ensino, pesquisa e extensão no IFRS *Campus* Ibirubá foram muitas ações junto a apicultores e meliponicultores, estudantes e interessados no tema “abelhas”. Vou relatar, ao longo deste texto, mas admito que posso ter esquecido de alguma atividade ou algum detalhe.

Como tudo isso começou na minha vida, na verdade, muitos anos antes mesmo de trabalhar no IFRS, iniciou ainda no ensino fundamental, eu devia ter uns 12 anos, quando pela primeira vez uma professora, em uma aula de técnicas agrícolas (naquela época técnicas agrícolas, técnicas domésticas e outras eram parte do currículo das séries finais do ensino fundamental), na Escola Darcy Vargas, em Porto Alegre, explicou sobre a apicultura, o nome da professora não lembro, foram poucas aulas que tive com ela, creio que ela nem imagine que aquela aula me marcou tanto, e ali iniciou a minha paixão pelas abelhas. Na graduação tive o privilégio de ter um grande mestre, o professor Silvio Lengler, como era bom estudar sobre as abelhas, só que participei de apenas uma aula prática em apicultura.

Após formada em zootecnia, durante alguns anos, em Taquara, criei abelhas no Sítio dos meus pais. Ali aprendi na prática, depois que iniciei minha vida como docente, não foi possível conciliar, por conta da distância e mesmo pelo trabalho, como docente e também para criar. Se engana quem pensa que vida de docente e apicultor é fácil, ambas, depende de “amor”, vocação e muita dedicação para o sucesso. Usar macacão com calor, aguentar a fumaça e produzir pouco ou ainda perder um enxame é decepcionante, como uma reprovação de um estudante no final de um ano letivo.

Porém, na docência, as abelhas seguiram em minha vida, e minha primeira possibilidade de atuação na extensão surgiu quando trabalhava no IFFarroupilha no *Campus* Alegrete, uma ação foi junto aos apicultores da Associação de Apicultores de Alegrete (AAPIA) auxiliando na Jornada apícola que acontecia de dois em dois anos em parceria com a Emater do município, e as outras ações foram com cursos de apicultura para assentados rurais e jovens de escolas rurais. Foi ótima essa experiência com os apicultores, e nesses cursos com os assentados e os estudantes do último ano do ensino fundamental de escolas rurais, o objetivo era incentivar a apicultura, e que jovens se interessassem pelo tema.

Em Alegrete, entre 2010 e 2013 realizei muitos projetos de pesquisa na área de apicultura. Porém, em 2013 iniciei minhas atividades como docente no IFRS *Campus* Ibirubá, um *campus* em implantação e que não tinha setor de apicultura. O que encontrei foram algumas caixas velhas, uma centrífuga manual, uma mesa desoperculadora e um decantador com uma trinca. Ainda em 2013, foi possível a aquisição de cinco caixas padrão americana com melgueira, três núcleos de 5 caixilhos, dez macacões de apicultor de brim branco, dez pares de luvas, um fumegador e alguns quilos de

¹ Doutora em Zootecnia pela UFRGS. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Ibirubá.
E-mail: renata.garcia@ibiruba.ifrs.edu.br

cera. Agora era necessário capturar os enxames. Demonstrar os equipamentos apícolas e a captura de enxames foram os conteúdos das primeiras aulas práticas de apicultura da turma do 1º ano de 2013 do Curso técnico em agropecuária no IFRS *Campus* Ibirubá no componente de criações de pequenos animais. Em pouco tempo estávamos com todas as cinco colmeias povoadas com abelhas no *campus*. O próximo passo foi definir onde seria o apiário no *campus*, e foi encontrado o local ideal, próximo de um açude, ao lado da área de reserva permanente, na borda das lavouras, mantendo as distâncias de segurança de casas e demais instalações do *campus*, mas relativamente próximo aos prédios principais do *campus*, facilitando as aulas práticas.

Em 2014, os enxames estavam fortes, agora o setor de pequenos animais contava com coelhário, aviários, piscicultura, apiário e a antiga casa do mel do tempo da Escola Técnica do Alto Jacuí (ETAJ). Para a velha casa do mel foram levados aqueles equipamentos, a centrífuga, a mesa desoperculadora e o decantador, o decantador não foi possível arrumar. Na velha casa do mel utilizando a centrífuga manual e a mesa desoperculadora foram ministradas as aulas práticas de processamento do mel até 2019, nesse ano com recurso do curso técnico em agropecuária foram adquiridos novos equipamentos para casa do mel. Entretanto, a casa do mel precisa de uma reforma para atender a legislação sanitária de inspeção do produto de origem animal e mesmo dispor de uma instalação adequada para as práticas de ensino. Algumas vezes os apicultores abordaram sobre a possibilidade de uma casa do mel no *Campus* Ibirubá, a venda de um mel legalizado é um objetivo dos apicultores.

Não vejo como inviável esta possibilidade, mas compreendo como difícil, pelos trâmites necessários para uma legalização no Serviço de inspeção, custos de reforma e equipamentos, responsável técnico da casa, equipe de trabalho na casa do mel e todos encaminhamentos até formalização de uma cooperação entre associação de apicultores e IFRS. Para acontecer depende da instituição querer como um todo e da articulação dos apicultores também. Reflito, seria interessante para uma instituição um produto legalizado com seu logo, na mesa da comunidade, não deixa de ser marketing, já imagino o nome Mel do *Campus*. Além de melhorar a casa do mel do *campus*, solucionaria uma demanda da nossa comunidade de apicultores. Ao longo do relato vão compreender melhor esta necessidade da casa do mel.

Voltando a 2014, agora com um setor de apicultura composto pela velha casa do mel e apiário, teríamos a possibilidade de ensinar sobre apicultura no *Campus* Ibirubá, e realizarmos ações de extensão. Em 2014 ao passar na frente da Emater em Ibirubá, recordei da experiência na ação de apicultura com Emater municipal de Alegrete. Naquele dia, iniciou a parceria entre IFRS *Campus* Ibirubá e Emater do município com atividades envolvendo criadores de abelhas, ainda informal. Poucos dias antes da minha visita ao escritório da Emater, a mesma teria identificado uma demanda dos apicultores do município. A primeira atividade foi uma palestra em Alfredo Brenner, localidade próxima no interior do município, participaram representantes da Emater, do Sindicato dos trabalhadores rurais de Ibirubá, da Secretária de Agricultura do Município e eu, representando o IFRS *Campus* Ibirubá. Fui apresentada aos apicultores e falei um pouco sobre a apicultura. Além da palestra foi servido um almoço no pavilhão da localidade onde foi realizado o encontro, esse momento de estar junto aos apicultores, representou muito. A partir de agora tínhamos um público demandante para ajudar. Depois desse dia, em 2014 outras reuniões aconteceram no escritório do Sindicato dos trabalhadores rurais de Ibirubá, inclusive, o professor Silvio Lengler, a meu convite veio falar sobre associativismo e legalização no processamento do mel. Como as abelhas que trabalham para o coletivo, a associação é uma alternativa para organização da cadeia produtiva. Ibirubá no passado teve uma associação, algumas dificuldades desta associação no passado para os apicultores mais antigos não fortalecia o grupo a pensar na organização novamente, e para os novos apicultores do município e região a associação de apicultores era um tema que precisava maior compreensão.



📌 **Figura 1.** Folder para divulgação da 1ª Palestra de Apicultura em 2015. Fonte: acervo pessoal, (2015).

Visando formalizar as ações junto à comunidade em 2015 inicia o projeto de extensão Fortalecimento da apicultura no município de Ibirubá e região, e por que região, próximo de Ibirubá tem vários municípios pequenos que também poderiam ser atendidos com as atividades, como Quinze de novembro, Selbach, Tapera entre outros. Nossos parceiros Emater e Sindicato dos Trabalhadores rurais estiveram juntos nas ações do projeto aprovado, planejamos realizar duas palestras. A primeira palestra foi no dia 25/05/2015 às 19:30 no auditório do IFRS *Câmpus* Ibirubá, o tema foi “nutrição e alimentação de abelhas”, a palestra foi ministrada por mim, pela falta de recurso para deslocamento de palestrante, para os apicultores e interessados conhecerem a professora Renata e também pela proximidade do inverno, que o uso de alimentação artificial se torna comumente necessário. A primeira palestra contou com 45 palestrantes e 20 eram apicultores. O dia 25 de maio foi escolhido pela proximidade com o dia do apicultor, e o horário devido a muitos apicultores terem outras atividades, tanto em prestação de serviço ou mesmo nas atividades como agricultores, entre outras. Em 2015 também realizamos segunda palestras, em 26/10, está o tema foi “experiências em apicultura”, ministrada por um apicultor com mais de 20 anos de experiência e que também atuou como presidente da associação de apicultores de Panambi. Nesta palestra foram 30 participantes, 20 eram apicultores. Além da palestra, ocorreu uma demonstração de equipamentos apícolas enfatizando a importância da padronização de modelos de caixas e destaque para o modelo de caixa americana, foram entregues imagens com as dimensões corretas. Após as palestras, sempre se disponibilizou um lanche, normalmente um bolo com chá, café ou suco. Este momento possibilitava a confraternização entre os presentes e as trocas de informações. Para todas palestras foram elaborados um folder de divulgação nas redes sociais e entrega física para criadores de abelhas (Figura 1).

Além da divulgação das palestras pelo panfleto, a participação em programas de rádio levava a comunidade local a informação das atividades ligadas a apicultura. Em 2015, também foram realizadas visitas de assistência técnica aos apicultores, para conhecer o município, ver como os apicultores criavam suas abelhas e seus anseios. Nestas visitas observei pontos importantes, como o local do apiário, falta de padrão de colmeia, a legalização do mel para venda e ficou evidente a necessidade de capacitação dos apicultores.

Para atuar na extensão foi necessário treinar a equipe, composta em 2015 por quatro bolsistas, duas alunas do curso de agronomia, uma aluna e um aluno do curso técnico em agropecuária. Os bolsistas de extensão precisaram aprender sobre apicultura, para isto, estudaram materiais sobre criação de abelhas e aprenderam na prática realizando as atividades no setor de apicultura com



⬆ **Figura 2.** Aula prática no apiário do *Campus Ibirubá*. Fonte: acervo pessoal, (2019).

a minha orientação e supervisão. Os bolsistas apresentaram sobre apicultura no evento que recebe escolas da região, chamado Vem pro IF. Outra atividade das bolsistas foi elaborar um resumo, submeter e apresentar o trabalho no 3º Semex, evento da extensão do IFRS realizado em Bento Gonçalves. O trabalho apresentado no 3º Semex foi destaque daquele ano. Após o 3º Semex entrei em licença gestante. Mais informação das ações de 2014 e 2015, constam na publicação da revista *Viver RS* N°4 de 2016 no relato de experiência “Ações de extensão visando desenvolver a apicultura em Ibirubá e região”.

Em 2016, ao retornar da licença gestantes os prazos de submissão dos projetos de extensão já haviam finalizado, porém dos projetos de ensino não, então nesse ano, surge o projeto de ensino *LApis* na teoria e na prática aprendo sobre abelhas, com a possibilidade de apenas um bolsista, e neste ano o único interessado foi um estudante do Curso de Engenharia Mecânica, porém filho de agricultor e apicultor do município.

Solicitei uma casa próxima ao apiário, que era utilizada como moradia para servidor para tornar-se o *LApis* Laboratório de ensino, pesquisa e extensão em apicultura do IFRS *Campus Ibirubá*, e Conselho de *Campus* aprovou o pedido. Em 2016 os trabalhos foram na organização laboratório de apicultura do *campus* e a manutenção da criação.

Entre os objetivos das ações dos projetos, tanto de extensão, pesquisa e ensino é qualificar profissionais das ciências agrárias para atuar na criação de abelhas. Realizando leituras de materiais, manutenções das instalações, equipamentos, manejo das abelhas e auxiliando nas práticas no *LApis* os bolsistas aprendem e colaboram na aprendizagem de outros estudantes dos cursos técnicos em agropecuária e agronomia. Observe a Figura 2, uma fotografia antes de uma prática no apiário do IFRS *Campus Ibirubá*.

Em 2016, o bolsista do projeto de ensino *LApis*, não participou do Semex, e sim no SEMEPT, este evento do ensino, que acontece paralelo ao SEMEX em Bento Gonçalves. As visitas a propriedades de apicultores não aconteceram depois de 2015, visitar os apicultores foi muito bom, a dificuldade foi tempo para esta ação e por compreender que seria uma atividade mais ligada a Emater nossa parceira.

Em 2017, submeti o projeto de ensino o *LApis* e o projeto de extensão Fortalecimento da apicultura no município de Ibirubá e região, em cada um, dois bolsistas atuaram. A capacitação dos estudantes bolsistas pelo estudo de materiais teóricos sobre abelhas e as práticas no *LApis* passaram a fazer parte das ações em todos os anos do projeto, ou seja, de 2015 a 2021.

Em 2017, duas palestras foram realizadas, uma em maio sobre “manejo para alta produtividade”, contou com 68 participantes, foi ministrada por um apicultor renomado e que na época era presidente da Federação de apicultora do Rio Grande do Sul e outra sobre “produção de rainhas”, com 42 participantes, ministrada por um técnico agropecuária do Apiário Padre Assis de Santiago/RS. Na palestra realizada em maio, foi realizado um levantamento com informações dos apicultores, para buscar entender melhor a realidade dos participantes e mesmo realizar uma avaliação e sugestões de temas para as próximas palestras. Em 2017, o Sindicato Rural do município entrou em contato para saber da demanda por cursos de apicultura. Em 2015 já havíamos identificado a necessidade da capacitação dos apicultores, assim inicia nova parceria com o Sindicato Rural, que junto a nossa antiga parceira Emater, promoveu curso de apicultura básico e avançado gratuitos para apicultores do município e região ministrados por instrutora do Senar em 2017, 2018 e 2019. Em 2017, organizei junto aos bolsistas e os parceiros, duas rodas de conversa a tarde com os apicultores no IFRS *Campus* Ibirubá, foram poucos participantes, e ficou evidente a dificuldade do público externo local em atividades durante o dia. Vem pro IF, SEMEX e SEMPT foram atividades também realizadas em 2017, e também nos anos seguintes 2018 e 2019. Em 2017, também foi realizado um curso sobre criação de abelhas durante a Mostra de ensino, pesquisa e extensão do *Campus* Ibirubá (MOEPEX) este foi de quatro horas e ministrado por mim, coordenadora do projeto e bolsistas. Foi criado o grupo do *WhatsApp* dos apicultores, os contatos obtidos da lista de participantes das primeiras palestras possibilitaram a criação deste grupo, a Emater também auxílio informando alguns contatos. O grupo do *WhatsApp* tinha como objetivo levar a informação aos criadores de abelhas e integrar os estudantes do *LApis* com o público externo. Em 2017 o logo do *LApis* é desenvolvido. Mais detalhes



↑ **Figura 3.** Avaliação experimental utilizando abelhas *Apis* na cultura da soja. Fonte: acervo pessoal, (2019).

das ações deste ano foram publicados na revista Viver RS Nº 6 de 2018 nos relatos de experiências “Ações de extensão em apicultura no município de Ibirubá e região 2017”.

Em 2018, novamente, foram submetidos o projeto de ensino o LApis e o projeto de extensão Fortalecimento da apicultura no município de Ibirubá e região, em cada um dois bolsistas atuaram. Em 2018 foi realizada apenas uma palestra com tema Avanços e perspectivas para apicultura e meliponicultura no município de Ibirubá. Em 2018 participamos de dois dias de campo em propriedades rurais e um dia de campo realizado no LApis, o foco destas atividades foram as abelhas nativas, a meliponicultura. Começa a criação abelhas sem ferrão no IFRS, agora LApis Laboratório de ensino, pesquisa e extensão em apicultura e meliponicultura.

A meliponicultura é a criação racional de abelhas sem ferrão (ASF). A criação de abelhas sem ferrão é considerada ecológica para conservação das espécies nativas de abelhas e do meio ambiente. Muitas pessoas conhecem apenas as abelhas com ferrão do gênero *Apis mellifera* e acabam tendo medo de abelhas devido as picadas. É importante conscientizar as pessoas da importância das abelhas com ou sem ferrão. Em 2018 durante a Mostra de ensino, pesquisa e extensão do *Campus Ibirubá* (MOEPEX) um extensionista da Emater da regional de Ijuí ministrou um minicurso sobre meliponicultura.

Em 2018, apoiado pelo projeto de extensão um grupo de apicultores participou do 22º Seminário Estadual de apicultura de aconteceu em Panambi. Em 2018 é fundada a Associação de apicultores e meliponicultores de Ibirubá e região, APISMELIR, mensalmente no auditório no IFRS *Campus Ibirubá* na primeira segunda-feira de cada mês, as 19:30 horas acontecia as reuniões da associação. Mais informação das ações de 2018 constam na publicação da revista Viver RS Nº7 de 2019 no relato de experiência na página 60 a 64, “APISMELIR: Associação de apicultores e meliponicultores de Ibirubá e região”.

Em 2019, novamente, as submissões dos projetos de ensino e extensão, a participação de bolsistas. E a organização da palestra do projeto, após a palestra ministrada pela representante executiva da Associação Brasileira de estudo das abelhas (A.B.E.L.H.A.) no IFRS *Campus Ibirubá* com tema “Acesso a informação e manejos das abelhas: ferramentas para aumento da produtividade e da conservação das abelhas” surge a proposta do meliponário escola. Lembra, daquela minha aula de técnicas agrícolas que modificou minha percepção sobre as abelhas, ela me incentivou a desenvolver a proposta da cooperação entre IFRS *Campus Ibirubá* e A.B.E.L.H.A. O meliponário escola busca ensinar sobre a importância das abelhas no meio ambiente visando a conservação das abelhas nativas do RS. Nessa cooperação a A.B.E.L.H.A adquiriu os enxames de abelhas nativas do Rio Grande do Sul,



📌 **Figura 4.** Cartaz do concurso de fotografia 'Apis em foco'.

Fonte: Marjory Nathalie Meglin (2020)

um sistema de monitoramento (câmera) e doou para o *Campus* Ibirubá. O meliponário foi inaugurado em novembro de 2019, e após recebeu a visita de uma escola do interior do município com estudantes do 3º ano do ensino fundamental.

Em 2019, participei junto aos apicultores do 23º Seminário Estadual de Apicultura e Meliponicultura, desta vez em Balneário Pinhal. Em 2019 também ministrei com colaboração dos bolsistas minicurso sobre criações de abelhas na MOEPEX, orientei a escrita e apresentação de trabalhos no Salão de iniciação científica referente as atividades da equipe do *LApis* deste ano.

Na safra de soja de 2019 / 2020 iniciou as atividades de pesquisa no *LApis*, e a iniciativa foi de uma estudante que após participar como bolsista de extensão do Fortalecimento da Apicultura manifestou interesse em realizar a pesquisa do trabalho de conclusão do curso “Relação das abelhas *Apis* com a polinização da flor da soja e seus efeitos sobre a produtividade. Na Figura 3 a área experimento no IFRS *Campus* Ibirubá durante avaliação experimental utilizando abelhas. Os resultados da pesquisa visam conscientizar os agricultores da importância das abelhas na produção de grão, diante de um cenário que as principais causas das mortalidades das abelhas está o uso inadequado de defensivos agrícolas nos cultivos. Um ponto que tenho trabalhado bastante é estreitar a boa relação entre agricultor e apicultores. Como exemplo cito a publicação do jornal *Visão regional* de 22 de maio de 2021, atividade ligada ao projeto *Agroinforma* que colaboro, com o texto 4As – Abelhas, Apicultura, Apicultor e Agricultura: uma relação ganha-ganha.



📍 **Figura 5.** Visita a estudantes do 4º ano do Colégio Sinodal Ibirubá, Ibirubá/RS.

Fonte: Colégio Sinodal Ibirubá (2021).

Em 2020, com a suspensão das atividades presenciais, as ações foram voltadas as redes sociais. Com o grupo dos apicultores no *WhatsApp* consolidado, com 103 participantes da região, ainda faltava o e-mail do *LApis*, e desenvolver as redes sociais no Facebook e no Instagram.

Em 2020, com a suspensão das atividades presenciais, as ações foram voltadas as redes sociais. Com o grupo dos apicultores no *WhatsApp* consolidado, com 103 participantes da região, ainda faltava o e-mail do *LApis*, e desenvolver as redes sociais no Facebook e no Instagram.

Para movimentar estas redes foram elaborados alguns materiais informativos sobre a criação de abelhas, mas o que movimentou, mesmo as redes sociais foram os dois concursos fotográficos, um de *Apis mellifera* e outro de abelhas sem ferrão (ASF).

No primeiro concurso o *LApis* realizou todas as ações e no segundo sobre ASF houve a parceria da Associação Brasileira de Estudo das Abelhas (A.B.E.L.H.A). O primeiro concurso recebemos várias fotografias de abelhas sem ferrão que motivaram a buscar a parceria com A.B.E.L.H.A para o segundo concurso. As atividades nos concursos foram a elaboração dos regulamentos dos concursos, elaboração do formulário de recebimento das fotografias, a divulgação do concurso, a análise das fotografias enviadas, a postagem das imagens recebidas que estavam de acordo com o regulamento e o resultado final. Na Figura 4. o material de divulgação do concurso de fotografia *Apis* em foco. Todo o concurso foi online utilizando as redes sociais do *LApis Instagram*, *Facebook* e grupos

de *WhatsApp* sobre criação de abelhas. No primeiro concurso foram 35 fotos inscritas e destas 22 estavam de acordo com o regulamento. Já no segundo concurso foram recebidas 240 imagens e 81 fotografias foram para a consulta popular. O segundo concurso teve a premiação das 12 fotografias mais curtidas na rede social do Instagram do *LApis*, a premiação foi a fotografia estar presentes no Calendário A.B.E.L.H.A. 2022 e o vencedor receber dez unidades do calendário. Os registros fotográficos e observação das imagens nas redes sociais fez com que as pessoas se conectassem mais com a natureza e prestassem mais atenção nas plantas e nos seres que vivem ao seu redor, olhando as abelhas, conhecendo as diferentes espécies e dessa forma compreendendo a importância da preservação das abelhas. O Instagram do *LApis* no início de novembro de 2021 estava com 186 publicações e 1100 seguidores, no Facebook 437 amigos.

Desde 2015 até 2019 foram seis palestras presenciais no auditório do IFRS *Campus* Ibirubá, em 2020, realizamos a primeira palestra online, com o tema Integrando conhecimento na apicultura para aumento da produtividade, nesta palestra 1352 visualizações em menos de 24 horas, em novembro de 2021 são 2,6 mil visualizações. O palestrante tem um canal muito conhecido na área de apicultura. As ações online permitiram atingir um número elevado de pessoas, chegamos em vários Estados do Brasil, mas de alguma forma, inquietos em saber que muitos dos apicultores e meliponicultores próximos não dispõem ou dominam as novas tecnologias.

Em 2021, muitas foram as publicações de materiais informativos sobre abelhas nas redes sociais do Facebook e Instagram, e a novidade foi o canal do *YouTube*. As ações foram desenvolvidas através da elaboração de vídeos com a participação de criadores e profissionais da área. Antes da publicação no canal do *LApis* do *Youtube*, os materiais passaram por um processo de seleção, edição e adição de interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Os vídeos inseridos na plataforma tratavam de temáticas relacionadas à captura de abelhas sem ferrão, identificação das espécies de abelhas fotografadas pelos alunos *Campus* Ibirubá e visita a um meliponário no município de Porto Alegre. O vídeo mais visualizado foi uma visita a um meliponicultor, publicado em 12 de outubro e até 08 de novembro obteve 224 visualizações.

Agora, com o aumento da vacinação, redução do número de casos, seguindo todos os protocolos de prevenção ao covid-19, algumas ações presenciais começam a acontecer, como a visita aos estudantes do 4º ano de uma escola de educação fundamental do município de Ibirubá, a turma estava aprendendo sobre polinização, o tema da conversa foi as abelhas e a polinização (Figura 5).

E para 2022,2023,2024... que as atividades de ensino, pesquisa e extensão continuem no *LApis*.

A extensão como uma sinergia de saberes e práticas

Maurício Polidoro¹

O presente relato trouxe como desafio articular ações de ensino, pesquisa e extensão no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus Restinga* (Porto Alegre). Em 2014, foi criado o programa de extensão Observatório da Comunidade, cujo objetivo era agregar ações de extensão em diferentes áreas do saber, pautadas na comunidade Restinga, o que tem permitido, a aproximação com colaboradores (as) da comunidade local e movimentos da sociedade civil organizada, em parceria com a Coordenadoria de Extensão e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). O Observatório da Comunidade se desdobrou, também, como um sítio eletrônico, que reúne infográficos de indicadores sobre a comunidade, além de um repositório de produções acadêmicas sobre o bairro [observatorio.restinga.ifrs.edu.br].

Enquanto educador, as mudanças nas paisagens, reflexo do uso e ocupação da terra por diferentes atores que moldam o espaço geográfico, sempre me mobilizaram. Isso foi ainda mais intenso quando passei a trabalhar na Restinga.

Destarte, cabe destacar que o bairro Restinga se posiciona como um território negro em uma cidade eminentemente branca (79,2%): 20,2% da população em Porto Alegre se autodeclarou negra (pretos e pardos) no Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto na Restinga esse percentual foi de 41,59%. O fato de o bairro Restinga possuir mais que o dobro de população negra residente já nos sinaliza um preditor para entender as dinâmicas locais.

Entrementes, a realidade se torna mais visível não apenas na observação das paisagens do bairro, mas na sua inserção no complexo e desigual tecido urbano da metrópole. O bairro Higienópolis, na zona central de Porto Alegre, computou no mesmo Censo 3,02% de população negra. Com os demais bairros limítrofes – MontSerrat, Bela Vista, Moinhos de Vento e Auxiliadora, é possível concluir que, um processo histórico de segregação socioeconômica e racial na capital seriam fatores essenciais para orientar a prática como docente, pesquisador e extensionista no *Campus Restinga*. Isto porque essa realidade não estava dissociada do ementário dos planos de ensino do *campus*. Pelo contrário, realizar atividades de extensão eram um ato complementar e sinérgico com o ensino e a pesquisa.

A inquietude, não se dava apenas no contato com a realidade que pululava no percurso de ida e volta ao trabalho, mas também nas reuniões, nos corredores e nas salas de aula do IFRS. Nesses espaços, a manifestação da branquitude e do racismo estrutural fazia (e faz) parte do cotidiano. Aqui, é importante entendermos como a *colorblindness*² impede muitos de nós de avançarmos e nos envolvermos com a realidade. Compreendo *colorblindness* a partir de Goldberg (2009), um processo histórico de apagamento da raça como chave interpretativa da sociedade e das relações sociais, desde o início do século XX, após mais de 400 anos de racialização de corpos e nações lideradas

¹ Doutor em Geografia pela UFPR. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Restinga*. E-mail: mauricio.polidoro@poa.ifrs.edu.br

² Utilizarei o conceito em inglês pois a tradução livre (“cegueira de cor”) tem uma perspectiva capacitista.



📍 **Figura 1.** Imagem de satélite da área do IFRS e comunidade Vida Nova em 2016 e 2021. **Fonte:** GoogleEarth.

pelo colonialismo europeu e o imperialismo norte-americano. Atualmente, esse apagamento, como muito bem nos ensinam nossos (as) estudantes e pesquisadores (as) brasileiros (as), circunscreve-se em discursos e práticas que buscam simplificar problemas sociais e espaciais complexos em uma perspectiva abaladamente socioeconômica. Perspectiva essa que ignora o fator racial como uma força dirigida que mantém as iniquidades, adicionadas as outras vulnerabilidades dos sujeitos e das populações como gênero, etnia, orientação sexual e deficiências.

Neste contexto, no qual a relação entre ensino, pesquisa e extensão se colocam de maneira imbricada e indissociável, a aproximação com a comunidade Vida Nova, uma ocupação de terra pública limítrofe ao *campus* foi avançando.

Em 13 de abril de 2014 fizemos a primeira reunião com as duas lideranças daquela comunidade. Naquela oportunidade, a instalação de dois importantes equipamentos públicos próximos (o próprio *campus* do IFRS e o Hospital Geral da Restinga) compunham as transformações que o bairro atravessava, em especial com obras de condomínios populares do programa Minha Casa, Minha Vida, mas também de ocupações irregulares – como a Vida Nova. Foi a partir daquele momento, da reunião com

as lideranças – duas potentes e resilientes mulheres – e representantes do Movimento Nacional dos Trabalhadores sem Teto (MTST) que as ações tiveram continuidade.

Juntamente com a comunidade, abordamos na perspectiva da extensão a questão racial e as suas interseccionalidades no bairro Restinga em 2015 (Polidoro & Demichei, 2015) e avançamos (Polidoro, 2015; Polidoro & Canavese, 2017) a partir da execução de projetos de pesquisa complementares. Realizamos, também, em 2017, a exposição fotográfica “ANÔNIMAS” (Polidoro et. al., 2017a) e, no mesmo ano, a exposição de telas “R3STINGA” (Polidoro et. al., 2017b), produzidas com imagens da comunidade Vida Nova.



📍 **Figura 2.** Exposição “R3STINGA”, em novembro de 2017 na entrada do Campus Restinga do IFRS, em Porto Alegre. **Fonte:** Acervo pessoal; Polidoro (2017b)

Em julho de 2018, realizamos uma roda de conversa intitulada “*O que une o centro e a periferia?*” no âmbito do projeto de pesquisa que buscava compreender as semelhanças e as divergências nas dinâmicas de comunidades periféricas de Porto Alegre e São Francisco, na Califórnia, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS. Naquela atividade, as duas lideranças da comunidade Vida Nova (que, em 2018, também estavam vinculadas como alunas da educação de jovens e adultos do *campus*) guiaram a discussão juntamente com uma convidada da Universidade da Califórnia de São Francisco sobre a temática. Embora de contextos históricos e geográficos bastante distintos, aquela atividade permitiu compreender como a raça, um constructo social e não biológico, é primordial para identificar as raízes das iniquidades que perduram nas periferias das metrópoles (Polidoro et. al., 2018).

O diálogo com as lideranças comunitárias auxiliou no mapeamento das inúmeras demandas que corroboravam com as vulnerabilidades: falta do comprovante de endereço e as suas implicações para a vida cotidiana dos(as) moradores(as); a dificuldade de acesso ao trabalho e renda; de acesso aos serviços de saúde e educação, questões de saúde e, sobretudo, da recorrente falta ou insuficiência de água potável e energia elétrica, bem como da ausência de sanitários e da rede de coleta de esgoto e escoamento de águas pluviais.

Nesse sentido, o amadurecimento da prática extensionista implicou na aproximação com outras instituições potencialmente parceiras. A primeira delas foi a Clínica da Família, localizada no Hospital Geral da Restinga. Com o apoio da Gerência de Saúde da População Negra da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, agentes comunitários de saúde passaram a interagir com mais frequência com a comunidade Vida Nova, e profissionais de saúde atuantes na Clínica conheceram o território e as especificidades daquela população³.

Essa experiência demonstrou a potência da extensão pautada em ações interinstitucionais e de caráter multiprofissional. Isso permitiu o avanço no atendimento das demandas da comunidade. Assim, em 2019, a partir de uma solicitação de apoio da comunidade, realizamos uma intensa pesquisa de campo com o objetivo de produzir um laudo técnico situacional que embasasse a ação jurídica que a comunidade estava envolvida junto com a Prefeitura Municipal de Porto



📍 **Figura 3.** Roda de conversa “O que une o centro e a periferia?” em julho de 2018. Fonte: Acervo pessoal



📍 **Figura 4.** Visita da equipe da Clínica da Família e do IFRS na Comunidade Vida Nova, em outubro de 2018. Fonte: Acervo pessoal (2018)

³ Aqui é importante destacar que esse momento se deu antes da decisão do Supremo Tribunal Federal de extinguir o Instituto Municipal da Estratégia de Saúde da Família (IMESF) de Porto Alegre que impactou sobremaneira a qualidade da assistência à saúde na capital. Publicamos uma análise no contexto da pandemia da covid-19 no dossiê organizado pelo Observatório das Metrópoles (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) que está disponível na internet (Polidoro, 2020).



📍 **Figura 5.** Residentes da comunidade Vida Nova realizam mapeamento colaborativo, em 2019. *Fonte:* Acervo pessoal (2019)

Alegre no processo de regularização fundiária. O laudo incluiu uma caracterização cartorial, territorial e um diagnóstico socioeconômico e de saúde da população residente (Polidoro et. al., 2020). Após meses de intenso trabalho em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC) e a UFRGS o laudo foi publicado em 2019 (Polidoro et. al., 2019).

Em 16 de março de 2021 tivemos a oportunidade de acompanhar a comunidade na apresentação do Laudo Técnico do Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania do Tribunal de Justiça em Porto Alegre. Em 7 de maio de 2021, a Prefeitura de Porto Alegre enviou uma proposta para alienação (compra e venda) da área ocupada por moradores da Vida Nova (Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2021) para a regularização fundiária e, atualmente, desenvolvem estudos topográficos para os projetos de infraestrutura como a rede de abastecimento de água, coleta de esgoto e instalação da rede elétrica.

As histórias de envolvimento das ações de extensão na Restinga são inúmeras. Muitas delas profundamente reorganizaram a minha

trajetória enquanto educador. Outras tantas revelaram a importância dos saberes da comunidade imbricados no ensino, na pesquisa e na extensão. Algumas permitem-me dizer que a burocracia e a letra fria dos papéis não acompanham os laços e afetos compartilhados com a comunidade.

Para encerrar este compartilhamento de experiência, ensaio uma reflexão sobre o que significa fazer extensão. Muito além de executar a função social do Instituto, que é uma obrigação legal, a extensão requer um envolvimento e fazer intenso também da pesquisa e do ensino. Isso porque são práticas indissociáveis (como muito bem sabemos), mas, sobretudo, são complementares e sinérgicas. Para que possamos alcançar a complementaridade e a potência da sinergia é preciso um olhar atento que considere, em sala de aula, os(as) nossos(as) estudantes e as suas realidades, o cotidiano em que estamos inseridos e os temas que perpassam a nossa prática profissional. Antes de interagirmos com a comunidade, é preciso investimento em alteridade e fraternidade.

Referências

GOLDBERG, D. T. **The Threat of Race:** Reflections on Racial Neoliberalism. Malden, MA: Wiley-Blackwell. 2009.

POLIDORO, M.; DEMICHEI, N. A. Porto Alegre: um século de urbanização. Estratégias, agentes e dinâmicas da segregação espacial na metrópole. In: **XVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano e Regional**, 2015, Belo Horizonte. Anais do XV ENANPUR. Belo Horizonte: Editora da UFMG, v. 1. p. 1-17. 2015.

POLIDORO, M.; CANAVESE, D. **Porto Alegre's sociopolitical urbanism and neoliberal economic dynamics**: Perspectives from a local community in the Afro-Brazilian periphery. *Local Economy*, v. 32, p. 727, 2017.

POLIDORO, M.; PEREIRA, V. L.; SILVA, A. S.; SILVEIRA, T. T.; CORRÊA, A.; CANAVESE, D.; FERREIRA, R. A. **ANÔNIMAS**. Porto Alegre: UFRGS, IFRS, 7 p.:il. ISBN 978-85-9489-042-9. 2017a.

POLIDORO, M.; FRAGA, E. V. P.; CANAVESE, D. **R3STINGA**. UFRGS, IFRS. 23 p.: il. ISBN 978-85-9489-082-5. 2017b.

POLIDORO, M.; HALL, A. R.; CANAVESE, D. O que une o centro e a periferia? Reflexões sobre Porto Alegre, Rio Grande do Sul e São Francisco, Califórnia. In: **Observatório das Metrôpoles 20 anos**, 2019, Rio de Janeiro. Anais do Congresso do Observatório das Metrôpoles 20 anos. Rio de Janeiro: Editora do Observatório das Metrôpole, v. 1. p. 635-652. 2018.

POLIDORO, M. The spaces, places, and landscapes of Brazil's Carnival: Racialized geographies and multiscale perspectives of Rio de Janeiro and Porto Alegre. In: Nicholas Wise, John Harris. (Org.). **Events, Places and Societies**. 1ed.London and New York: Routledge, 2019, v. 1, p. 1-312.

POLIDORO, M.; NIEVINSKI, F. G.; CANAVESE, D. **Laudo técnico situacional da comunidade Vida Nova, Restinga, Porto Alegre**. ISBN: 978-85-9489-147-1. 51p. 2019.

POLIDORO, M. Situação nos territórios: Comunidade Vida Nova, Restinga, Porto Alegre. In: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. (Org.). **As Metrôpoles e a COVID-19**: Dossiê Nacional. 1ed.Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles, v. 1, p. 1-599. 2020.

POLIDORO, M.; NIEVINSKI, F. G.; SANTOS, Z. O. S. B.; CASTRO, J.; CIDADE, E.; CANAVESE, D. **Regularização fundiária e a função social do Instituto Federal**: uma experiência a partir de uma ação de prestação de serviços. *VIVER IFRS!*, v. 7, p. 54-59, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **De forma inédita, Melo anuncia venda de área para cooperativa habitacional na Restinga**. Gabinete do Prefeito. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/de-forma-inedita-melo-anuncia-venda-de-area-para-cooperativa-habitacional-na-restinga>>. Acesso: 8 nov. 2021.

Programa Permanente do Ensino de Línguas e Literaturas – PROPEL: 10 anos de existência

Cláudia Silva Estima¹ e Cristina Rörig Goulart²

Com 10 anos de caminhada, fomos refinando a definição de Extensão. O que significa afinal fazer extensão para o PROPEL?

Definimos extensão por velocidade, pois ela capta a dinâmica do instante, está sempre atenta ao contexto no qual se encontra inserida, busca entender, expor, descobrir, aprofundar e trazer à tona o que precisa ser compreendido. E ao mesmo tempo que é e põe velocidade, ela também mobiliza o instante, no sentido de parar o/a outro/a e chamar para o debate, para a reflexão, ao questionamento, às múltiplas leituras possíveis. Ela precisa chamar, envolver os promotores das ações, os colaboradores, os alunos, a comunidade interna do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) e a comunidade externa representada por uma vasta amplitude de grupos. A extensão é singular no modo que trata cada indivíduo e plural por desejar englobar tantos. É o grande palco onde o devir pode acontecer.

Configurar entre os dois projetos para representar a extensão do IFRS/*Campus* Porto Alegre significa para os integrantes e participantes do programa um reconhecimento desses intensos 10 anos de dedicação. Uma agradável surpresa! Assim, em sequência, apresentamos um pouco da história do Programa, suas ações embasadas nos pilares extensão, pesquisa e ensino, e os passos futuros.

Um pouco da sua história e suas ações de extensão?

O PROPEL inicia, em 2011, as suas atividades com um programa que tem como propósito oportunizar experiências de ações extensionistas no âmbito das línguas e literaturas dentro de um contexto educacional de formação técnica e tecnológica. Portanto, um desafio. Inicialmente, o programa não tinha o amparo institucional de um curso ou colegiado que afinasse com as suas características. Dessa forma, foi preciso se organizar, juntar, reunir e perseverar no seu intento ao perceber a necessidade de uma formação que contemplasse essa abrangência cultural, para atingir como público, tanto a comunidade interna do IFRS quanto a externa.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela UEL. Docente EBTT e Coordenadora do PROPEL/IFRS do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Porto Alegre. E-mail: claudia.estima@poa.ifrs.edu.br

² Doutora em Letras pela PUCRS. Docente EBTT e Vice coordenadora do PROPEL/IFRS do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Porto Alegre. E-mail: cristina.rorig@poa.ifrs.edu.br



📍 **Figura 1.** Ações de Extensão do PROPEL. Fonte: Acervo pessoal (2019).

Desde a sua criação, o PROPEL vem oferecendo atividades que envolvem cursos de línguas (portuguesa, espanhola, francesa, inglesa e LIBRAS), promovendo ciclos de debates com palestras (Saindo do Senso Comum em 60 minutos), apresentação de filmes, sarau de poesia e inúmeras parcerias realizadas com outros programas, a fim de somar às demais ações de extensão que tivessem pontos de aderência em suas propostas. Observamos que as ações do PROPEL começaram a se expandir em grande número a partir de 2017, com um aprofundamento maior das questões e debates que têm promovido. Ao longo do período de existência do PROPEL, foram realizadas 78 ações, com 8520 pessoas atendidas.

O espaço físico das salas do PROPEL constituía uma demanda antiga, desde quando a sede do IFRS se localizava na Rua Ramiro Barcelos, e sua expansão a partir de 2017, como mencionamos anteriormente, veio reforçar essa demanda. Por isso, em 2017, a Instituição alocou três salas no *campus* para as ações do Programa. Esse espaço está sendo formado a partir de iniciativas dos professores colaboradores do PROPEL, cedendo mobiliário, realizando doações de acervo bibliográfico e demais materiais.

Os espaços do PROPEL estão sendo estruturados com propostas alternativas de embasamento teórico de um aprendizado com orientação que propõe um desenvolvimento especialmente focado na autonomia do aluno, o qual é percebido a partir do espaço físico que está sendo elaborado: biblioteca setorial (projeto em parceria com o Curso de Biblioteconomia da UFRGS que está catalogando as obras), disposição física dos espaços diferenciada e laboratório de línguas no futuro. Assim como

outros cursos do IFRS têm salas específicas de seus cursos e áreas (de laboratórios para diversos fins, salas de biblioteca e multirecursos), o PROPEL está construindo seu espaço também.

Além do *campus*, as ações desenvolvidas pelo PROPEL também têm abrangência internacional, compreendendo parcerias com instituições de outros países, como a Camosun College, no Canadá. De 2013 a 2016, IFRS/PROPEL e Camosun College, por meio da ação Cinema, Cultura e o Mundo do Trabalho (ESTIMA, C.S.; McCORMACK, B.; NEGRELLO, T., 2016), promoveram debates em torno de temas tratados em produções cinematográficas com o propósito de realizar uma ação conjunta colaborativa entre estudantes brasileiros e estudantes no Canadá, a fim de estreitar barreiras interculturais, bem desempenhar um papel importante na conscientização de seu público.

Em 2016, o IFRS/*Campus* Porto Alegre contou com a professora visitante Julie Gagnon, do Cegép College, Québec, que além de lecionar a língua francesa, promoveu a ação Mostra Internacional de Vídeo com a Peça Canadense Desejos – Le désir. Na ocasião foi possível, além de assistir à peça no formato de vídeo, participar de um debate entre a professora Julie que atuou na peça e os demais atores que, de modo síncrono, interagiram com o público brasileiro.

Ao ofertar essas variadas ações de extensão que permeiam questões socioculturais e sociolinguísticas, o PROPEL pretende contribuir de forma significativa para uma educação que promova o pensamento crítico, a inclusão social responsável e a valorização humana.

Unindo Pesquisa e Extensão

A partir de suas práticas extensionistas, o PROPEL tem desenvolvido suas pesquisas oferecendo bolsas a estudantes, sendo que 12 discentes bolsistas já atuaram pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão/PIBEX e dois discentes atuaram de forma voluntária.

Os estudos de 2018 compreenderam a produção de jogos de característica não eletrônicos, mas que envolvessem o uso das tecnologias disponíveis nos recursos de mídia do IFRS/*Campus* Porto Alegre, em seus laboratórios de informática e de fabricação digital, o PoALab/IFRS/*Campus* Porto Alegre, os quais estão disponíveis para uso dos docentes nas instalações do PROPEL. Dessa produção, foi criado o jogo de tabuleiro “Pense e Responda” (ESTIMA e da SILVA, 2021), que, posteriormente, evoluiu para o projeto “Jogos para o aprendizado de línguas: novos desafios do PROPEL”, com a realização do estudo de um aplicativo para dispositivos móveis que possibilita o acesso virtual entre seus jogadores (ainda em fase de desenvolvimento).

Em 2020, com suas ações restringidas por causa da pandemia de covid-19, o PROPEL lança a sua primeira publicação acadêmica no formato de e-book, intitulado, “Saindo do Senso Comum em 60 Minutos.



SAINDO DO SENSO COMUM EM 60 MINUTOS:
EM TEMPOS DE PANDEMIA

📌 **Figura 2.** Capa do e-book “Saindo do Senso Comum em 60 minutos: em tempos de pandemia”.

Fonte: Acervo pessoal (2021).

Uma coletânea”. Em 2021, ainda com suas ações presenciais impedidas, realiza mais uma publicação de seu segundo e-book, “Saindo do Senso Comum em 60 minutos: em tempos de pandemia”.

O Saindo do Senso Comum em 60 minutos é um evento composto por um agregado de vozes, ou melhor, um espaço pretensamente polifônico. Sempre o fizemos de modo presencial, no começo, lá em 2016, uma vez por semana, depois passou a ser um evento quinzenal e agora, para não deixarmos de realizar essa ação, fizemos em um novo formato, juntamos as vozes de nossos convidados diretamente em um livro.

Nesse livro, encontram-se acadêmicos renomados, acadêmicas renomadas, professores das redes pública e privada, das redes municipal, estadual e federal, jornalistas, administradores e administradoras, artistas, enfim, cidadãos.

O tema “Em tempos de pandemia” é o fio condutor e ponto de contato entre todos os textos, contudo a diversidade de conteúdo proporcionada pelos autores e autoras apresenta um calidoscópio com imagens e ensinamentos, levando à reflexão sobre o estrago e as perdas que todos nós estamos tendo e enfrentando neste período.

O PROPEL na Rede

O Propel realiza a divulgação das suas ações nas redes sociais do Facebook (<https://www.facebook.com/PropelIFRS>) e Instagram (<https://www.instagram.com/propel116/>), promovendo seus eventos de forma atingir o maior número de pessoas da comunidade interna e externa do IFRS, assim como a divulgação em seu blog (<http://propel-ifrs-poa.blogspot.com>) e nas páginas oficiais do IFRS/*Campus* Porto Alegre. Também, conta com a divulgação de materiais impressos distribuídos por pontos de alta circulação de pessoas na cidade, a partir da valiosa colaboração dos bolsistas que afixam os materiais em locais estratégicos.

Depoimentos de participantes

Estiveram presentes muitos participantes, que atuaram como ouvintes, promotores de eventos, ministrantes de cursos, bolsistas Pibex, parceiros entre projetos.

Uma promotora de ações desde a criação do PROPEL, a professora Renata Severo relata:

Desde o início de suas atividades, o PROPEL se distingue pela pluralidade das atividades que acolhe. Uma área de atuação em que o PROPEL se destaca como forte apoiador é a das relações étnico-raciais. As primeiras ações realizadas nesse campo foram desenvolvidas no âmbito do Ciclo de Debates Afrolinguagens, coordenados pelas professoras Aline Ferraz da Silva e Renata Trindade Severo, em 2012 e 2013. Em 2017, o evento “Enegrecendo setembro”-- que contou com quase duas dezenas de ações de extensão envolvendo intimamente a comunidade do *campus*, os movimentos sociais e diversas instituições-- só foi possível devido à articulação entre a coordenadora, professora Renata Trindade Severo, e o PROPEL. Desde 2018, as Oficinas de Leitura em Língua Inglesa têm sido oferecidas à comunidade interna e externa em uma parceria da professora Renata com o PROPEL, ainda que, nos dois primeiros anos, as Oficinas tenham sido oferecidas a partir do Programa Enegrecendo, o PROPEL sempre foi um parceiro atuante e imprescindível.

A seguir o depoimento do professor Éder Cabral:

Há uma década tenho contato com o Propel. Tenho uma relação muito especial com esse programa, pois atuei dentro dele como colaborador, organizador de eventos, membro de comissão organizadora, coordenador de ações, ministrante de cursos, palestrante entre tantos outros papéis. Essas funções são uma face do vínculo que tenho com o programa. Há um outro lado do Propel que faz parte da minha formação, pois também pude realizar cursos no papel de aluno, participando como comunidade externa. Dessa forma, posso dizer que conheço os dois lados dessa valiosa moeda do IFRS *Campus* Porto Alegre. Cabe destacar que o Propel é feito e mantido por pessoas que se dedicam e acreditam no propósito de promover eventos que transcendem os limites do ensino de línguas e literaturas. Por fim, percebo que esse programa, desde 2010, proporciona ações significativas à comunidade externa, pois oferece formações ao corpo discente e amplia a trajetória de professores e bolsistas que atuam e desenvolvem suas atividades dentro do PROPEL.

A professora Jaqueline Cunha expõe as características dos projetos que vincula ao PROPEL:

Este programa é um suporte permanente para o curso de “Português para Jovens e Adultos Estrangeiros: Língua, Sociedade e Cultura” e o “Projeto de formação permanente em aulas de Português para estrangeiros e produção de material didático-pedagógico”, ambos ativos desde 2016/2, além de ancorar ações que envolvam a temática de língua, cultura, sociedade e direitos humanos referente aos estrangeiros, (i)migrantes e refugiados. As ações são voltadas a esse público de pessoas que estão tão próximas do *campus* e, ao mesmo tempo, tão distantes, geralmente excluídas por falta de acesso e oportunidade de ter a língua local como ferramenta para desenvolver sua vida com dignidade profissional e social. Observando essa necessidade, o programa oferece o aprendizado de leitura, interpretação, produção de textos orais e escritos; rodas de conversas incluindo a comunidade externa e interna do IFRS - PoA nas trocas de saberes com a sociedade e com outras instituições de ensino e governamentais; participação em eventos culturais e acadêmicos pensados com o desejo de alcançar a transformação social, dirimindo a xenofobia, o preconceito e a discriminação que os estrangeiros sofrem na capital gaúcha.

Rafael Campos, participante ativo das ações do PROPEL, discente voluntário e bolsista PIBEX compartilha a sua experiência:

Trabalhar com o PROPEL foi uma grande experiência. Sempre fui um apaixonado por idiomas, o que me levou a ter interesse pelo programa. Em um princípio, imaginei que o PROPEL se tratasse apenas de uma forma de aprofundar-se no estudo da língua inglesa, mas bastou um pequeno contato pra saber que é bem mais do que isso. No tempo que estive ligado ao programa, desenvolvi atividades como voluntário e também como bolsista PIBEX. Presenciei, participei, tomei conhecimento e colaborei com muitas atividades, entre elas, o desenvolvimento de jogos educativos voltado a várias formas comunicação, ensino e aprendizagem de português, inglês, espanhol e LIBRAS, eventos realizados pelo IFRS, nos quais divulgamos os trabalhos desenvolvidos, discussões e atividades voltadas à inclusão social de grupos minoritários, entre outros. Diante da experiência que tive, posso afirmar que o programa é de grande importância para o meio acadêmico e para a comunidade, pois trata de temas relevantes, influência de forma positiva na sociedade e agrega experiência significativa ao currículo de alunos e professores.

Próximos passos

Agradecimentos temos muitos, ao apoio institucional, à Direção, à Diretoria de Extensão, aos colaboradores, aos parceiros, aos bolsistas PIBEX, aos discentes voluntários, aos participantes dos eventos, enfim, aos amigos apoiadores dessa proposta que tem seus sucessos, bem como os desafios, que são decorrentes da soma de interesses e compartilhamentos de vontades entre propostas interdisciplinares. Começamos com línguas e literaturas, hoje somos também assuntos interculturais. O momento é de repensar os formatos, de se adaptar, reinventar. PROPEL e seus próximos 10 anos: pronto para novas aventuras!

Além disso, estes dois anos que temos vivido de pandemia de covid-19 têm obrigado todos a estarem reclusos e impedidos da promoção de grande parte das atividades do Propel. Ansiamos por retornarmos aos nossos espaços físicos, a organizarmos nossas atividades, a escutarmos as demandas, a prospectarmos novos sonhos. Esses tempos, que serão novos, trataremos de atender demandas que surgirão. Queremos um número maior ainda de ações, de participantes, de produções de pesquisa, de bolsistas e de melhoria de nossos instrumentos para podermos chegar a um número maior de pessoas atendidas, especialmente, as excluídas dos meios digitais, atendendo o público dentro de suas diferenças e pluralidades.

Referências

ESTIMA, C.S. e da SILVA, K.K.D.H. Jogos para o aprendizado de línguas: novos desafios do PROPEL em tempos de pandemia. In: ESTIMA, C.S. e E. CABRAL (Org.). **Saindo do Senso Comum em 60 minutos: em tempos de pandemia**. Porto Alegre, RS: IFRS, 2021.

ESTIMA, C.S. e E. CABRAL (Org.). **Saindo do Senso Comum em 60 Minutos. Uma coletânea**. Porto Alegre, *Campus* Porto Alegre, 2018.

ESTIMA, C.S., McCORMACK, B. e T. NEGRELLO. O Consumo em questão: você é um acumulador ou desapegado? Um debate Intercultural. # Tear: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, v.5, n.2, 2016.

Cursos de extensão a distância promovidos pelo Campus Avançado Veranópolis: contribuições para o cumprimento da missão do IFRS¹

Denise Genari²

Resumo

Este relato de experiência objetiva apresentar cursos de extensão a distância promovidos pelo *Campus Avançado Veranópolis* e suas contribuições para o cumprimento da missão do IFRS. Para tanto, descreve-se um breve histórico sobre a criação dos cursos, bem como os principais resultados quantitativos e qualitativos dessas ações. Identificou-se o atendimento de um número expressivo de estudantes, em especial os que se autodeclararam pretos, pardos ou indígenas e possuem renda familiar per capita de até 1,5 salário mínimo. Além disso, os cursistas apresentaram bons níveis de satisfação em relação aos conteúdos, desenvolvimento de práticas e materiais didáticos disponibilizados. Sendo assim, verifica-se, considerando o perfil dos participantes e as demais informações citadas, uma convergência com a missão do IFRS, no que se refere à oferta de uma educação profissional, científica e tecnológica, inclusiva, pública, gratuita e de qualidade, que oportuniza o enfrentamento e a superação de desigualdades sociais.

Palavras-chave: Educação a Distância. Cursos de Extensão. Cursos a distância. Missão do IFRS.

¹ Cursos de extensão vinculados ao relato de experiência: Matemática Básica: nivelamento; Métodos de Pesquisa: conceitos introdutórios; Gestão de Carreiras e Participação em Processos Seletivos; Gestão de Pessoas: conceitos e processos; Marketing: conceitos e estratégias; Administração.

² Doutora em Administração pela PUCRS e UCS. Docente EBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Veranópolis. E-mail: denise.genari@veranopolis.ifrs.edu.br

Introdução

A partir das tecnologias da informação e comunicação e do uso intenso dos ambientes virtuais de aprendizagem e das redes sociais (ALONSO; SILVA, 2018), a educação a distância tem se destacado como uma possibilidade democrática de ampliar o acesso ao conhecimento nos diferentes níveis de formação (HAYASHI; SOEIRA; CUSTÓDIO, 2020). Essa contribuição para a democratização do ensino e para a aquisição dos mais variados saberes está baseada na oportunidade de alcançar um grande número de sujeitos simultaneamente, em especial aqueles que estão distantes dos locais nos quais se realizam aulas presenciais ou que não podem estudar em horários pré-definidos (OLIVEIRA; SANTOS, 2020).

Em paralelo, as ações de extensão desenvolvidas pelas instituições de ensino denotam a postura dessas entidades em relação à sociedade em que estão inseridas. A extensão, que deve ser voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciar desenvolvimento social e regional, está alicerçada em um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, com vistas à transformação dos setores que interagem com as instituições de ensino (FORPROEX, 2012). Cabe ressaltar que a extensão oportuniza a renovação dessas instituições, a partir da democratização do conhecimento acadêmico e da incorporação de saberes (DEUS, 2018).

Considerando esse cenário, no qual a educação a distância e as ações de extensão contribuem para o desenvolvimento da sociedade, elaborou-se o presente relato de experiência, que tem como objetivo geral apresentar cursos de extensão a distância promovidos pelo *Campus Avançado Veranópolis* e suas contribuições para o cumprimento da missão do IFRS. Para tanto, descreve-se um breve histórico sobre a criação dos cursos, bem como os principais resultados quantitativos (com dados extraídos das plataformas Moodle e Nilo Peçanha) e qualitativos (baseados em depoimentos de participantes).

Apresentação e histórico dos cursos

Os cursos de extensão a distância apresentados neste relato de experiência foram propostos a partir de 2019 e coordenados pela Professora Denise Genari, que atua desde 2017 no *Campus Avançado Veranópolis*, na área de Administração/Gestão de Pessoas. O primeiro curso, “Gestão de Carreiras e Participação em Processos Seletivos”, foi lançado no ano de 2019, com o objetivo de oportunizar aos interessados uma melhor preparação para a participação em entrevistas de emprego, elaboração de currículos, busca eficiente de empregos, além de propor uma reflexão sobre o planejamento de suas carreiras. Nesse caso, a principal motivação para a criação do referido curso foi disponibilizar aos participantes um conteúdo que favorecesse o desenvolvimento de uma visão mais abrangente sobre a empregabilidade, as oportunidades de trabalho e a importância dos comportamentos na vida profissional.

No mesmo ano, foi lançado o curso “Matemática Básica: nivelamento”, com o propósito de atender discentes com carências em conteúdos fundamentais, necessários para as disciplinas introdutórias de matemática de cursos superiores ou de cursos técnicos subsequentes, além de possibilitar que estudantes revisem tópicos básicos da matemática para a participação em processos seletivos em instituições de ensino. Nesse sentido, o curso promove a revisão de conceitos e atividades de exercício matemático, de modo a minimizar a carência de conhecimentos. Essa ação teve início a partir de um projeto de ensino direcionado aos estudantes dos cursos superiores do *Campus Avançado Veranópolis* e, na sequência, considerando as demandas de outros *campi* do IFRS e de estudantes das mais diferentes instituições, foi adaptada para o formato de extensão.

Em 2020, novos cursos foram lançados, a partir de conteúdos tratados em disciplinas presenciais ministradas anteriormente pela coordenadora das ações de extensão: “Administração Estratégica”, “Gestão de Pessoas: conceitos e processos”, “Marketing: conceitos e estratégias” e “Métodos de Pesquisa: conceitos introdutórios”.

Os cursos citados foram elaborados a partir de revisões de literatura e de materiais do repositório *online* ProEdu (Acervo de Recursos Educacionais para Educação Profissional e Tecnológica). São disponibilizados, aos estudantes, textos, vídeos, links complementares e atividades de fixação de aprendi-

zagem. Destaca-se que os cursos, classificados como MOOC (*Massive Open Online Course*), ocorrem via ambiente virtual de ensino e aprendizagem Moodle, sem tutoria, fato que permite o ingresso de cursistas a qualquer momento.

Além do apoio da CEaD (Coordenadoria de Educação a Distância) do IFRS, o fomento e a divulgação dos cursos de extensão a distância descritos neste relato ocorreram com o suporte do Núcleo de Educação a Distância (NEaD) do *Campus* Avançado Veranópolis, composto pelos seguintes mem-bros: Denise Genari, Fernanda Pizzato, Patrícia Peter dos Santos Zachia Alan e Roger Sá da Silva. A divulgação periódica dos cursos ocorreria por meio das redes sociais, WhatsApp e *e-mails*, além da participação em eventos para atingir os públicos de interesse. A Figura 1 apresenta o exemplo de *cards* de divulgação dos cursos.

Na próxima seção são descritos os principais resultados quantitativos (com dados extraídos das plataformas *Moodle* e Nilo Peçanha) e qualitativos (baseados em depoimentos de participantes) dos cursos mencionados anteriormente.

Resultados quantitativos e qualitativos e relação com a missão do IFRS

Inicialmente, é possível identificar, a partir de informações disponíveis na Plataforma Nilo Peçanha 2021 (ano base 2020), um rol de mais de 60 mil pessoas atendidas pelos cursos do *Campus* Avançado Veranópolis. Em relação à classificação racial e renda familiar dos estudantes, identifica-se que 44,17% se autodeclararam pretas, pardas ou indígenas e 57,88% declararam possuir renda familiar *per capita* de até 1,5 salário-mínimo. Sobre as características de gênero e faixa etária, 61,93% dos estudantes identificam-se como do gênero feminino e 37,21% possuem idade declarada acima de 30 anos. Por fim, é importante destacar o baixo índice de evasão nos cursos desta modalidade, de apenas 12,81%.

Verifica-se, considerando o perfil dos participantes e as demais informações citadas, uma convergência com a missão do IFRS, no que se refere à oferta de uma educação profissional, científica



Figura 1. Exemplos de cards de divulgação dos cursos de extensão a distância
Fonte: CEaD IFRS (2020).

e tecnológica, inclusiva, pública, gratuita e de qualidade, que oportuniza o enfrentamento e a superação de desigualdades sociais (PDI IFRS 2019-2023).

Destaca-se também que os cursos de extensão apresentados no presente relato são avaliados periodicamente, com o objetivo de verificar oportunidades de aprimoramento, além de se analisar os principais resultados quantitativos das ações. Ao término do curso, os participantes são convidados a responder um questionário disponível no ambiente virtual de ensino e aprendizagem *Moodle*, no qual são verificados os níveis de satisfação em relação à capacitação. O Quadro 1 sumariza os principais resultados dos cursos, tendo como base informações das turmas de 2020.

Indicadores de satisfação	Cursos					
	Administração Estratégica	Gestão de Carreiras e Participação em Processos Seletivos	Gestão de Pessoas: conceitos e processos	Marketing: conceitos e estratégia	Matemática Básica: nivelamento	Métodos de Pesquisa: conceitos introdutórios
Conteúdos permitiram práticas ao longo do curso	93%	93%	94%	93%	92%	94%
Consideram o material disponibilizado bom ou muito bom	95%	96%	98%	96%	92%	97%
Indicariam o curso para amigos e conhecidos	94%	94%	97%	95%	95%	94%
Curso atendeu ou superou expectativas	99%	98%	99%	99%	97%	99%
Consideraram o curso bom ou muito bom	98%	98%	98%	98%	93%	98%

📌 **Quadro 1.** Avaliação dos cursos de extensão a distância vinculados ao relato de experiência

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações da plataforma *Moodle* (2020).

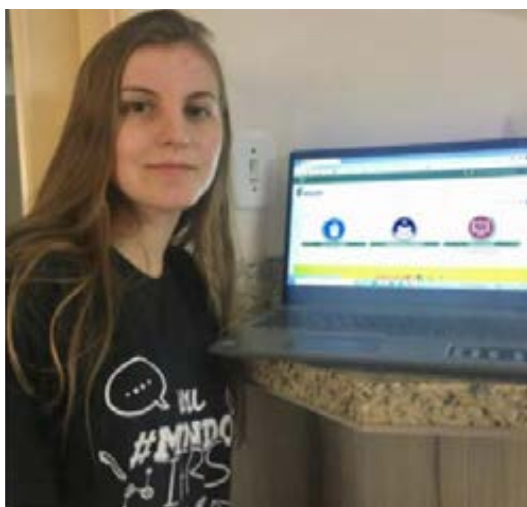
Percebe-se, com base nos resultados descritos, que os cursistas demonstraram bons níveis de satisfação em relação aos conteúdos e materiais disponibilizados. Além disso, as possibilidades de desenvolvimento de práticas a partir dos conhecimentos adquiridos e o atendimento das expectativas dos participantes também são indicadores de resultados adequados. Portanto, entende-se que o desenvolvimento dos cursos contribui com algumas das finalidades do IFRS, tais como desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e estimular e apoiar processos educativos, que levem à geração de trabalho e renda. Além disso, ocorre a contribuição para o alcance de dois objetivos estratégicos do IFRS: promover ações de formação para a cidadania e promover ações que visem ao desenvolvimento socioeconômico, ambiental, cultural e político da comunidade.

Além dos dados quantitativos, os cursos de extensão a distância são avaliados qualitativamente. Na sequência, são apresentados alguns depoimentos de cursistas, com o objetivo de exemplificar suas percepções e os impactos destas ações em suas trajetórias pessoais e profissionais. Destacam-se, inicialmente, os depoimentos de duas estudantes do *Campus* Avançado Veranópolis. A discente Évelin Cortellini Gasparetto, do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio destaca

Há alguns meses, me inscrevi em um curso MOOC chamado “Gestão de Carreiras e Participação em Processos Seletivos”, no Moodle, montado pela professora Denise Genari. A partir da realização deste curso, pude aprender técnicas e comportamentos que possibilitam um diferencial na busca por uma vaga de emprego no mercado de trabalho. Além disso, ao longo dos módulos, há uma explicação passo a passo de como fazer um currículo, desde sua formatação e tipo de letra até sobre quais as informações que realmente são importantes de serem adicionadas. Ademais, é válido destacar que já na primeira leitura do curso é possível perceber o empenho e carinho da professora na seleção de materiais de fácil compreensão e que chamam a atenção do aluno para que ele continue lendo e prestando atenção em cada parte, isso porque ela “conversa” com o aluno enquanto explica o conteúdo. Assim, terminei o curso muito rápido e satisfeita com cada página dele, pois me sinto extremamente preparada para uma entrevista de emprego e muito segura em relação ao meu currículo.

Já a estudante do Curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais, Mariane Marinello Tapparello, cita as vantagens na realização das qualificações:

Fiz vários cursos no Moodle, o ambiente virtual é fascinante, o material didático é bem elaborado e explicativo e de fácil acesso, além dos cursos serem gratuitos. Com os cursos do Moodle posso escolher os horários que vou estudar facilitando, assim, a minha rotina de estudos. Posso acessar de qualquer lugar a plataforma. Os cursos me ajudaram muito profissionalmente, pois obtive qualificação profissional e o certificado é válido no mercado de trabalho.



⬆ **Figuras 2 e 3.** Estudantes Évelin Cortellini Gasparetto e Mariane Marinello Tapparello.

Fonte: Arquivos pessoais das estudantes (2021).

Em relação ao público externo, são transcritos, na sequência, os depoimentos de quatro cursistas, que salientam a relevância dos cursos:

“Esse curso foi excelente para aprimorar e aperfeiçoar meus conhecimentos, poder colocar em prática dentro da organização o que aprendi e ter uma visão diferenciada de como a gestão de pessoas é de grande importância para a organização como um todo.” (Carlos Kennedy da Costa Rodrigues - João Pessoa/PB)

“Me surpreendi positivamente! Me matriculei para cumprir horas de atividade extracurricular da minha faculdade e acabei cursando com gosto e me matriculando em outros cursos. Agradeço a disponibilidade de um conteúdo excelente gratuitamente.” (Victoria Veloso de Santana - Salvador/BA)

O curso que vocês desenvolveram é enriquecedor para os profissionais que estão fora do mercado de trabalho e querem se qualificar e para profissionais que estão no mercado de trabalho e querem adquirir mais conhecimento. Muito obrigado por transformar a minha vida e a de tantas outras pessoas através dos seus cursos, através do conhecimento. (Marcos Antônio Gonçalves Nunes - Teófilo Otoni/MG). Só quero agradecer pela oportunidade, pois pela primeira vez na vida consegui entender trigonometria. Nunca consegui entender na escola, depois iniciei uma graduação de engenharia de produção e tive dificuldades. Mesmo estudando, não conseguia entender. Com esse material foi mais fácil entender. Muito obrigada! (Bianca Cristina Bozi - Caraquatuba/SP)

A partir de depoimentos apresentados, identifica-se que os cursos de extensão a distância apresentam uma importante contribuição social, no que se refere à aquisição de conhecimentos a serem aplicados no contexto acadêmico e na trajetória profissional dos participantes. Ademais, as falas apresentadas destacam o caráter gratuito e as possibilidades de acesso aos conteúdos, sem restrições de espaço físico ou horários.

Conclusão

O presente relato de experiência objetivou apresentar cursos de extensão a distância promovidos pelo *Campus Avançado Veranópolis* e suas contribuições para o cumprimento da missão do IFRS. Entende-se, a partir das informações descritas nas seções anteriores, que o desenvolvimento e os resultados dessas ações facilitam o acesso aos conhecimentos importantes para a trajetória pessoal e profissional dos cursistas. O atendimento de estudantes em vulnerabilidade social, a gratuidade dos cursos e a possibilidade de realização sem o estabelecimento de horários pré-definidos ou necessidade de deslocamentos também são aspectos importantes no que se refere à democratização do ensino.

Espera-se que este relato contribua para a manutenção dos cursos de extensão a distância já promovidos pelo IFRS, bem como fomenta, a partir das informações apresentadas, a criação de novas ações que reforcem o cumprimento da missão do IFRS.

Referências

ALONSO, Katia Morosov; SILVA, Danilo Garcia da. A educação a distância e a formação on-line: o cenário das pesquisas, metodologias e tendências. **Educação & Sociedade**, v. 39, p. 499-514, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/ES0101-73302018200082>. Acesso em 27 out. 2021.

DEUS, Sandra de Fátima Batista de. A extensão universitária e o futuro da universidade. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 3, p. 624-633, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5335/rep.v25i3.8567>. Acesso em 28 out. 2021.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão universitária**. Manaus, 2012.

HAYASHI, Carmino; SOEIRA, Fernando dos Santos; CUSTÓDIO, Fernanda Rodrigues. Análise sobre as Políticas Públicas na Educação a Distância no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1667>. Acesso em 27 out. 2021.

OLIVEIRA, Francisco Ariclene; SANTOS, Ana Maria Sampaio dos. Construção do Conhecimento na Modalidade de Educação a Distância: descortinando as Potencialidades da EaD no Brasil. **EaD em Foco**, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1.799>. Acesso em 27 out. 2021.

PDI IFRS 2019-2023. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2019 - 2023**. Disponível em: [https:// ifrs.edu.br/pdi-2019-2023/](https://ifrs.edu.br/pdi-2019-2023/). Acesso em 10 nov. 2021.

Extensão: o ser, o conhecer e o fazer

Alcione Jacques¹

Em novembro de 2010, comecei a minha atuação como professora desta instituição federal de ensino inovadora, inclusiva e com foco na educação regional, o IF (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia). Foi o Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), *Campus* Avançado Santana do Livramento, que primeiro me recebeu. Uma das primeiras tarefas como servidora foi a de ir às escolas divulgar as vagas para os primeiros cursos binacionais do país. Como o *campus* era novo e era uma proposta binacional, percorremos todos os espaços públicos relacionados à educação, inclusive os do município uruguaio adjacente, Rivera. Sem saber, a partir desse momento, eu comecei a minha caminhada na Extensão. Fiz contatos com agentes sociais dos poderes públicos das duas cidades, das secretarias de educação e social, com diretores e professores das escolas visitadas, com rádios e jornais locais.

Naquele mesmo ano, após um convite para um jantar beneficente do Lar de Meninas (órfãs) de Santana do Livramento, elaborei o meu primeiro projeto de extensão. Uma solicitação da direção do Lar de Meninas, para que o IFSul oferecesse algum curso às pequenas moradoras da casa. Propus um curso que eu poderia ministrar, o de língua espanhola, com muita música, vídeos, atividades de culinária e dança, com o intuito de elevar a autoestima das estudantes, ensinando outra versão do idioma tão familiar, o Fronteiriço, conhecido como "Portuñol".

Atribuo a esse começo toda a minha paixão pela Extensão. Conversar com a comunidade, entender as necessidades, e poder fazer algo que possa impactar na vida de alguém, é a realização de todo extensionista. A experiência com o Lar de Meninas envolveu muita emoção pessoal. Em todos os encontros, era recebida com muitos bracinhos estendidos, pedindo muito mais do que um cumprimento. Durante as aulas, a língua espanhola se misturava com outros aprendizados, e, na maior parte do tempo, a aluna era eu.

Nunca tinha estado antes na fronteira, e estava disposta a conhecer realmente aquele povo. Depois das escolas e das prefeituras locais, comecei a me interessar por projetos sociais que aconteciam entre as duas cidades fronteiriças. E, no ano seguinte ao início das aulas regulares dos cursos técnicos-subsequentes, começamos com atividades em um projeto do Governo Federal chamado Mulheres Mil. Como coordenadora de uma ação que envolvia mulheres em situação de vulnerabilidade social, conhecendo um pouco da integração familiar, social, comercial, de línguas, de dificuldades daquela fronteira, sabia que teríamos que ir além do que previa o edital, para realmente fazer uma ação de extensão no sentido literal da expressão. Não demorou muito para eu perceber que todos os problemas e soluções passavam por mãos binacionais. Não haveria, na minha apaixonada e recente concepção de extensão universitária, a menor possibilidade de não fazer o projeto das "Mulheres Mil Binacional". Pois, assim como os desafios das mulheres pobres (nesse caso, a situação de vulnerabilidade social estava muito relacionada a pobreza material) eram os mesmos para brasileiras e uruguaias, com certeza a busca por soluções teria muito mais sucesso se envolvesse atores de ambos os países. O primeiro passo que dei em relação a isso foi entrar em contato com

¹ Mestra em Letras e Cultura pela UCS. Docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Veranópolis. E-mail: alcione.jacques@veranopolis.ifrs.edu.br

a diretora do MIDES (Ministerio del Desarrollo Social - do Uruguai) e participar de um encontro de equipe, onde apresentei a ideia de fazermos juntos uma ação para qualificar mulheres necessitadas, de ambos os lados da fronteira. A ação se tornou referência em todo Uruguai, exemplo para outras fronteiras do Brasil e aprendizados para todos os envolvidos.

Com a divulgação do *campus* na região e a ação no Lar de meninas, pude ter uma ideia do que era fazer extensão. Com o projeto “Mulheres Mil Binacional” eu vi o potencial do resultado da união de um IF com a sua comunidade, para melhorar a vida do seu público-alvo, por meio da educação. O contato com diferentes órgãos e instituições, pessoas de diferentes setores ou áreas de trabalho e o cara a cara com as futuras estudantes, impulsionava um trabalho necessário e urgente que não beneficiaria apenas às mulheres, mas a famílias inteiras. Apresentamos as possibilidades de cursos de Formação Inicial e Continuada que poderíamos oferecer, e as mulheres se dividiram, por escolha própria, em dois grupos, um de Informática e outro de Padaria e Confeitaria. Depois disso, faltava pensar nas aulas, no transporte e nos lanches que seriam servidos nos intervalos das aulas. Os conteúdos seriam ministrados por servidores do IFSul ou por parceiros voluntários brasileiros ou uruguaios. As aulas seriam em português, espanhol ou *portuñol*. Para a parte técnica do curso de Informática, tínhamos os professores no *campus*, mas para o Padaria e Confeitaria, tivemos que buscar ajuda externa. Encontramos um padeiro que já dava aulas e se propôs a ensinar seus dotes às mulheres, de graça. As estudantes tiveram aulas sobre autoestima, lei Maria da Penha, higiene pessoal, direitos e exames de saúde disponíveis na rede pública, sexualidade, artes (música e pintura), maquiagem e manicure, língua portuguesa e espanhola instrumental e matemática básica e financeira. Estas eram as disciplinas do núcleo comum e, ao final do programa, estavam previstas as aulas do núcleo técnico. Além das aulas, houve encontros com outras “Mulheres Mil”, de outros *campi* do IFSul. Foram dias para compartilhar vivências e saberes, artes e lazer, com apresentações artísticas, depoimento de casos de superação, comidas e bebidas para descontrair, alimentando o corpo e o espírito.

Trago essas informações, brevemente, porque meu intuito aqui é tentar mostrar um pouco da complexidade do fazer extensão. Nessa trajetória, acredito que é possível ver todos os passos essenciais que um extensionista precisa entender. Conhecer e dialogar com agentes sociais de diferentes meios é o primeiro passo. Antes de pensar em fazer uma ação acadêmica na comunidade, tem que saber das necessidades, das ansias, dos desejos das pessoas que vivem neste espaço. Depois disso, buscar parcerias para realizar a ação desejada pela comunidade. Sabemos que há editais com verbas para pagar profissionais para atuarem em projetos de extensão, mas, do meu ponto de vista, o ideal é conseguir voluntários. O ator voluntário vai atuar com mais empatia, envolvimento pessoal, com despreendimento de interesse financeiro, sem contar que é sempre melhor trabalhar com diferentes profissionais, em vez de contratar apenas um.

Nos casos dos cursos do “Mulheres Mil Binacional”, encaminhamos, com recomendações e certificação, várias estudantes (com currículo nas mãos) para as empresas afins. Algumas delas, se juntaram e abriram uma microempresa em casa, fabricando pães e doces, para tanto, solicitamos auxílio de docentes do *campus* que entendessem da parte burocrática e financeira. Ou seja, continuamos dando suporte ao sonho dessas pessoas, com as quais, fizemos extensão universitária. Porque, para mim, esse é o objetivo de um extensionista, ver o conhecimento acadêmico servindo à vida e aos interesses das pessoas da comunidade. Os estudantes do *campus*, que participaram como bolsistas do projeto ou como voluntários, acompanharam todo o desenvolvimento da ação, auxiliaram nas aulas, criaram um perfil no *facebook* do “Mulheres Mil”, para divulgar atividades, fotos dos grupos, material das aulas e conteúdos relacionados à área técnica de Informática e Padaria e Confeitaria. Impossível dimensionar a aprendizagem de cada um desses estudantes durante a participação no

projeto, mas podemos imaginar que muito das relações sociais, do desenvolvimento de projetos e de parcerias, das dinâmicas de comunicação e das relações entre colegas, podem ter sido a base dos conhecimentos adquiridos.

Desde 2014, e atualmente, atuo no *Campus* Veranópolis do IFRS. Fui a primeira professora a chegar no *campus* e já comecei com o projeto “Mulheres Mil”, Pronatec, uma proposta um pouco diferente da que eu conhecia, mas de igual relevância para a comunidade atendida. Da mesma forma, aconteceram muitos contatos com órgãos do executivo do município, várias secretarias (Educação, Social, Saúde) e agentes que poderiam interagir para propiciar o diálogo nosso com as futuras estudantes.

Nessa época, também comecei os cursos de espanhol no *campus* e nas escolas na região. Foram cursos destinados a estudantes do ensino médio, com a demanda de um intensivo para processos seletivos; espanhol para público geral, uma demanda dos responsáveis pelas pastas da cultura dos municípios; para alunos dos nonos anos das escolas municipais, um acordo entre as secretarias de educação e o *campus*, para levar arte e cultura espanhola aos estudantes, autoestima e conhecimento dos trabalhos do IFRS na região; e espanhol para profissionais da saúde que atuavam junto aos médicos cubanos, uma demanda da secretaria de saúde do município de Veranópolis. De 2014 a 2019, foram doze cursos de língua espanhola, com entregas de certificados a estudantes das cidades de: André da Rocha, Protásio Alves, Vila Flores, Fagundes Varela, Cotiporã, Nova Prata e Veranópolis.

Além desses projetos de extensão, coordenei outros dois relacionados à divulgação do IFRS na região. O primeiro, em 2015, foi nas escolas, onde levamos material impresso informativo e fizemos uma pesquisa de intenção de áreas ou cursos que os alunos, desses dez municípios visitados, gostariam que tivessem no *Campus* Veranópolis. A segunda ação nesse sentido foi a de integração do IFRS às maiores empresas da região, em 2017, nos municípios de Veranópolis, Vila Flores, Nova Prata e Nova Bassano. O objetivo principal era apresentar a missão do IFRS, os cursos que estavam sendo oferecidos no *campus* e possibilitar parcerias e encaminhamento de estudantes para estágios ou empregos, bem como deixar folhetos informativos para seus funcionários conhecerem e se interessarem em estudar conosco.

Nasci na cidade de André da Rocha, moro em Nova Prata há muitos anos, já morei em Veranópolis, mas confesso que depois da experiência no IFRS tenho outra visão de todo esse espaço. Integrar o *campus* à região a que pertencemos é um desafio bastante grande. Temos ótimas escolas particulares, de todos os níveis escolares e pessoas que, mesmo em casos em que não seria viável pagar, ainda assim dão um jeito para colocarem seus filhos nas escolas tradicionais dos seus municípios. Impera a premissa de que se é de graça não presta, contrariando os números de projetos premiados, alunos aprovados nas melhores universidades do país, alunos premiados em olimpíadas das disciplinas e a qualidade do ensino, metrificada pelo próprio MEC (Ministério da Educação e Cultura). Por isso, a importância da extensão nesses casos, pois acredito que por meio de ações de servidores e estudantes do *campus*, envolvendo diferentes grupos da comunidade, poderemos ressignificar a presença e a importância de uma instituição como a nossa por aqui.

Hoje coordeno um projeto intitulado Memórias da Pandemia: relatos da comunidade acadêmica do *Campus* Veranópolis do IFRS. Buscamos realizar um levantamento das memórias do cotidiano dos discentes, servidores e pais de alunos durante a pandemia de covid-19 e elaborar, por meio de leitura e análise de vários relatos, uma narrativa histórica dessas memórias, o que poderá contribuir para reflexões sobre a nova realidade, para análise e conclusões, inclusive, das gerações futuras.

Concluo esse relato afirmando que o fazer extensão universitária começa muito antes do projeto, aliás, eu diria que este não deve existir sem o contato com o público, ou a comunidade em que o *campus* atua. É no diálogo com as pessoas, com futuros parceiros, empresas e demais agentes que possam ajudar na ação, que começamos a regar a semente do que pretendemos fazer. Uma ideia

com objetivos, metodologia e ideais pretendidos, sem a interação com a comunidade, do meu ponto de vista, não é uma ação de extensão. Pode ser um projeto pessoal, com fins de interesse de quem propõe. Para amarrar todas as pontas do Fazer Extensão, temos que pensar e propor que nossos alunos pensem juntos, como extensionistas, no com quem fazer (público-alvo), o que pretendem fazer, como querem que façamos, de quem vamos precisar para fazer (outros agentes públicos ou privados), que produtos vamos criar juntos e para que vai servir a ação, tanto aos nossos alunos, como aos que solicitaram.

Orgulho de ser extensionista do IFRS – Campus BG¹

Sirlei Bortolini²

Resumo

Este artigo relata as ações que foram realizadas por mim e pela equipe do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFRS – *Campus* Bento Gonçalves (NEABI/BG) no período de janeiro de 2013 até a data de hoje. Em 2015, lançamos o Programa Resgatando raízes: a influência dos indígenas e africanos na formação do povo e da cultura brasileira, o qual nos permitiu a prática de diversas ações de extensão, sendo que, algumas delas estão sendo evidenciadas no texto. Também relato como é ser uma extensionista, minha realização pessoal adquirida e como a função de coordenadora do NEABI/BG auxiliou em meu crescimento profissional, entre as quais, algumas estão sendo evidenciadas neste relato.

Palavras-chave: Extensão. Ações afro-brasileiras e indígenas.

Introdução

Considero que minha atuação como extensionista foi uma etapa muito valiosa em minha vida, pois, muito aprendi e muito compartilhei. Estar na coordenação do NEABI/BG (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFRS - *Campus* Bento Gonçalves) me tornou uma pessoa muito melhor, mais humana e sensível. Consegui enxergar as pessoas por outro prisma. Ampliei meu foco de percepção. Aprendi que o respeito e a dignidade fazem parte de nosso cotidiano e todas as atividades que envolvem o outro sujeito são de extrema importância pois estamos articulando com vidas, seres humanos, angústias e sentimentos.

Fazer extensão é abrir as portas do nosso local para que a comunidade externa participe junto conosco de ações que são realizadas dentro do *campus*, mas principalmente, é levar até a comunidade externa todo o nosso conhecimento, nossos potenciais e interagir com a diversidade que existe além de nosso espaço.

Desenvolvimento

O local onde o NEABI/BG está instalado é a antiga casa dos diretores a qual foi cedida para a criação dos núcleos de inclusão. Nesta casa estão alocados os núcleos: NEPGS, NAPNE, NEABI e o CRTA (Centro de Tecnológico de Acessibilidade do IFRS).

¹ Programa de Extensão: Resgatando Raízes: a influência dos indígenas e africanos na formação do povo e da cultura brasileira. 2015 a 2022.

² Mestra em Ciências pela UFRRJ. Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves. E-mail: sirlei.bortolini@bento.ifrs.edu.br



📍 **Figura 1.** Local dos núcleos do IFRS – Campus BG. Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).

A sala do NEABI/BG possui uma pequena biblioteca, computadores, móveis, mesa de reunião e os acervos como estatuetas, quadros e utensílios que reportam as etnias indígenas e africanas.

Conviver com outras realidades, com outras pessoas, aprender juntos, compartilhar conhecimentos e saber discernir onde e como nossas ações podem contribuir para o engrandecimento de outros sujeitos representam o maior papel da extensão.

O NEABI/BG iniciou suas atividades em 2012, porém assumi a coordenação em 2013 e desde então permaneço nesse cargo. Ao longo desses 9 anos, posso falar das atividades que eu exerci como coordenadora. Foram momentos de muito aprendizado e muitas alegrias. Iniciamos pequenos, com algumas ações não muito expressivas, mas aos poucos fomos conquistando nosso espaço. Hoje, podemos dizer que temos um conceito muito importante dentro da comunidade bentogonçalvense, fazendo com que o projeto de extensão utilize a verdadeira expressão de sua existência.

Aos poucos, fizemos parcerias, criamos laços, participamos e proporcionamos eventos, frequentamos escolas, visitamos comunidades quilombolas e indígenas, mantivemos contato com os imigrantes haitianos e senegaleses, auxiliamos comunidades carentes, praticamos ações de ensino, pesquisa, além das mais diversas atividades de extensão.

As principais ações deste núcleo iniciaram com a criação do “Programa Resgatando Raízes: a influência dos indígenas e africanos na formação do povo e da cultura brasileira”. Dentro desse Programa muitas ações ocorreram, desde simplesmente conversar com os estudantes, ouvir seus relatos, saber de suas dificuldades como alunos cotistas, fazer o papel de mãe e conselheira, auxiliá-los em seus afazeres e proporcionar uma



📍 **Figura 2.** Aldeia Indígena Kaingang de Bento Gonçalves.

Fonte: NEABI/BG (2019).

mudança de atitude e de pertencimento até o envolvimento com a comunidade externa, onde as ações envolveram muitas pessoas, famílias, crenças e saberes.

Sempre pensei que fazer extensão é estar junto, envolver a comunidade na construção de saberes, é saber ouvi-los e respeitar a opinião dos mesmos. É criar estratégias para que todos sejam contemplados tanto a comunidade externa como o *campus* que oferece as atividades. É uma via de mão-dupla, na qual todos são beneficiados e todos os sujeitos envolvidos participam da construção da ação em si. É estar nos locais onde as ações acontecem, sair dos limites do *campus* e se envolver com os acontecimentos em loco, é participar junto da comunidade e presenciar cada momento vivido pelas pessoas que ali convivem.

Por isso, visitamos algumas comunidades indígenas do RS, algumas de longe como Nonoai, Tenente Portela, Missões, Osório e, outras mais próximas, como: a comunidade de Farroupilha e a de Bento Gonçalves. Junto a estas comunidades pudemos executar trabalhos importantes, auxiliando-os nos contatos com os agentes de saúde, secretarias municipais, universidades e institutos locais, e colaborar na participação dos processos seletivos para ingresso nos *campi* do IFRS. Juntos, construímos projetos para fortalecer essas comunidades, além de dar apoio quando enfrentavam dificuldades de comunicação e não sabiam a quem direcionar em seus questionamentos e dúvidas.

Também buscamos conhecer mais sobre a realidade de nossa cidade, saber as origens dos negros e indígenas que habitam nossa região, verificação de fatos relevantes e buscando informações dos primeiros habitantes dessas etnias que aqui se estabeleceram. Nos mantendo informados sobre a vivência dos indígenas e dos imigrantes haitianos e senegaleses que estão chegando, seus afazeres e suas dificuldades, permite que o núcleo possa auxiliá-los mais profundamente.



📍 **Figura 3.** Contação de histórias infantis em escolas municipais.

Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).



📍 **Figura 4.** Curso de Capoeira no IFRS – Campus BG.

Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).



📍 **Figura 5.** Curso de Pintura em estatuetas africanas.

Fonte: Acervo NEABI/BG (2019).

Ser extensionista é articular-se junto à comunidade externa e proporcionar mudanças por onde passa. Mediante a isso, podem ser colocadas como exemplo as atividades realizadas nas escolas, em que aplicamos algumas oficinas como a produção de máscaras utilizadas pelas tribos africanas, de bonecas negras, tanto a boneca de feltro como a abayomi que trazem uma história de vida, de identidade, de aceitação e de valorização das pessoas negras. Podemos citar também a produção de artefatos indígenas como cestas e o filtro do sonho, que é um símbolo indígena, por meio do qual eles sobrevivem obtendo parte de sua renda na venda desse amuleto. Nessa oficina, salienta-se a importância da produção desse objeto que além de filtrar os sonhos, traz sorte e tranquilidade e é um elo entre o presente e o passado e o vínculo dos indígenas com seus ancestrais. Esses momentos serviram para que muitas pessoas se identificassem e percebessem a importância da igualdade racial e da não discriminação.

Aplicamos também oficinas para criancinhas da pré-escola com contação de histórias que relatam a importância da diversidade, mostrando que todos os seres são iguais independentemente de cor e etnia, quando as histórias são contadas por eles. Nessas atividades é primordial que os bolsistas participem e estejam envolvidos; e uma das regras para ser bolsista do NEABI/BG é que os mesmos sejam negros ou indígenas, por isso as crianças se identificam muito mais quando as histórias são contadas.

Ainda, oferecemos cursos e oficinas para os alunos do *campus* dentro das temáticas afro e indígenas, apresentando suas histórias e culturas. Dessa forma, colocamos eles em contato com atividades praticadas por esses povos como é o caso do curso de capoeira e percussão.

Também somos agentes de transformação, tendo em vista que proporcionamos a melhoria de qualidade de vida para algumas pessoas como no caso do Curso de Pintura em Estatuetas Africanas no qual obtivemos o depoimento de uma das alunas que disse: “com o que eu aprendi aqui estou mudando minha vida. Estou pintando as estatuetas em minha casa e vendendo na cidade, com isso estou conseguindo aumentar a minha renda, isso me deixa muito feliz.”

Conclusão

Para mim, ser extensionista é desenvolver um trabalho que envolve o coração e muita emoção. É saber que podemos mudar os ‘pré-conceitos’ que foram criados com o tempo, por falta de conhecimento e convívios inadequados, mostrando a outra realidade. É acreditar que todos podem ter as mesmas oportunidades se houver a igualdade nas intenções. É aprender a escutar e dividir as angústias e ajudar sempre que possível o outro para que alcance as oportunidades desejadas, pois existem pessoas que merecem ser acolhidas por sua experiência e história de vida, é acreditar no potencial de cada um.

Fazer extensão: contribuições de experiência profissional através de projetos

Marlova Elizabete Balke¹

Resumo

Este artigo tem como finalidade apresentar o relato de experiência extensionista com atividades realizadas através do projeto “IFRS: Tecendo Ações Educativas na Região do Alto Uruguai”, tratando-se de uma proposta de indissociabilidade entre ensino e extensão, desenvolvida com estudantes do nono ano do Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali, e com deficientes visuais atendidos pela Associação dos Deficientes Visuais de Erechim (ADEVE), localizadas no município de Erechim/RS. As ações desenvolvidas tiveram como objetivo descobrir nos jogos uma maneira de aprendizagem envolvendo conceitos matemáticos e auxiliar no desenvolvimento da lógica de resolução de problemas. Observou-se que através das ações propostas e da interação entre os participantes houve a construção de diferentes maneiras de desenvolver o aprendizado, como também a reconstrução de conhecimentos matemáticos. A atividade atingiu seu objetivo, com o elo entre o jogo e o conteúdo curricular de funções, planejado para o nono ano do ensino fundamental. Com relação à ação desenvolvida com jovens, adultos e idosos de diversas idades, deficientes visuais atendidos pela ADEVE, observou-se que o contato com jogos de tabuleiros adaptados foi muito relevante, pois possibilitou momentos de lazer, interação e inclusão dos participantes. Logo, o fazer extensionista está sim dentro do tripé, ensino, pesquisa e extensão, como exemplificado esse pequeno relato.

Palavras-chave: Educação. Extensão. Inclusão. Jogos. Tripé. Adaptados.

Introdução

O caminhar extensionista envolve a troca de saberes e a empatia, sendo que diante do reconhecimento e o olhar dialógico é que está a Extensão, e é neste sentido que procurarei relatar uma de minhas experiências, entre várias que já realizei dentro do IFRS, outrossim destacando que a extensão

¹ Doutora em Engenharia de Alimentos. Mestra em Educação. Técnica em Assuntos Educacionais, Coordenadora da Coordenação de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Erechim. E-mail: marlova.balke@erechim.ifrs.edu.br

esteve presente em minha vida acadêmica desde a graduação até o doutorado e a profissional além do IFRS, mas em outras instituições de ensino ou de extensão rural.

Portanto, destaco o projeto realizado com edital de fomento interno, o qual demonstra que estamos inseridos em um contexto social, e no presente contexto engloba a sala de aula e o ensino da matemática, que diariamente requer das pessoas algum domínio sobre ela. Quanto maior for o domínio com os números, mais facilidade teremos em lidar com situações-problema que cotidianamente a vida nos apresenta. Nesta perspectiva, necessita-se estimular a criança, desde o início de sua vida, para que estas habilidades sejam gradativamente compreendidas, sendo assim, a escola tem muito a contribuir.

As ações indissociáveis desse relato, desenvolvidas através do projeto de extensão “IFRS: Tecendo Ações Educativas na Região do Alto Uruguai” e promovido pelo *Campus* Erechim do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), coordenada por mim, com a contribuição de servidoras na equipe executora, as quais cabe aqui destacar: Juliana Carla Giroto, Técnica em Assuntos Educacionais, Márcia Klein Zanher Pedagoga, Leonora Marta Devensi, e Solange Martins Hemers, Assistentes em Administração, como também os bolsistas de extensão, essas ações visaram colaborar com o ensino da matemática no nível fundamental final da rede pública, a partir da utilização de diferentes metodologias para melhor aprendizado de conteúdos.

Assim, a ação focou, num primeiro momento, na utilização de jogos de tabuleiro para melhor aprendizado de conceitos básicos de matemática para estudantes do nono ano da Escola Estadual Haidée Tedesco Reali. Também sabendo do compromisso social de nossa instituição diante das ações afirmativas, inclusivas e da diversidade, num segundo momento, o foco foi o desenvolvimento de jogos de tabuleiro adaptados para deficientes visuais participantes da ADEVE, bem como a realização de uma oficina para estimular a prática dos jogos.

Para o desenvolvimento do projeto houve a colaboração de três bolsistas, estudantes do curso de Engenharia Mecânica do *Campus* Erechim do IFRS, os quais desenvolveram as atividades propostas com jogos, relacionando conteúdos da matemática aos componentes curriculares da educação básica. Já os jogos adaptados, que tiveram a participação de alguns integrantes do NAPNE do *campus*, exigiram dos bolsistas maior envolvimento com a pesquisa de como adaptar os jogos, sendo que esta ação contribuiu de forma significativa para a formação de cada um deles, possibilitando um olhar para a inclusão e a acessibilidade de pessoas com deficiência em todos os aspectos.

O embasamento teórico para a construção e realização da proposta foi efetivado por meio de leituras de livros, artigos e legislações, dentre as quais citamos Vygotsky (1991), Grandó (2004) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Segundo Rodrigues (2007), uma metodologia a ser utilizada é a pesquisa de campo, a qual é baseada na coleta de fenômenos que ocorrem na realidade a ser pesquisada. Sendo assim, o desenvolvimento do presente projeto baseou-se na realização de ações de extensão em lugares da vida cotidiana, reconhecendo o contexto vivenciado, suas características e realidade.

Descrição das experiências: vivências matemáticas a partir de jogos de tabuleiro

A ação desenvolvida no Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali em Erechim contou com a participação de 55 estudantes do nono ano do ensino fundamental, e com a parceria dos professores de matemática e equipe pedagógica da escola. Dentre os jogos de tabuleiro, trabalhamos de forma lúdica o jogo Batalha Naval, a partir do qual explorou-se os conceitos do plano cartesiano e pares

ordenados, que são fundamentais para representações gráficas do conteúdo de funções. Os bolsistas atuaram como protagonistas das ações, que, por serem estudantes da área de exatas, colocaram seus conhecimentos em prática.

A atividade “Batalha Naval com Coordenadas Cartesianas” foi realizada embasada nos materiais disponibilizados no site da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (2018). O material abrange o assunto de forma clara e estruturada, trazendo aspectos relativos à fundamentação teórica, bem como à proposta de atividades a serem desenvolvidas com os estudantes, sendo assim, decidiu-se utilizar essa importante fonte de consulta.

Segundo Ortega (2012), o jogo Batalha Naval teve origem quando soldados russos criaram o jogo na primeira Guerra Mundial. Na versão original, dois adversários desenhavam em folhas de papel navios posicionados em um mar imaginário quadriculado. Ganhava quem descobrisse primeiro as coordenadas das embarcações do oponente. Em 1967, durante a Guerra Fria, surgiu a primeira versão de tabuleiro, sendo lançada no Brasil em 1988. O plano cartesiano é muito utilizado na construção de gráficos de funções, em que os valores relacionados a “x” constituem o domínio e os valores de “y”, a imagem da função. A criação do sistema de coordenadas cartesianas é considerada uma ferramenta muito importante na matemática, utilizada nos diversos níveis de ensino, inclusive na Engenharia Mecânica, curso de origem dos bolsistas vinculados ao projeto.

Como forma de aproximar o assunto a algo do cotidiano dos estudantes, foi associado o plano cartesiano com a latitude e longitude, temas relacionados aos estudos geográficos e à criação do Sistema de Posicionamento Global (GPS), também presente nos celulares. Desta forma, após a explanação do contexto histórico, os estudantes tiveram a oportunidade de jogar e construir gráficos cartesianos.

Ao final da atividade do jogo Batalha Naval foi realizado um questionário para a avaliação das ações, buscando identificar o desenvolvimento e a aprendizagem dos conteúdos utilizados no jogo. Desta maneira, foi possível verificar que o aprendizado dos estudantes teve um favorecimento, pois conseguiram relacionar os conteúdos de funções com o jogo trabalhado. Assim, demonstra-se a percepção dos estudantes quanto à realização da atividade de relacionar os jogos com a matemática.

Logo, pode-se observar que os resultados são satisfatórios, pois praticamente dois terços das respostas do questionário aplicado apresentou como ótimas as atividades, o que evidencia a relevância da continuidade de ações com esta metodologia e o favorecimento na aprendizagem dos estudantes.

Por sua vez, a atividade com os jogos adaptados envolveu a confecção dos jogos, os quais foram selecionados através da demanda da ADEVE, após uma visita na associação. Na oportunidade, a psicóloga da entidade relatou a necessidade de realizar atividades diferenciadas com os integrantes e sugeriu os jogos de tabuleiro adaptados. Assim, a equipe do projeto realizou pesquisa bibliográfica para aprofundar os estudos sobre o tema e também confeccionou jogos diferenciados aproveitando materiais que seriam descartados, como rolhas, velcros, lixas e caixas de ovos.

A seguir, apresentamos breve contextualização histórica do jogo da trilha e do jogo da velha, suas regras, bem como as adaptações realizadas visando a utilização dos jogos pelos deficientes visuais.

Iniciamos abordando o Jogo da Trilha, um tradicional jogo de tabuleiro de origem antiga. Esse jogo tem como objetivo eliminar as peças do outro competidor até que sobrem apenas duas. Sempre que o jogador formar uma linha horizontal ou uma linha vertical, com três de suas peças, ele terá direito a eliminar uma peça do seu adversário. Para começar o jogo o tabuleiro deve estar vazio, os jogadores devem colocar suas peças sobre os lugares vagos. Depois que todas as peças forem colocadas, cada jogador deverá mover uma peça por vez.

É da família dos jogos conhecidos como “Merels”, que inclui jogos como o Jogo da Velha e outras variantes da Trilha. Mas sua origem é certamente bem mais antiga. Um desenho de tabuleiro semelhante ao da Trilha foi encontrado em cavernas pré-históricas na Áustria e em uma caverna na França. Foram encontrados tabuleiros no Egito, datados de 1400 a.C., Srilanka (10 a.C.) e num navio Viking, o Gokstad, de 900 a.C. (Blog Mega Jogos, 2012).

Este jogo foi adaptado de forma sensorial para que os deficientes visuais pudessem interagir de forma lúdica e com autonomia, estimulando o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático e a concentração. Em que, a base foi confeccionada em um tabuleiro de madeira de *Medium Density Fiberboard* (MDF). Sobre a trilha foi aplicada uma lixa, a fim de destacar os caminhos que podem ser percorridos, e para a fixação das peças foi colocado velcro nos círculos. As peças foram confeccionadas com a borracha de Etil Vinil e Acetato (EVA), sendo nove peças de formato circular e nove peças de formato quadrado, as quais são fixadas nas bases do jogo por terem feltro em um de seus lados.

Por sua vez, o Jogo da Velha originou-se na Inglaterra quando mulheres, ao fim de tarde, se reuniam para tomar chá e bordar. O jogo era praticado pelas senhoras de mais idade, já que não enxergavam bem e não podiam realizar seus bordados. O tabuleiro utilizado é uma matriz de três linhas por três colunas. Os dois jogadores escolhem uma marcação para cada um, geralmente um círculo (O) e um xis (X), jogando alternadamente, uma marcação por vez, numa lacuna que esteja vazia. O objetivo é conseguir três círculos ou três xis em linha horizontal, vertical ou diagonal, e ao mesmo tempo, impedir o adversário de ganhar na próxima jogada. Portanto, a partir da adaptação desse jogo, realizamos uma experiência sensorial diferenciada em que o tabuleiro foi confeccionado com caixa de ovos no formato quadrado com nove posições, também foram utilizados espetos de madeira de 18 cm para formar uma matriz de três linhas por três colunas. Quanto às peças, utilizamos cinco rolhas, representando o círculo e cinco cubos maciços de madeira representando o xis, sendo que dessa forma, a partir do tato foi possível perceber as diferenças, facilitando a compreensão e o desenvolvimento do jogo.

Durante a realização do I Workshop de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade, evento de extensão coordenado pelo docente Giovane Rodrigues Jardim, com a parceria da Coordenação de Extensão, o qual contemplou atividades de integração dos núcleos constituídos no *Campus Erechim*: Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades (NEPGS), que ocorreu em setembro de 2019, de forma presencial; foram expostos os Jogos da Velha e Trilha adaptados para conhecimento dos participantes do evento. A atividade foi elogiada, destacando-se a iniciativa e a criatividade presente nas adaptações, considerando as necessidades específicas e a inclusão dos deficientes visuais.

Durante a 8ª Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão e 2ª Mostra Cultural Científica e Tecnológica do *Campus Erechim* do IFRS, evento que visou promover a difusão de conhecimentos e saberes produzidos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão no *campus*, que ocorreu presencialmente em outubro de 2019, intensificando a indissociabilidade foi ofertada uma oficina para os integrantes da ADEVE utilizando os jogos adaptados da Velha e Trilha.

No processo do desenvolvimento dos jogos, foi perceptível o entusiasmo, a motivação e o sentimento de realização dos participantes. Além disso, a atividade favoreceu o aprendizado, o estímulo do raciocínio lógico, a destreza e a interação. Dessa forma, a proposta foi avaliada por meio de uma roda de conversa, a qual foi gravada com a autorização dos participantes e analisada pela equipe do projeto. Dentre as opiniões manifestadas, destacamos: “*Nunca havia Jogado Trilha, mas gostei muito,*

o tempo deveria ser maior”. Também foram sugeridas novas modalidades de jogos a serem adaptados: “*Poderiam adaptar os Jogos de Dominó, Damas, Bingo, Desafio da Fortuna, entre outros*”.

A partir da oficina de jogos adaptados que foi considerada uma atividade muito proveitosa, pois além de oportunizar a interação dos participantes da ADEVE, sinalizou para melhorias que poderiam ser realizadas e para novos jogos a serem adaptados, ampliando a proposta e abrangendo maior número de pessoas.

Considerações Finais

Através da adaptação de jogos de tabuleiro para deficientes visuais, bem como outras ações realizadas na instituição, conclui-se que dentro do IFRS, mais especificamente nas atividades de extensão, estamos construindo um caminho comprometido com a diversidade, com o respeito e com a inclusão. Assim, vislumbra-se a possibilidade de montar uma futura oficina para videntes, os quais poderão interagir com jogos, tendo assim, uma experiência sensorial diferenciada. Cabe destacar ainda, que foi muito gratificante a realização da atividade, o que fortaleceu a intenção de continuarmos propondo novas ações nessa perspectiva.

Da mesma forma, a realização da ação desenvolvida com os estudantes estimulou o desenvolvimento de habilidades tais como: resolução de situações-problema, estabelecimento de estratégias, concentração, raciocínio lógico, tomada de decisões, além de favorecer a interação entre participantes; tudo isso associando o jogo ao conteúdo curricular de funções.

Por fim, ressalta-se que os jogos de tabuleiro, enquanto estratégia didática e metodológica, tem muito a contribuir com o aprendizado da matemática, indicando um interessante caminho no decorrer do processo de escolarização, pois qualificam e favorecem o processo de ensino e aprendizagem. Além da questão da construção do conhecimento, destaca-se o potencial dos jogos como elementos que favorecem a interação social, independente do contexto e da faixa etária.

Logo, as ações extensionistas aqui demonstradas são algumas dentre várias e que tive a oportunidade de realizar, destaco que a extensão está na Missão do IFRS e interliga o tripé ensino, pesquisa e extensão. Mediante o exposto verifica-se o quanto é importante sairmos dos muros do nosso *campus* e atendermos a demanda da comunidade externa, local ou regional, sendo essa oriunda de diferentes entidades sociais, como escolas, estudantes, professores, servidores, empresas, entre outras instituições, as quais trocam o conhecimento conosco e nos dão oportunidades para o mundo do trabalho no que tange aos bolsistas, assim como a inserção do IFRS nas respectivas regiões cumprindo o seu papel na sociedade.

Referências

Blog do Mega Jogos. 2012. Disponível em: <https://blog.megajogos.com.br/regras-e-origem-do-jogo-trilha-ou-tambem-chamado-de-moinho/>. Acesso em: 05 set. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GRANDO, Regina Célia. **O jogo e a matemática no contexto da sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2004.

JULIO, Cristiane Martins. **Portal do professor**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=28141>. Acesso em: 30 set. 2020.

ORTEGA, Rodrigo. **Como surgiu o jogo batalha naval?**. 2012. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-o-jogo-batalha-naval/>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PARANÁ, Secretaria de Educação. **Batalha Naval com Coordenadas Cartesianas**: Ensino de Matemática. 2018. Disponível em: <http://www.matematica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1320>. Acesso em: 27 jun. 2018.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. 2007. Disponível em: https://unisc.br/pt/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica.pdf . Acesso em: 17 ago. 2020.

SILVA, Marcos Noé Pedro da. **Plano Cartesiano**. 2018. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/plano-cartesiano.htm>. Acesso em: 18 jul. 2020

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Fontes Editora Ltda, 4 ed. São Paulo, 1991.

Entre músicas, escolas, coletivos: extensão e criatividade no IFRS

Nicholas Fonseca¹

O início de tudo: tentando e aprendendo a fazer extensão na prática e de forma criativa

Ao perceber que era possível criar projetos ligados à música na instituição, quando assisti às apresentações artísticas, em 2015 e 2016, no evento anual do IFRS (à época conhecido como “3 S”), os olhos brilharam. Sou jornalista no IFRS – *Campus* Farroupilha, mas a música está na minha vida desde as lembranças mais remotas, de diversas maneiras. Algo que me chamou a atenção nas apresentações dos eventos citados era a pouca ou falta de criações autorais nos projetos, fato que, no entanto, não reduzia a beleza e a importância das iniciativas, é claro.

Como servidor ligado à comunicação social do *campus*, pensei, para dar o pontapé inicial em um projeto de extensão – algo totalmente novo pra mim –, em aliar a necessária divulgação do nome da instituição no município com apresentação musical autoral. Portanto, em 2017, com o colega Eduardo Balbinot, que possuía elevado conhecimento musical (teórico e prático), fizemos um chamamento de possíveis interessados em ingressar em uma banda, no *campus*, para iniciarmos a ação. A ideia era aliar a união entre os estudantes, egressos e servidores.

Com um grupo prévio formado, colocamo-nos o objetivo de compor cinco canções entre março e setembro, que pudessem trazer letras reflexivas sobre sociedade, identidade, política etc. Neste início, também foi escolhido o nome do grupo: EntreTantos (uma licença poética em colocar um plural na conjunção “entretanto”). A partir de criações coletivas, o objetivo foi alcançado e foram criadas as canções: “Tentar Mudar o Mundo”, “O Medo, o Esquecimento e a Cicatriz”, “Muros”, “Tudo Fantasia” e “Apenas Mais um Rótulo”. As músicas mesclavam diversidade de ritmos, como *pop rock*, *valsa* mesclada com *rock*, *indie* e *reggae*. Foi



📍 **Figura 1.** Formação do projeto. Fonte: autoria de Rafael Correa (2017).

¹ Especialista em Gestão de Conteúdo para Comunicação pela UMEP. Jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Farroupilha. E-mail: nicholas.fonseca@farroupilha.ifrs.edu.br

uma etapa em que o coletivo de membros (cerca de nove pessoas), principalmente os estudantes, puderam expor ideias, expressar-se e criar. Assim, desenvolvendo senso crítico e estético. Além do trabalho artístico, tínhamos de organizar e executar as apresentações em escolas do município, fazendo contato com a comunidade e organizando a logística, o que demandava esforço e aprendizados na prática.



📌 **Figura 2.** Música na Escola, no colégio estadual Olga Brentano.

Fonte: autoria de Gregori Pagliarini (2018)

Nesse primeiro ano do projeto, em 2017, o IFRS foi para além dos quatro cantos do *campus* até as escolas. Como era um aprendizado a todos, naquele momento, percebemos a possibilidade de ampliar a participação da comunidade no projeto a partir de 2018. Elaboramos a ideia de minifestivais nas escolas. Ou seja, além da apresentação da EntreTantos, organizávamos um momento artístico com apresentação de estudantes das escolas, fosse com bandas, com projeto musicais das instituições, com declamações etc. Como necessitava-se de um pouco mais de organização e abertura das escolas para a ideia, conseguimos realizar três eventos coletivos. O “Música nas Escolas”, como foi chamada a ação de extensão, proporcionou espaço a jovens artistas exporem seus trabalhos, além de um intercâmbio artístico e cultural entre IFRS e comunidade. Para alguns, foi a primeira vez que puderam se apresentar ao vivo.

Festival #MundoIFRS

Abrindo um parêntese nas ações localizadas em Farroupilha, em 2018, devido ao envolvimento com o projeto cultural e também amizades sendo feitas no IFRS, tive a oportunidade de coorganizar, junto aos colegas Bruno Acosta e Agnes Schmeling, do IFRS – *Campus* Osório, o evento Festival #MundoIFRS. A atividade foi uma grande reunião de projetos musicais do IFRS. Contou com participação de 12 ações de sete *campi*, um dia intenso e memorável que aguarda desde então que se repita.

Projeto cresceu e intercâmbios surgiram

Paralelo ao “Música nas Escolas”, entre 2018 e 2019, a EntreTantos passou a ter mais visibilidade no município e a ser convidada a eventos públicos, como a feira das profissões de Farroupilha – o “Juventude Pensando no Futuro” –, e à Semana Literária Municipal.

Em 2019, já com 10 músicas compostas e com uma formação sólida, a EntreTantos teve a oportunidade de poder registrar para a história as composições autorais, e lançou o disco “Interprete!”, em dezembro (que pode ser ouvido nas plataformas digitais, como *YouTube*, *Spotify* etc). Talvez, esse

tenha sido um dos primeiros discos de música autoral de um projeto de IF. O álbum contou com participações especiais de estudantes, egressos e ex-membros do projeto. Para celebrar o lançamento, a banda promoveu um evento no Muinho Club, importante espaço cultural de Farroupilha na época, juntamente com outras duas bandas locais.

Durante aquele ano, outro movimento foi importante: o início de diálogos e amizade entre as bandas locais (inclusive com músicos que participaram do “Música nas Escolas”, em 2018). Neste mesmo ano, um programa de rádio local promoveu eventos com as bandas locais, o que fez fortalecer mais a emergente cena de grupos mais ligados ao rock e de música autoral de Farroupilha.

Deste movimento, no início de 2020, devido a esta integração entre EntreTantos e as bandas farroupilhenses, nasceu o programa de extensão “Coletivo Autoria”, com objetivo de união e ações entre os grupos, além de proporcionar um intercâmbio de experiências entre estudantes do IFRS e a comunidade artística do município. Em fevereiro, também no Muinho, o coletivo promoveu o I



↑ **Figura 3.** Gravação de participação coletiva no disco “Interprete!”

Fonte: autoria de Gregori Pagliarini (2019)

Autoria Festival, com participação de quatro bandas locais. Muitas ideias de ações coletivas começaram a surgir, mas... havia uma pandemia no caminho.

Foi necessário transferir e adaptar ideias para o universo *on-line*, principalmente *Instagram* e *YouTube*. Entre as iniciativas remotas, destaco três:

- O Autoria Festival em Casa, com diversos artistas locais mostrando, em vídeo, versão acústicas e caseiras de suas músicas autorais;
- O lançamento coletivo de singles, algo nunca realizado em Farroupilha até então, segundo músicos e comunicadores de rá-

dios locais. Cinco bandas locais, incluindo a EntreTantos, lançaram singles inéditos no dia 1º de maio de 2020. Assim, coletivamente, foi trabalhada a divulgação junto à imprensa, mídias, redes sociais etc para potencializar os lançamentos, feito que recebeu destaque em sites, jornal e rádios;

• Também, com a parceria de um bolsista no projeto, foram criadas duas séries audiovisuais: uma sobre composição musical autoral e outra em que os artistas falavam de suas carreiras e histórias. Ambas séries protagonizadas por artistas locais.

Ao final do ano de 2020, o jornal Pioneiro (da RBS da Serra Gaúcha) destacou o projeto Coletivo Autoria como uma das principais ações culturais do ano na região.

Em 2021, a parceria do coletivo seguiu e, em julho, promoveu-se a *live* solidária Rock Contra a Fome, reunindo 10 bandas locais e autorais. O evento virtual arrecadou cerca de 500kg de alimentos para doação, em parceria com o grupo solidário de voluntários As Andorinhas.



← **Figura 4.** Camila Mugnol, vocalista da EntreTantos. Fonte: autoria de Felipe David dos Santos (2017)



← **Figura 5.** Artur Battisti, guitarrista da EntreTantos. Fonte: autoria de Felipe David dos Santos (2018)

Reflexão e aprendizados

Esse resumo dos projetos que coordenei entre 2017 a 2020, que envolveram arte e cultura em escolas e em diálogo com a cena artística local, mostrou-me as diversas oportunidades de aliar a vida acadêmica do *campus* com ações que podem divulgar o potencial do IFRS à comunidade. Além de inserir essas oportunidades no universo do instituto. Além disso, incluir estudantes em projetos é uma grande maneira de proporcionar experiências que certamente os discentes levarão na bagagem e na memória pelo resto da vida.

“Hoje, como bolsista de pesquisa em outro *campus*, percebo que, quando fui bolsista de extensão no projeto da EntreTantos, em 2017, me fez ter uma visão maior em relação à comunidade escolar: ter ido em outras escolas do município, ter se relacionado com outras pessoas, outras realidades, ter tido oportunidade de contribuir com a arte e para a formação cultural de quem fez parte do projeto. A banda, desde 2017, contribuiu para minha formação de senso crítico e criatividade. Fazer música, produzir músicas de qualidade. Sempre tivemos esse propósito de não só cantar por cantar, mas de levar algo de conteúdo para o público.” *Camila Angela Mugnol, bolsista do projeto de extensão em 2017 e membra da EntreTantos desde então. Atualmente é estudante de Tecnologia em Enologia e Viticultura no IFRS – Campus Bento Gonçalves.*

“Fazer parte da EntreTantos me abriu muitas portas dentro e fora da área da música. Me possibilitou adquirir novos conhecimentos e ter contato com novas pessoas. Acho que um dos melhores momentos junto com a banda foi quando a gente foi tocar em uma escola e eles reconheceram uma música da banda que havia sido tocada no ano anterior. Isso não teve preço!” *Artur Miguel Battisti, integrante da EntreTantos desde 2018 e bolsista do Coletivo Autoria. É egresso do 4º ano do Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFRS – Campus Farroupilha.*

Sobre sementes e caminhos: o Judô no IFRS *Campus Osório*

Felipe Parisoto¹

千里の道も一歩から
Senri no michi mo ippo kara
Uma jornada de mil milhas começa com o primeiro passo

Para relatar minha prática extensionista, preciso retornar a 2017, ano de minha posse no IFRS como professor lotado no *Campus Osório*. O ingresso no serviço público federal foi, sem dúvidas, um momento de grande alegria e realização, mas que provocou algumas interrupções nas minhas práticas, onde dividia meu esforço profissional entre ministrar aulas de História na rede privada e gerir um centro de treinamento de Judô, na altura, com quase 20 anos de tradição na cidade de Tramandaí, Rio Grande do Sul. A dedicação exclusiva, exigência do cargo que assumia, provocou uma série de mudanças na supracitada modalidade esportiva no município, uma vez que a escola marcial foi encerrada e os alunos migraram para outros espaços. Portanto, um ano marcado por conquistas e rupturas.

O Judô, arte marcial japonesa criada em 1882 por Jigoro Kano, não é limitado à luta, pois se constitui como uma série de princípios filosóficos e posturais que acabam por serem incorporados à vida de seus participantes. Originalmente, seu fundador o concebeu como um processo educacional, fazendo com que o “ser judoca” se tornasse inerente ao praticante. Deste modo, sempre acreditei na modalidade como um complemento muito enriquecedor dentro daquilo que é chamado de Educação Integral. Como educador, ter ciência dos benefícios da modalidade, conhecer suas metodologias de ensino, ter as credenciais necessárias e não promovê-la era muito difícil, mas uma realidade que precisava gerir.

Com o passar dos primeiros meses de docência na nova instituição, continuava acompanhando o desenvolvimento do esporte, visitava as escolas da região e, por vezes, compartilhava conhecimentos com professores e alunos. Notei, contudo, um sentimento de incompletude à minha prática. Percebi que o ensino do Judô era indissociável a mim enquanto indivíduo e, felizmente, ao me apropriar das diretrizes institucionais, descobri que a Extensão também o era ao IFRS. Foi assim que, em agosto de 2017, criei o projeto “Judô – Equipe IFRS/Osório²”, com aulas no turno da manhã.

Inicialmente, muitas foram as limitações. O espaço foi compartilhado em uma sala de aula, onde antes e depois de cada treino era necessário transferir todo o material interno. Ainda, sem recurso previsto em edital de fluxo contínuo, adquirimos de forma direta uma área de tatame³. De todo

¹ Mestre em História da Idade Média pela Universidade de Coimbra. Docente EBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Osório*. E-mail: felipe.parisoto@osorio.ifrs.edu.br

² Projeto nº 274637.1344.284312.03072017. Edital PROEX/IFRS nº 41/2016 - Fluxo Contínuo 2017.

³ Superfície onde ocorre a prática das artes marciais. No caso do Judô esportivo, material que possibilite o amortecimento das quedas, como palha ou EVA.



📍 **Figura 1.** | Encontro Inter-Regional de Judô: esporte e tradição. Fonte: acervo pessoal (2018).

modo, a adesão foi intensa, os alunos e servidores foram muito receptivos e a atividade já em seu princípio gerou lista de espera.

Com o passar dos anos, a prática extensionista foi amadurecendo e tomando novas proporções. Em 2018, o projeto foi replicado⁴, mas com oferta de aulas pela manhã e pela tarde e em sala destinada à prática de Educação Física, onde, em acordo com a docente responsável pelo espaço, não foram adicionadas classes e o tatame foi instalado de forma permanente e ampliado por meio de verba do PAIEX-2018. Neste mesmo ano, a turma de 2017 ingressou no cenário competitivo estadual, na Divisão de Acesso da Federação Gaúcha de Judô, e nos empenhamos em promover o intercâmbio de conhecimentos e integração entre as turmas do *Campus* Osório e judocas de outros municípios do litoral norte do Rio Grande do Sul. Escolas de Osório, Tramandaí e Imbé abriram as portas de forma gratuita aos extensionistas e, no mês de novembro, o primeiro grande evento de integração ocorreu: o I Encontro Inter-Regional de Judô: esporte e tradição⁵, contando com a participação de mais de 60 atletas.

Com turmas mais consolidadas, alunos graduados, espaço físico permanente, participação em competições, intercâmbios, bolsistas remunerados e estudantes voluntários, a estrutura viabilizada pelo Instituto Federal não permitiu apenas que eu desenvolvesse um projeto que acreditava verdadeiramente em seu potencial transformador, mas possibilitou que eu sonhasse ainda mais alto: com a unificação e potencialização do Judô do litoral norte do Rio Grande do Sul, meta traçada para o ano seguinte.

Em 2019, os resultados alcançados pelo empenho de professores, bolsistas, familiares e atletas redimensionaram substancialmente a equipe.

A competição, apesar de não ser o fim do programa de extensão do IFRS, se mostrou uma protagonista no seu desenvolvimento, pois fomentou o intercâmbio entre as equipes litorâneas e o desejo pelo aprimoramento por parte significativa dos alunos. Contudo, para que a equipe fosse reconhecida como tal no âmbito esportivo formal, era necessária a sua vinculação à Federação Gaúcha de Judô.

⁴ Projeto nº 293702.1585.284312.12022018. Edital PROEX/IFRS nº 73/2017 - Registro de ações de extensão - Fluxo Contínuo 2018

⁵ Projeto nº 317255.1585.284312.22112018. Edital PROEX/IFRS nº 73/2017 - Registro de ações de extensão - Fluxo Contínuo 2018

Para que se entenda, o Judô competitivo deve obedecer a uma série de regramentos estabelecida por entidades internacionais e nacionais que uniformizam a prática e a impulsionam. No caso específico da arte marcial em questão, por se tratar de uma modalidade olímpica, há um rigor significativo de controle e gestão. O órgão máximo regulador do Judô mundial, vinculado ao Comitê Olímpico Internacional (COI) é a Federação Internacional de Judô (FIJ). Tal entidade reconhece no Brasil a Confederação Brasileira de Judô (CBJ) como órgão responsável pela gestão do esporte. Esta, por sua vez, delega poder às federações estaduais para concessão de graduações até 5º grau de faixa preta e realização de competições para estabelecimento de ranque estadual e seletivas para competições inter-regionais, nacionais e internacionais. As competições estaduais, ainda, são pontuadas no ranque brasileiro, fator que contribui para a escalação de atletas para composição da seleção brasileira de Judô.

Por muitos anos, as equipes litorâneas lutaram representando grandes clubes, como a SOGIPA e o Grêmio Náutico União. Isso ocorria devido aos altos cursos e outras exigências burocráticas que as pequenas escolas não conseguiam suprir. Por meio de relações de amizade, professores conseguiam vincular seus atletas a estes clubes que em troca de seus nomes e intercessão frente à federação, ficavam com as pontuações destes atletas nos ranques gerais. O grande problema neste sistema estava no distanciamento dos centros às equipes, assim como na ausência de sentimento de pertencimento e identidade por parte dos atletas do litoral. Assim, via-se a criação de uma instituição que representasse devidamente estas equipes como uma necessidade e sua inexistência como um obstáculo à interlocução e desenvolvimento do Judô local no âmbito federado. A resolução ocorreu com a filiação, em 2019, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, por meio de processo interno via reitoria, à Federação Gaúcha de Judô, possibilitando que o projeto agora abraçasse esses atletas e equipes, vinculando-os à extensão, fazendo com que um projeto de 40 alunos passasse a mais de 100 em poucas semanas e que o *Campus Osório* alcançasse os projetos sociais e a comunidade de forma muito mais intensa e efetiva, tornando a equipe pluricêntrica, ainda que sob minha responsabilidade geral como responsável técnico.

Em 2019, o Programa “Equipe de Judô IFRS/*Campus Osório*”⁶ foi criado. O projeto da equipe foi vinculado a ele⁷ assim como novas turmas introdutórias⁸ e eventos⁹, como o II Encontro Inter-Regional de Judô: esporte e tradição. Em março, participamos da primeira competição com identidade



⬆ **Figura 2.** Troféus e certificações (Bonenkai). Instituto Federal conquista primeiro lugar em Campeonato Estadual Geral da Divisão de Acesso e primeiro lugar no ranque geral da Divisão de Acesso **Fonte:** acervo pessoal (2019).

⁶ Programa nº 319949.1811.284312.31012019. Edital IFRS nº 79/2018 – Registro de ações de extensão – Fluxo Contínuo 2019

⁷ Projeto “Equipe de Judô” nº 319949.1811.284312.31012019. Edital IFRS nº 79/2018 – Registro de ações de extensão – Fluxo Contínuo 2019

⁸ Projeto “Introdução ao Judô I” nº 331571.1811.284312.08042019. Edital IFRS nº 79/2018 – Registro de ações de extensão – Fluxo Contínuo 2019; Projeto “Novos horizontes: Judô na Escola” nº 344973.1931.284312.25122019. Edital IFRS nº 79/2018 – Registro de ações de extensão – Fluxo Contínuo 2019

⁹ Evento “II Encontro Inter-Regional de Judô: esporte e tradição” nº 321760.1811.284312.05022019. Edital IFRS nº 79/2018 – Registro de ações de extensão – Fluxo Contínuo 2019



📌 **Figura 3.** Judô em Casa: Treinos de Quarentena. Fonte: acervo pessoal (2020).

própria, na cidade de Campo Bom, conquistando os primeiros dos mais de 200 pódios para onde carregamos o símbolo do IFRS neste ano e que resultaram no primeiro lugar da Divisão de Acesso da Federação Gaúcha de Judô e em três atletas destaques estaduais¹⁰.

Dentro de uma perspectiva de indissociabilidade, a equipe de Judô está vinculada ao grupo de pesquisa Educação Física e Educação Profissional, linha de pesquisa “O Judô e a formação Integral: tradição, esporte e filosofia”, e participa ativamente das atividades de ensino e do cotidiano do *Campus Osório*, como nas Olimpíadas, em uma série de trabalhos acadêmicos e também é frequentemente resgatada nos conselhos de classe. Seus bolsistas participam de eventos científicos do IFRS, por vezes com destaque como é o caso de Isadora Sana da Silva no 4º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS, realizado em Bento Gonçalves. Ainda, venho trabalhando dentro de uma perspectiva *inter-campi*. No mesmo ano de 2019, fui participante ativo e incentivador dos projetos de Introdução ao Judô do *Campus Restinga* e *Campus Feliz*. Em ambos os casos, os atletas de Osório realizaram visitas técnicas e professores buscaram uniformizar avaliações e metodologias.

¹⁰ Isadora Sana da Silva (1º lugar, Sênior Feminino, Divisão de Acesso – na foto em destaque), Matheus Renan Machado (1º lugar, Sênior Masculino, Divisão de Acesso) e Thiago da Silva Ferreira (Destaque Metropolitano, Sênior Masculino, Divisão de Acesso).



📌 **Figura 4.** Domo Arigato Gozaimasu. “Muito Obrigado”. Fonte: acervo pessoal (2019).

O Judô seguiu ativo nos anos seguintes, mesmo com o advento da Pandemia de covid-19. Com a interrupção dos treinos presenciais, os realizamos de forma síncrona *online*, dentro de um projeto chamado “Judô em Casa: Treinos de Quarentena¹¹”, também fomentado pelas políticas de extensão do IFRS.

Atualmente, esta modalidade a qual destinei a totalidade meus esforços extensionistas está passando por um resgate do sistema presencial nos projetos parceiros e ainda não retomou o modelo tradicional no *campus*. Contudo, muitos esforços seguem sendo feitos para o seu desenvolvimento na região. Em 2020, tivemos a promoção em sistema remoto de um extensionista à faixa preta, conquista que foi reproduzida por 4 outros no ano de 2021. Tenho como meta atual a ampliação e profissionalização do espaço físico no *Campus Osório*, objetivo em fase de execução após a destinação de verba de parlamentar no valor de 250 mil reais pela deputada federal Fernanda Melchionna no final de 2021.

Acredito, verdadeiramente, no potencial transformador da Arte Marcial. A prática de exercícios físicos é sabidamente benéfica aos indivíduos e se mostrou ainda mais importante no contexto pandêmico que estamos enfrentando. A prática coletiva incentiva o trabalho em grupo, valoriza relações e contribui também para a saúde mental, tão afetada neste cenário de isolamento. Disciplina, postura, higiene, coordenação motora são apenas alguns dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo e que o Judô coloca como centrais em sua prática. Quanto à extensão, encontrei nela a possibilidade de materialização de um sonho, o poder de catalisar potenciais e a beleza de poder transcender a barreira física institucional e ajudar a tornar o IFRS e comunidade uma coisa só, abraçando e aprendendo com a riqueza da pluralidade. O Judô dentro de uma política de extensão é um meio altamente efetivo de mudança, de luta contra as desigualdades, de inclusão e de educação. Defendo fortemente o tripé de igualdade ensino, pesquisa, extensão adotado pelo IFRS em sua concepção, pois encontrei nele uma realização profissional e se o futuro assim me permitir, continuarei nesta caminhada.

¹¹ Projeto nº 355282.1931.284312.19052020 Edital IFRS nº 65/2019 – Registro de ações de extensão – Fluxo Contínuo 2020

A trajetória de uma professora de Matemática pela extensão do IFRS – Campus Caxias do Sul

Kelen Berra de Mello¹

Resumo

Neste relato, conto como foi a experiência de se tornar extensionista do IFRS – *Campus* Caxias do Sul, a partir de coordenação de projeto de extensão com fomento externo ou não. Além disso, apresento que o professor de Matemática tem várias possibilidades além do ensino, aliando a extensão à pesquisa. Por fim, saliento que a extensão não se faz sozinha, precisa do apoio da comunidade, dos colegas e dos alunos da Instituição.

Palavras-chave: Extensão. Matemática. Projetos.

Introdução

Falar de extensão é falar da minha trajetória dentro do IFRS – *Campus* Caxias do Sul. Conheci a extensão fazendo extensão. Sou professora de Matemática, mestre em Matemática Aplicada, doutora em Engenharia Mecânica e entrei no IFRS logo depois da minha defesa de doutorado, na qual estudava a dispersão de poluentes na atmosfera. Ao entrar no IFRS, percebi que meus estudos não tinham como dar continuidade, por alguns motivos, o curso de Licenciatura em Matemática era novo, e não teríamos estudantes com noções de equações diferenciais nos próximos 3 anos e, também, queria algo que poderia ter reflexo diretamente na sociedade em que vivo. A partir desse momento, percebi que era necessário mudar, mudar minha prática docente e minha linha de pesquisa para me aproximar da comunidade de Caxias do Sul. Neste trabalho, conto um pouco da minha trajetória dentro do IFRS, por meio dos projetos de extensão que desenvolvi no IFRS – *Campus* Caxias do Sul ao longo desses 11 anos na Instituição.

¹ Doutora em Engenharia Mecânica pela UFRGS. Docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Caxias do Sul. E-mail: kelen.mello@caxias.ifrs.edu.br

Ações Extensionistas

Em 2010, logo após ser servidora nomeada do IFRS, surgiu o edital, publicado pelo Ministério de Educação, Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência, na qual visava a ampliar a qualidade das ações voltadas à formação de professores, com prioridade para a formação inicial desenvolvida nos cursos de licenciaturas das instituições federais e estaduais de educação superior. A partir da publicação, foi solicitado pela direção do *campus*, que os professores da Licenciatura em Matemática, elaborassem um projeto para ser submetido no edital. A partir da conversa entre os colegas, foi elaborado o Programa Laboratório de Inclusão Matemática que tinha como objetivo desenvolver materiais pedagógicos inclusivos de baixo custo para o ensino de matemática. Para isso foi criada uma parceria com a Apadev. Aqui cabe ressaltar que, durante a minha trajetória como docente, a minha primeira experiência como professora foi para uma turma com um aluno com deficiência visual, e por essa vivência ter sido tão enriquecedora resolvemos usar a temática da inclusão. O projeto foi aprovado e a partir dele foram desenvolvidos vários materiais que compõem o acervo do Laboratório de Matemática.

Além disso, em 2012, com o recurso do Edital do Prodocência, foi organizado o 1º Workshop de Inclusão Matemática voltado para capacitar professores de Matemática para práticas pedagógicas inclusivas. Nesse evento, os participantes puderam ter uma oficina de Soraban, uma palestra com o Rubens Ferronato, inventor do Multiplano, contou com a participação de 80 professores da rede municipal, estadual e particular de ensino.

Em 2013, como o término da vigência do Edital do Prodocência, o programa virou um projeto e mudou de nome, intitulando-se: Inclusão Matemática. A partir das ações desenvolvidas no ano de 2011 e 2012, fomos procurados para fazermos uma parceria com o Instituto de Audiovisão, para darmos suporte pedagógico para os alunos com deficiência visual ou surdocegueira atendidos pela Instituição. O projeto teve duração de 2013 a 2020² e já atendeu mais de 20 alunos com deficiência visual e dois alunos surdocegos, dos diferentes níveis de ensino, desde da educação infantil (realizando atividades de letramento matemático) até alunos de cursos superiores. Além de colaborar com a trajetória escolar e acadêmica desses estudantes, o projeto também qualificou o curso de Licenciatura em Matemática, pois os bolsistas do projeto sempre foram estudantes do curso. Durante as suas atividades puderam elaborar materiais pedagógicos acessíveis e vivenciar situações de ensino e aprendizagem promovendo uma educação equânime. Além disso, três bolsistas desse projeto, elaboraram suas pesquisas de trabalho de conclusão de curso voltadas para a temática da inclusão, demonstrando que a experiência no projeto fez o desejo de se dedicar a esse assunto nos seus estudos.

Ainda por meio desse projeto, em 2013, foi organizado o II Workshop de Inclusão Matemática e, em 2014, o III Workshop de Inclusão Matemática, com a participação de 80 e 300 professores, respectivamente. O II Workshop de Inclusão Matemática foi voltado para educação de surdos, com apoio da Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller, de Caxias do Sul, e no III Workshop de Inclusão Matemática, com apoio do Instituto Benjamin Constant do Rio de Janeiro e a participação do professor português, José Pacheco, criador da Escola da Ponte.

A partir de 2016, foi criado o projeto “Laboratório de Matemática”, que tinha como intuito aproximar o Laboratório de Matemática do IFRS – *Campus* Caxias do Sul com os professores de Matemática da rede estadual de ensino do município de Caxias do Sul. Esse projeto tinha como objetivo principal disponibilizar os materiais do laboratório para as aulas dos professores. Vale ressaltar que a maioria

² Que em 2018, não foi executado em função de não possuímos bolsistas para o projeto.

dos materiais utilizados eram elaborados pelos próprios alunos da Licenciatura em Matemática, a partir do projeto ou em disciplinas práticas do curso.

A partir desse projeto, percebeu-se que muitos dos materiais não envolviam a matemática diretamente, e sim o desenvolvimento do raciocínio lógico. Assim, em 2017, com a parceria da Escola Municipal de Ensino Fundamental Angelina Sassi Comandulli, foi criado o projeto Lógica na escola que tinha como enfoque utilizar as atividades envolvendo lógica para melhoria do desempenho da disciplina de Matemática, bem como de índices da escola ao nível da Prova Brasil. As atividades elaboradas no projeto eram apresentadas para os professores da escola, para que eles selecionassem as que mais se identificavam. Após a seleção, os professores aplicavam as atividades para seus alunos, a duração da atividade era de 20 minutos e era realizada quinzenalmente. Vale ressaltar que a escola inteira parava para fazer a atividade desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental. No final do ano, a escola organizou uma Feira de Lógica, num sábado, aberto à comunidade. Os estudantes da escola deveriam elaborar jogos de lógica para que a comunidade resolvesse.

Em 2018, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Ilda Clara Sebben Barazzetti, a partir dos resultados positivos do projeto Lógica na escola, solicitou que o projeto fosse desenvolvido dentro da Instituição. O projeto durou até 2019. Em função da pandemia, em 2020, o projeto não foi submetido e, em 2021, a escola se tornou parceira em outros projetos.

Em 2020, foi um ano de mudanças, principalmente em função da pandemia. Alguns editais voltados para os institutos federais foram elaborados pela SETEC/MEC, para equipar espaços maker. A partir do Edital no 35/2020 SETEC/MEC – Apoio à criação dos laboratórios IFMaker na Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica, um grupo de professores das diferentes áreas de conhecimento (propedêutica e técnica) se reuniram para escrever uma proposta. Infelizmente, a proposta não foi aceita, mas o grupo se reuniu novamente para participar da Chamada Pública do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Edital 2/2020 – Apoio à implementação das Oficinas 4.0. Nesse projeto, com parceria de quatro empresas de Caxias do Sul e cinco escolas (três estaduais e duas municipais), tinha como missão desenvolver soluções tecnológicas para as empresas utilizando o foco da Indústria 4.0, bem como capacitar professores.

A partir do recurso desse projeto, foi possível capacitar os alunos do IFRS – *Campus Caxias do Sul* (20 estudantes) a partir das oficinas elaboradas pelo Instituto do Espírito Santo, bem como melhorar a infraestrutura do Laboratório de Fabricação. O projeto de extensão abriu novas possibilidades de pesquisa, ensino e extensão para os professores da Instituição. Além disso, o projeto ofereceu dois cursos para os professores das escolas parceiras: Desenvolvendo Projetos de Ensino Usando Modelagem 3D no Tinkercad e Pensamento Computacional em Sala de Aula.

No ano de 2021, a partir da estruturação do Laboratório de Fabricação do *Campus Caxias do Sul*, foi possível criar o projeto de extensão “Cultura Maker em Práticas Escolares da Educação Básica”, com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Ilda Clara Sebben Barazzetti, que visa a colaborar a implementação de práticas pedagógicas baseadas no movimento maker na Educação Básica.

Uma atividade desenvolvida na escola foi separada em 3 momentos e teve o envolvimento de três disciplinas: Matemática, Português e História. O primeiro consistiu na apresentação do software de modelagem 3D, Tinkercad, e posteriormente foi aplicado um estudo dirigido ensinando como construir um Pokémon por meio dele. Escolheu-se essa construção como forma de motivá-los a aprenderem a utilizar o software. Paralelamente a isso, em Português, os alunos estavam estudando a obra “Os Miseráveis” e, em História, a Revolução Francesa. No segundo momento, foi solicitado para os alunos que recriassem, no Tinkercad, uma cena do livro. Algumas criações foram castiçais, igrejas

e, até mesmo, caravelas, todas ambientadas no século XVIII. Para a finalização dessa atividade, os estudantes e professores envolvidos visitaram o IFRS – *Campus* Caxias do Sul, para que os melhores projetos fossem materializados por meio da impressão 3D.

Ainda em 2021, a partir da Chamada Pública 01/2021 – Seleção de projetos voltados à promoção da iniciação tecnológica com foco no ensino de programação aplicada foi elaborado um projeto em parceria com colegas da instituição das diferentes áreas de conhecimento, intitulado “Programação aplicada na escola pública: promovendo a iniciação tecnológica no Ensino Fundamental”. O projeto foi aprovado e tem como objetivo promover a iniciação tecnológica a partir do ensino de programação aplicada em Arduino a estudantes de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de escolas públicas estaduais das cidades de Caxias do Sul, Farroupilha e Flores da Cunha, RS, adotando como metodologias a gamificação e a aprendizagem baseada em projetos. Esse projeto iniciou-se em dezembro de 2020, com duração de 11 meses e pretende atingir por volta de 200 estudantes.

Conclusão

Neste relato quis apresentar um pouco da minha trajetória enquanto coordenadora de projetos de extensão. Outra experiência marcante, que não posso deixar de mencionar, é que fui Coordenadora de Extensão do IFRS - *Campus* Caxias do Sul, no período de 2012 a 2014, no qual pude conhecer e estudar um pouco sobre as normativas da extensão universitária. Pretendo dar continuidade aos projetos que desenvolvo e espero elaborar outros, ao longo da minha carreira dentro do IFRS - *Campus* Caxias do Sul.

A partir dessas experiências aprendi que a extensão não se faz apenas com o apoio de um ente da comunidade e sim, com o apoio de colegas da instituição. Destaco que muitos estudantes estiveram presentes durante a minha trajetória extensionista e só consegui desenvolver todas essas ações graças ao empenho e dedicação deles. Tenho muito orgulho de ser servidora de uma instituição que apoia ações como essas descritas neste relato. Por fim, saliento que toda a experiência vivida nos projetos de extensão foi muito importante para melhorar a minha prática docente, enquanto professora de Matemática.

Esperançar com a extensão

Helen Scorsatto Ortiz¹

Recebi com alegria e entusiasmo o convite para escrever esse relato, uma vez que a prática extensionista, de forma marcante, sempre fez parte do meu trabalho e fazer docente. Atuando no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Porto Alegre, ao longo da última década, submeti e coordenei mais de trinta propostas entre eventos, cursos, projetos e programas, que envolveram e atingiram centenas de pessoas. Essa prática constante tem se dado ligada às áreas temáticas da extensão de meu especial interesse, quais sejam: Cultura, Educação, Meio Ambiente, Trabalho, Direitos Humanos e Justiça. Áreas que vão ao encontro do âmbito de minha formação, em Ciências Humanas, e da minha trajetória, sobretudo junto ao campo das ações afirmativas e às parcelas mais vulneráveis da sociedade (catadores/as, povos indígenas, população negra, novos imigrantes e camadas empobrecidas). De forma geral, minhas propostas têm primado pela inclusão social, pela geração de oportunidades e pela melhoria da formação e da qualidade de vida do público atendido.

Ao longo desses dez anos, tenho igualmente contribuído como colaboradora e integrante de equipes executoras em cerca de cinquenta outras ações, concebidas por colegas que se tornaram parceiros no exercício da extensão, na busca por um protagonismo e formação integral de nossos estudantes e por uma aproximação, troca de saberes e diálogo constantes com nossa comunidade interna e externa. Afinal, como afirma Paulo Freire (1995, p. 74), a “dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador”.

Desde meu ingresso no IFRS, vislumbrei na extensão um caminho para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos envolvidos, perceber e conhecer em maior profundidade a



📌 **Figura 1.** Novos imigrantes no RS: roda de conversa com imigrantes do Senegal. **Fonte:** acervo pessoal (2017).

realidade local e a comunidade do entorno do *campus* e um meio de desenvolver ações sociais, de suscitar debates e trocas de ideias, de acolher e integrar pessoas, grupos, coletivos, associações, instituições, no intuito de produzir e difundir conhecimento científico e tecnológico e exercitar a compreensão crítica da realidade. A extensão também tem sido o espaço do sonho, da utopia, da esperança – esta entendida na acepção freiriana do verbo *esperançar* (ir atrás, construir, levar adiante) (FREIRE, 1992).

¹ Doutora em História pela PUCRS. Docente de Ciências Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Porto Alegre. E-mail: helen.ortiz@poa.ifrs.edu.br

Além disso, sempre importou sobremaneira a possibilidade de operar através das ações de extensão, a sensibilização do público para temas como acessibilidade, inclusão, direitos humanos, valorização da diferença e da diversidade, valorização das múltiplas identidades e culturas etc. Não menos importante, é o fato de poder contribuir no combate ao racismo, à desigualdade e às inúmeras formas de preconceito e discriminação.

Por meio da prática extensionista tem sido possível firmar parcerias (internas e externas), ampliar discussões de natureza diversa, propor e amparar projetos sociais e acolher diferentes demandas da comunidade de abrangência do *campus* – indo ao encontro do que preconiza a atual política extensionista do IFRS. Algumas das demandas já atendidas se efetivaram no curso básico de informática para catadores da região metropolitana de Porto Alegre, no curso de dicção e oratória para mulheres catadoras, no I Seminário da Coleta Seletiva Solidária, nos eventos envolvendo quilombos e quilombolas, o legado de Frantz Fanon, a questão indígena etc.

Desde 2016, ininterruptamente, com as turmas do Projeto Pré-Vestibular Popular (PVP) Dandara dos Palmares temos também atendido demanda comunitária que intenciona viabilizar e ampliar o acesso da população egressa de escola pública, em especial da população negra e da população de baixa renda, ao ensino superior gratuito. Já foram mais de 250 estudantes atendidos e é significativo o número daqueles que ingressaram em universidades públicas e institutos federais, nos seus mais variados cursos. Os tempos de pandemia e a dinâmica do ensino remoto acrescentaram desafios ainda maiores para manter a permanência dos estudantes, a qualidade das aulas, os professores voluntários e o



📌 **Figura 2.** I Seminário da Coleta Seletiva Solidária: uma tecnologia social inclusiva. Fonte: acervo pessoal (2018).



📌 **Figura 3.** I Estudantes e professores do Pré-Vestibular Popular Dandara dos Palmares, no IFRS Campus Porto Alegre. Fonte: acervo pessoal (2019).



📌 **Figura 4.** Oficina de alimentação saudável para crianças, durante a 5ª Feira de Trocas Solidárias – IFRS - Campus Porto Alegre. Fonte: acervo pessoal (2017).

projeto como um todo. Contudo, em 2020, nossos estudantes se sentiram confortáveis ao participar de provas/exames, e o projeto segue sendo espaço de acolhida, para além do aprendizado teórico.

A seguir, reproduzo depoimento de um de nossos estudantes, colhido em 2021:

Eu escolhi o Dandara (e, felizmente, consegui ser aceito), pois procurava um lugar onde eu me sentisse acolhido, respeitado e encontrasse pessoas com quem eu me identificasse. A experiência de estudar no Dandara tem sido uma grande vivência para mim, principalmente, pelas aulas irem além da simples apresentação dos conteúdos, há também reflexões e debates muito enriquecedores sobre os mais diversos assuntos que nos cercam quanto sociedade. Desde 2014, eu venho tentando conseguir uma vaga na universidade pública para realizar o meu sonho de cursar medicina e nunca antes eu havia feito um "cursinho" e estou muito contente e otimista com os resultados que estou alcançando. Não está sendo fácil, existem muitas dificuldades a serem superadas ainda, mas o Dandara tem me ajudado muito a tornar essa caminhada menos dolorosa. (L.C.S., 2021)

Além do PVP Dandara dos Palmares, que está em seu sexto ano, desenvolvi/desenvolvo outras ações com caráter longitudinal. Nesse sentido, destaca-se a Feira de Trocas Solidárias, que trouxe a oportunidade dos participantes vivenciarem no *campus* uma experiência comercial – sem uso da moeda oficial brasileira – que substitui as ideias de lucro, acumulação e competição pelas de solidariedade e cooperação. Idealizada em 2011 na forma de evento, e com sucessivas edições exitosas, a Feira foi crescendo em número de integrantes, de parceiros, de atividades, de produtos, de saberes e de serviços trocados. Em 2016, em sua 4ª edição, foi apresentada no Salão de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo recebido prêmio destaque.²

Modificada e aprimorada constantemente, com o passar do tempo a experiência da Feira de Trocas passou a requerer um novo formato de trabalho, com maior abrangência e duração. Foi então que, em 2019, o que era um evento tornou-se um projeto indissociável de pesquisa, ensino e extensão. É formidável experimentar o amadurecimento e expansão de uma ideia e da prática extensionista, agregando maiores parcerias e resultados. Em 2021, a Feira atravessou fronteiras e foi citada na obra do escritor português Armando Garcia, que publicou e disponibilizou dois volumes sobre “Moedas Comunitárias do Brasil (1962-2020)”. Nela, Garcia menciona a moeda social - IF Sol - criada especialmente para circular nas nossas edições da Feira de Trocas, no IFRS – *Campus* Porto Alegre.



⬆ **Figura 5.** Moeda social criada para a Feira de Trocas Solidárias - IFRS - *Campus* Porto Alegre. **Fonte:** acervo pessoal (2019).

² Notícia disponível em: <https://www.poa.ifrs.edu.br/index.php/ultimas-noticias/noticias-principais/evento-feira-de-trocas-solidarias-do-campus-recebe-destaque-no-salao-de-extensao-da-ufrgs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Ao longo dos últimos anos, tem sido desafiador, laborioso e prazeroso conceber e executar atividades de extensão no IFRS, aproximando pessoas, ideias, projetos, valorizando e construindo saberes que possam contribuir para a superação das desigualdades, para maior inclusão, e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática – o que se faz ainda mais necessária nesses tempos de avanço das pautas reacionárias.

Acredito que a prática extensionista nos provoca a romper com a fragmentação do conhecimento, a tecer vínculos sociais mais profundos com a comunidade e a construir com ela um diálogo permanente, visando a maior transformação social. Por tudo isso, a extensão é dimensão imprescindível do processo educativo/formativo de nossos estudantes e de nossa comunidade em geral; é potente para problematizar e modificar não só o currículo, mas a realidade como um todo.

Referências

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GARCIA, Armando. **Moedas comunitárias do Brasil (1962-2020)**. Disponível em: https://pt.calameo.com/accounts/991763?fbclid=IwAR3omF9-FNyYsGHpDnXqkXsG1AQ8FFK2z4EdprK0KlsWrC2P_uEL-LUNygD8. Acesso em: 19 nov. 2021.

Percepções acerca da experiência extensionista com arte no IFRS¹

Viviane Diehl,² Lilian Cordeiro Xavier Cordeiro,³ Maria Júlia Hünning Ehlert e⁴ Márcia Regina Becker⁵

Resumo

Este artigo traz as experiências de ações extensionistas em diversos projetos na área de arte, demonstrando as potencialidades formativas do fazer estético. Através do relato de alguns participantes é possível vislumbrar a capacidade do fazer artístico em movimentar conhecimentos e afetos, intercambiando culturas e saberes de modo a reordenar e produzir novos conhecimentos. A experimentação dos materiais e o ato criativo, quando se dá em relação com o outro, ampliam a compreensão de pertencimento a um coletivo, fazendo com que a instituição se efetive de modo significativo na comunidade de seu entorno. Portanto, a arte é imprescindível no contexto extensionista, principalmente em uma instituição de formação profissional, pois contribui para a ampliação da sensibilidade, tornando-nos mais humanos e ampliando as dimensões educativas do IFRS.

Palavras-chave: Arte. Extensão. Comunidade.

Introdução

A arte, como aquilo que nos proporciona experiências, reflexões e conhecimento – fatores inerentes a um campo que propõe a expressão – é capaz de promover vislumbres de potencialidades desde os lugares diversos que habitamos. Essas oportunidades são exploradas no cotidiano das ações extensionistas que temos realizado no IFRS, por meio dos projetos que trazem a arte para a centralidade na educação e na vida, especialmente nesse período em que estamos vivenciando uma pandemia mundial.

Esta escrita, portanto, pretende trazer o relato das experiências de alguns projetos de extensão⁶ que perpassam a arte, a cerâmica, a cultura e a educação, promovendo proposições estético-pedagógicas

¹ Parte deste texto compõe o capítulo final do livro “Educação propositora: experiências de educadorartistas” (DIEHL, 2020).

² Doutora em Educação pela UFSM. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Feliz. E-mail: viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br

³ Mestre em Educação pela UPF. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Vacaria. E-mail: lilian.cordeiro@vacaria.ifrs.edu.br

⁴ Acadêmica do curso de Licenciatura em Química IFRS, Campus Feliz. Bolsista PAIEX/IFRS. E-mail: mariahunning@gmail.com

⁵ Mestre em Educação pela UNISINOS. Assessora pedagógica na EMEF Cônego Alberto Schwade, município de Feliz. E-mail: marciareginabecker@gmail.com

⁶ Projetos contemplados com fomento PIBEX E PAIEX, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

(DIEHL, 2020), cujas vivências teóricas e práticas, técnicas e artísticas geraram experiências criativas, inventivas e singulares, que repercutiram da prática indissociada, no IFRS, *Campus Feliz* e extensionista no *Campus Vacaria*, e passaram a habitar o contexto sociocultural.

Nesse conjunto de projetos extensionistas, a proposição estético-pedagógica, constituída como um lugar de liberdade para experimentações e reflexões, provocou a criação inventiva, a prática e a produção de fazeres e saberes com os envolvidos, como um convite a atribuírem e ampliarem significados e sentidos do vivido, no entre-lugar intercultural habitado pela arte (BHABHA, 2013). Nas oficinas, laboratórios, ateliês e exposições, a experiência aconteceu como um encontro, através da soma das vivências pessoais com as referências culturais e sociais, instigadas pela experimentação, movimentando processos sensíveis, éticos, críticos, estéticos, cooperativos, criadores e inventivos na produção de saberes (RICHTER, 2013). O caráter pedagógico se deu com o comprometimento e a liberdade para movimentar as aprendizagens significativas com os sujeitos: estudantes, docentes, colaboradores, comunidade e alunos bolsistas.

Desenvolvimento

Nos projetos de extensão que desenvolvemos como docentes da área, a Arte tem um papel central como desencadeadora de ações interculturais que ampliam a experiência estética e contribuem para o desenvolvimento coletivo, aproximando o IFRS da sociedade, através de oficinas, exposições, eventos, cursos, formações, intervenções, palestras, publicações e tantas outras ações que dão visibilidade à Instituição.

Em 2013, aconteceu a nossa primeira ação extensionista, evento que fomentou a cerâmica artística no IFRS – *Campus Feliz*, cujo arranjo produtivo local se volta à essa produção em nível industrial. A partir desse acontecimento, desencadearam-se muitas outras propostas que têm sido ampliadas, qualificadas e desenvolvidas ao longo de oito anos, fazendo com que se constituísse um fluxo dinâmico, pois em contínuo movimento, gerando outros modos extensionistas além de parcerias intercampi com projetos dentro da área de arte⁷.

Uma das ações mais conhecidas é o projeto “Ceramicando”, iniciado em 2014 com a finalidade de trazer à tona os modos de ver e pensar a cerâmica artística e suas potencialidades na região do Rio Caí. O objetivo foi proporcionar aos participantes de todas as idades a aproximação com a cerâmica no espaço das escolas e para além delas, inspirando os fazeres com metodologias alternativas que produzem conhecimento (FRIGOLA, 2006), resultando em uma experiência estética singular.

Compartilhar e colocar em visibilidade a arte cerâmica é proporcionar experiências sensíveis, criadoras e relacionais, como observamos nos relatos a seguir:

Primeiro porque há o encantamento e o domínio por parte de quem ensina e em segundo lugar as crianças são instigadas a construir seus próprios processos criadores e de autoria. Este é um aspecto muito importante nesse projeto. Até hoje, todas as turmas que inscrevi no projeto da professora Viviane foram instigadas pela continuação do uso de argila como matéria prima em suas criações e como algo para explorar e investigar. A cada findar de oficina as crianças já vão interrogando: “quando vamos fazer de novo profe?” Eu costumo sempre ter argila na sala porque acredito muito na continuidade. (Depoimento da professora de Educação Infantil Márcia Regina Becker, 2021)

⁷ Parceria com o projeto de extensão Artíf do Campus Ibirubá em 2015 e 2016.

“Mãe, hoje veio uma amiga sua lá na escola sabia?” [...] “Ela é uma artista, mãe”, ela disse que, que aí tu... tu trouxe um livro, que tinha um livro com um cavalo [...] E daí ela, ela disse que todos nós, ela disse... ela falou uma hora que todo mundo ia ser artista, [...]. Aí disse que tu trouxe uma caixinha com passarinho e que vocês iam fazer outro dia também, que tu ia vim e trazer a argila pra eles trabalharem, pra fazer o que quiserem. Tava faceira que só, a menininha. (Depoimento da mãe da aluna do Jardim, relatando a experiência na oficina, 2021)

A arte opera nos projetos extensionistas convocando a um diálogo com a educação no seu viés intercultural, pois, ao mesmo tempo em que movimenta subjetividades, evoca uma compreensão constituída dos saberes trazidos por cada um e os funda em conhecimento pelas relações estabelecidas no espaço do fazer em arte conjunto. As relações formativas estéticas promovem, portanto, uma perspectiva inventiva e criadora, tanto na participação de cada sujeito, quanto coletivamente, oportunizando o desenvolvimento das potencialidades dos envolvidos.

As demandas da comunidade das regiões onde executamos os projetos instigam a criação de um entre-lugar intercultural através da cerâmica e demais processos artísticos, além de movimentar o conhecimento sobre as etnias afro-brasileira e dos povos originários, respectivamente os iorubá e os guarani, presentes no Rio Grande do Sul (LA SÁLVIA; BROCHADO, 1989; MUSEU, 2018), bem como o artesanato com fios, decorrente das etnias europeias colonizadoras do nosso estado. Nesse sentido, em colaboração com os professores da comunidade, a inclusão das relações étnico-raciais, abarca conteúdos transdisciplinares, especialmente no que tange a implementação da Lei N° 11.645 (BRASIL, 2008), evidenciando de forma crítica o lugar de cada raiz étnica em nossa formação.

Em 2017, surgiu a demanda para ampliarmos as ações para além da área da cerâmica, explorando o campo da arte e suas linguagens, então, iniciamos o projeto “Artistando” para problematizar aspectos da arte, do artesanato e do design, por meio de ações que instigassem o processo de criação e produção. As propostas da arte envolveram, então, abordagens transversais, interculturais, étnicas, sustentabilidade, nas diversas oficinas como dança, desenho, *ecoprint*, customização, bordado⁸. Entre as



📌 **Figura 1.** Oficinas do projeto Ceramicando com a Educação Básica abordando a temática Guarani e Bichos de artista.

Fonte: acervo do projeto (2019).



📌 **Figura 2.** Oficinas do projeto Ceramicando com a Educação Básica abordando a temática Guarani e Bichos de artista.

Fonte: acervo do projeto (2021).

⁸ O projeto mais recente “Arte, cerâmica e cultura”, na segunda edição, que surgiu durante a pandemia foi reavaliado e trouxe outros modos para ser efetivado no contexto virtual, mobilizando parcerias com uma equipe de curadores interinstitucionais para buscar o reconhecimento da produção contemporânea de arte cerâmica no sul do Brasil.



📌 **Figura 3.** Oficinas de estamparia e de bordado com a comunidade. Fonte: acervo do projeto (2019).



📌 **Figura 4.** Oficinas de estamparia e de bordado com a comunidade. Fonte: acervo do projeto (2019).

colaboradoras, Renata Arnhold, professora da Educação Básica e aluna egressa do nosso *campus*, afirma que as atividades do projeto enriquecem muito a sua aula “principalmente dentro de história e geografia, onde eu tenho desenvolvido com os alunos o estudo de várias temáticas, principalmente ligadas às questões étnicas raciais”. Para ela os projetos são fantásticos, “porque eles ilustram aquilo que eu trabalho no livro, e eles, os alunos tem a possibilidade, então, de fazer essa experiência de experimentar”.

Nessas ações de extensão, os processos se relacionam de modo cooperado e integrado, através das demandas identificadas pela comunidade e pelos estudantes bolsistas. Estes, imprescindíveis para a execução dos projetos (até o momento tivemos mais de 30 bolsistas) e, além disso, encontram espaço para desenvolver a própria criatividade, a sensibilidade e a integração com a comunidade para uma formação integral, que terá reflexos pessoais e profissionais.

Eu, Maria Julia, conheci a extensão quando fazia o ensino médio no IFRS - *Campus* Feliz, no ano de 2016, eu era muito jovem ainda, conhecia pouco do que o IFRS tinha para oferecer, pois eu estava apenas no segundo ano do ensino médio integrado, cursava Técnico em Química, quando tive a oportunidade de poder fazer parte como bolsista de um projeto extensionista. Confesso que não fazia ideia do que era isso, mas aos poucos eu fui compreendendo o importantíssimo papel que os projetos de extensão tem nas comunidades onde atuam e não menos importante, para os estudantes bolsistas. Não tenho como mensurar tamanho aprendizado, vínculos de amizade e companheirismo foram criados com outros bolsistas e com a coordenadora dos projetos Viviane, conheci lugares incríveis como a cidade de Osório no Rio Grande do Sul; Natal, no Rio Grande do Norte; Florianópolis, em Santa Catarina apresentando o projeto em eventos (Figura 5), conversei com milhares de pessoas que queriam conhecer a arte que havíamos produzido em comunidade, porque a minha participação não ficou somente em um projeto foram quatro anos, como bolsista e voluntária, centenas de horas dedicadas a oficinas, apresentações de trabalho e exposições. Terminei o ensino médio e ingressei na graduação, no mesmo IFRS que me proporcionou conhecer pessoas, trabalhar com a comunidade e me fez perceber a partir das oficinas com jovens e adolescente de escolas da região, que era essa a profissão que eu queria, mas agora como professora, escolhi ser professora de química, porque nestes anos de bolsista aprendi que a química e arte somam juntas um conhecimento plural e significativo, o qual tive a oportunidade de contribuir, auxiliando nos processos onde a química se fazia necessária. Ser bolsista de extensão é uma experiência incrível, foi de extrema importância para

a minha formação, como aluna, pois aprendi a escrever utilizando o padrão acadêmico, como me comunicar em uma apresentação de trabalho, fora todas as questões de responsabilidade, leitura e construção coletiva do conhecimento, e o mais importante, explicar onde a química estava nesse processo e como ser humano, que se preocupa com as necessidades do outro, da comunidade, do lugar em que vive e que está disposto a trabalhar para emancipar realidades utilizando, no meu caso, da cultura, da arte e da química aplicadas na extensão para realizar tais feitos. (Depoimento, 2021)

Conclusão

Sendo assim, o contexto indissociado das ações extensionistas habitado pela arte proporciona singularidades de sentir, pensar e fazer, em um movimento de interações perceptivas, experimentais, criativas e participativas, para desaprender as obviedades institucionalizadas e provocar reflexões acerca das responsabilidades educativas e sociais que devemos assumir como propositores das ações. Além disso, mobilizar aproximações entre arte e cultura produz experiências estético-educativas e contribui para o desenvolvimento coletivo de forma ampliada, em uma aproximação com as diretrizes da nossa instituição e com a formação cidadã para o mundo do trabalho.



↑ **Figura 5.** Maria Julia à direita e Luana Gobatto, bolsistas do Projeto extensionista Artistando, apresentando trabalho na 9ª MOEXP do IFRS - Campus Osório **Fonte:** acervo do projeto (2019).

Referências

- BHABHA, H. (2013). **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG
- DIEHL, Viviane. **Educação propositora: experiências de educadorartistas**. Curitiba: CRV, 2020, v.1. p.112. Ebook: <https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/224>.
- FRIGOLA, D. R. **Cerâmica Artística**. Lisboa: Estampa, 2006.
- BRASIL, (2008). Lei 11.645 de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 03 mar. 2016.
- LA SÁLVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.
- MUSEU** de percurso do negro em Porto Alegre. Disponível em: <<http://museudepercursodonegroem-portoalegre.blogspot.com.br/>>. Acesso em 28 fev. 2018.
- RICHTER, I. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

A trajetória do Projeto de Extensão OfCine no IFRS – Campus Rio Grande: produção cinematográfica, arte e cultura¹

Raquel Andrade Ferreira²

Resumo

O projeto OfCine surge como instrumento de formação e capacitação na área do audiovisual, a fim de fomentar a produção cinematográfica na cidade de Rio Grande. Por meio de um conjunto de oficinas oferecidas a diferentes públicos da cidade são fornecidas as bases teóricas e práticas vinculadas a todas as categorias que envolvem a produção fílmica. A partir do sucesso da primeira edição, em 2016, surgiu a necessidade de criar um espaço para exibir e debater sobre os curtas-metragens realizados nas oficinas. Dessa forma, consolida-se a Mostra de Cinema, cujo objetivo é estimular a popularização da produção de filmes e a integração entre os setores culturais na cidade, garantindo o direito à arte e à cultura.

Palavras-chave: Cinema e audiovisual. Produção cinematográfica. Mostra de Cinema. Arte.

Introdução

O Projeto OfCine-IFRS constitui um conjunto de ações de pesquisa, ensino e extensão do IFRS – Campus Rio Grande, realizadas no âmbito da linguagem audiovisual e da produção de curtas-metragens latino-americanos entre os anos de 2016 e 2020. Atendendo a uma demanda local, a primeira ação iniciou-se em 2016, com o Projeto de Extensão OfCine IFRS (Oficinas de Cinema do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Rio Grande),

¹ Projeto de Extensão Oficinas de Cinema OfCine-IFRS, 2016-2020. O projeto recebe auxílio financeiro institucional e bolsista por meio de editais do Programa de Apoio Institucional à Extensão (Paix) e Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex).

² Doutora em Artes Visuais. Docente EBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Rio Grande. E-mail: raquel.ferreira@riogrande.ifrs.edu.br

atividade integrada ao grupo de pesquisa Humanizar o Humano: Arte, Corpo, Linguagens e Meio Ambiente – IFRS/CNPq), gratuita e aberta à comunidade com o objetivo de fomentar produções audiovisuais na cidade por meio do fornecimento de bases teóricas e práticas correspondentes a todos os setores da produção fílmica, numa perspectiva crítica frente à linguagem cinematográfica. Com o intuito de exibir publicamente os curtas-metragens produzidos durante as oficinas, criou-se a primeira Mostra de Cinema Indie IFRS – *Campus* Rio Grande, que posteriormente incorporou às suas atividades a exibição de curtas-metragens nacionais selecionados pela curadoria do evento.

A trajetória

Atualmente, o município de Rio Grande encontra-se em processo de renascimento cultural que faz emergir novas demandas que requerem respostas institucionais, como ofertas de cursos, oficinas que promovam a transferência de conhecimentos específicos para a formação e a capacitação de um público posicionado na cadeia produtiva artística e cultural local. O *Campus* Rio Grande, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, atende às demandas municipais em consonância com seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que tem como compromisso assegurar a relação entre o instituto e a sociedade, vinculado ao tema estratégico cultural, quanto à tecnologia e à inovação. O PDI prevê a eficácia nas respostas de formação profissional, difusão do conhecimento científico e tecnológico, e suporte aos arranjos produtivos, sociais e culturais, locais e nacionais.

O projeto OfCine-IFRS surge como importante instrumento de desenvolvimento de saberes no campo do audiovisual frente ao presente contexto cultural da cidade de Rio Grande e tem como propósito capacitar as pessoas a desenvolverem a linguagem cinematográfica visando ao incentivo na realização de produtos audiovisuais independentes, que envolvam habilidades perceptivas singulares e reflexivas.

De modo a cumprir esses objetivos, elaborou-se um curso capaz de consolidar o ensino da linguagem cinematográfica e as técnicas de produção para filmes. As aulas são ministradas respeitando uma sequência de dois momentos: reflexão/apropriação e aplicação. Primeiro, os alunos são apresentados aos conceitos específicos da linguagem audiovisual de maneira crítica para, logo em seguida, exercitar na prática os conhecimentos adquiridos.

A metodologia do curso dispõe de dois módulos: conceitos introdutórios e metodologia de produção. Tem carga horária de 180 horas divididas igualmente em aulas práticas e teóricas. Os encontros se dão em dois módulos divididos em linguagem cinematográfica e produção fílmica. Busca-se estabelecer uma visão panorâmica dos conceitos imbricados na construção de produtos cinematográficos nas diferentes áreas de atuação que compõem uma produção fílmica, como roteiro, direção de cena, produção, direção de fotografia, direção de arte, direção de som, montagem e história do cinema.

Para o aperfeiçoamento das técnicas, os alunos são submetidos a produções coletivas de minimetragens e curtas-metragens. O filme “é um produto fabricado por pessoas e máquinas. Fazer um filme é, ao mesmo tempo, fabricar um objeto e utilizá-lo como meio de expressão pessoal e propagação de ideias” (MARQUES, 2007, p. 57). Portanto, o conhecimento da linguagem cinematográfica é adquirido nas experiências em que o aluno consegue consolidar uma estrutura profissional a partir de suas produções independentes. Essas obras cinematográficas demandam recursos humanos e tecnológicos que podem ser supridos com orientação de profissionais convidados e reconhecidos na área, externos ao IFRS. Ao final, as produções realizadas nas oficinas são apresentadas nas Mostras de Cinema OfCine.

Resultados

Em sua primeira edição, em 2016, a Oficina de Cinema OfCine realizou sua primeira Mostra de Cinema, no anfiteatro do IFRS, com o objetivo de exibir ao público as produções das oficinas. No final das exibições, uma cerimônia de encerramento certificou 11 alunos formados naquele ano. A mostra contou com público aproximado de 70 pessoas, na sua maioria alunos da instituição. Dentre os principais resultados desse ano destaca-se o aluno Gianluca Cozza, cuja primeira experiência na produção cinematográfica se deu por meio da oficina. Atualmente acadêmico do curso de cinema da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, dirigiu e roteirizou o curta-metragem *Um lugar ao sul* (2018), que recebeu menção honrosa no Festival de Brasília desse mesmo ano e em outros eventos de igual importância.

A segunda edição do Projeto Oficina de Cinema, em 2017, seguiu a proposta inicial, porém com número ampliado de matrículas. Nessa edição tivemos 40 alunos, divididos em duas turmas. Ao final do ano, como conclusão, foram produzidos dois curtas-metragens. A

produção dos filmes contou também com participantes externos ao instituto, colaboradores da FURG e UFPEL. A II Mostra de Cinema OfCine teve o intuito de promover a formação e a qualificação dos formandos com uma mesa-redonda da qual participaram como convidados profissionais do audiovisual e cuja temática foi o cinema brasileiro. Essa edição estimou um público de aproximadamente 100 pessoas.

Em 2018, foram produzidos três curtas-metragens e certificados 42 alunos. O projeto teve o apoio de instituições parceiras, como FURG, UFPEL, Secretaria Municipal de Cultura de Rio Grande – SeCult e de 26 voluntários para a realização dessas produções, em sua maioria ex-alunos da oficina. Visando atender à demanda de formação continuada dos alunos oriundos das oficinas, bem como de alunos



↑ **Figura 1.** Registro da primeira oficina de cinema no Campus Rio Grande. Ministrante: Lucas de La Rocha.
Fonte: acervo do projeto (2016).



↑ **Figura 2.** Registro da produção do curta-metragem *Receptor*, de Emmanoel Ximendes. Fotografia: Gianluca Cozza
Fonte: acervo do projeto (2017).

de outras instituições de ensino superior, a Mostra de Cinema OfCine integra às suas atividades a primeira edição do Cinemário – Seminário de Cinema para a discussão e formação audiovisual, dando origem à III Mostra de Cinema OfCine & I Cinemário. Durante os dois dias de evento, houve a participação de aproximadamente 600 pessoas em mostras, mesas, palestras e *workshops*. Todas as atividades são oferecidas gratuitamente, com o intuito de fomentar e popularizar produções audiovisuais, enriquecendo a cultura cinematográfica na cidade de Rio Grande. Concomitantemente a essas atividades, surgiu o Projeto Cine Clube – OfCine-IFRS (2018), funcionando como espaço de projeção de curtas-metragens, direcionado para a comunidade interna e externa da instituição (IFRS – *Campus* Rio Grande), cujo objetivo é o debate e a reflexão sobre a linguagem cinematográfica no desenvolvimento do pensamento crítico a partir de temáticas apresentadas nos curtas.

Posteriormente, em 2019, as oficinas aconteceram com um público de 54 alunos certificados e a produção de três curtas-metragens. Nessa edição houve a 1ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, havendo a internacionalização das atividades, destacando a produção audiovisual e o formato curta-metragem da região com foco na produção uruguaia, por meio da exibição de produções e da presença de realizadores da área, dando oportunidade aos alunos das oficinas de intercâmbio com artistas e realizadores internacionais. O evento manteve as mesmas parcerias de edições anteriores e, de forma gratuita e sem fins lucrativos, mobilizou aproximadamente 800 pessoas.

Em 2020, devido à pandemia de covid-19, novos desafios foram impostos para a realização das oficinas de cinema e da 2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande, com a readequação da mostra para um formato híbrido. Realizamos o primeiro cine drive-in na cidade, a fim de suprir uma tradição de exibições ao ar livre que já vinha acontecendo anteriormente. Na sequência, ocorreu uma programação virtual com a apresentação de 12 filmes.

Em função de ser um ano atípico, a mostra abriu a possibilidade de aglutinar à sua programação projetos de cinema e audiovisual realizados por parceiros latino-americanos, como a Fresta-FURG, no Brasil, o Festival Internacional de Cine y Video Verde de Venezuela – Festiverd; Projeto Vídeo Entre-Linhas – UFSM, Brasil, Curtas do Fim do Mundo – Seleção da Tierra del Fuego Film Commission



📍 **Figura 3.** III Mostra de Cinema OfCine & I Cinemário.

Fonte: Adryan Copello (2018).



📍 **Figura 4.** 1ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande. Fotografia: Adryan Copello.

Fonte: acervo do projeto (2019).



📍 **Figura 5.** 2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande. Fotografia: Cláudia Feltrin. Fonte: acervo do projeto (2020).

e do Departamento Provincial de Desenvolvimento Audiovisual da Secretaria da Cultura de Ushuaia, Argentina, Festival Internacional de Cortometrajes sobre Diversidad, Argentina, CineVersatil.

Considerações finais

Ao longo de suas edições, destacamos que o Projeto de Extensão OfCine vem cumprindo seus objetivos, promovendo o acesso à formação para a produção audiovisual e dando visibilidade às produções desenvolvidas nas oficinas, bem como estimulando a atuação cultural dos alunos egressos na cena local, nacional e internacional. Além disso, promove a integração com a comunidade ao oferecer exibições públicas ao ar livre dos curtas-metragens, em sessões realizadas pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Rio Grande (IFRS).

Ademais, tais conhecimentos técnicos têm grande potencial de propagação, permitindo a abertura de novas oportunidades profissionais, bem como a criação de grupos que ativarão a produção audiovisual de natureza artística ou publicitária, fomentando uma nova etapa para as artes no município.

Referências

MARQUES, AÍDA. **Ideias em movimento**: produzindo e realizando filmes no Brasil. São Paulo: Rocco, 2007.

MOLETTA, Alex. **Criação de curtas-metragens em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS. **Plano de desenvolvimento institucional 2019-2023**. Bento Gonçalves: [s.n.], 2018. Disponível em: <<https://ifrs.edu.br/pdi-2019-2023/>>. Acesso em: fev. 2022.

Ações de Extensão com Imigrantes e Refugiados

Minéia Frezza¹

Introdução

Fazer extensão significa “trabalhar em conjunto”. Ninguém faz extensão sozinho. Este breve relato tem o objetivo de sustentar essa tese a partir da apresentação de algumas ações com as quais me envolvi enquanto extensionista. Em especial, destacarei ações realizadas com imigrantes e refugiados residentes no Rio Grande do Sul.

Antes disso, no entanto, resalto a importância de ter iniciado a prática como extensionista durante a minha formação docente. Enquanto estudante de Letras Português/Inglês, mestranda e doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), fui contagiada pela política de extensão da instituição, que preza por uma atuação orientada às demandas sociais, internas e externas, incentivando também o aprendizado contínuo e a atuação solidária. Na UNISINOS tive oportunidades de trabalhar com ofertas de oficinas abertas ao público externo sobre a Análise da Conversa, perspectiva teórico-metodológica com a qual desenvolvi pesquisas, orientada pela Professora Dra. Ana Cristina Ostermann. Mais tarde, em parceria com colegas e com minha orientadora, tive o privilégio de ministrar oficinas para profissionais da saúde sobre a fala-em-interação, compartilhando resultados das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas na instituição.

Quando cheguei no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), em 2019, já estava ciente de que a extensão é um dos tripés que estrutura a instituição. A nossa Política de Extensão (CONSUP/IFRS, 2017) a define como:

um processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre as instituições, os segmentos sociais e o mundo do trabalho, com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, visando ao desenvolvimento socioeconômico, ambiental e cultural sustentável, local e regional.

Com base nessa política, só poderemos contribuir com a extensão se conhecermos a comunidade em que estamos inseridos/as. Assim começa o trabalho em conjunto. O caminho para iniciar qualquer projeto dessa natureza passa pela realização de uma pesquisa de demanda para compreender o que a comunidade precisa e como a nossa instituição pode se organizar para atendê-la. Portanto, desde a concepção de qualquer projeto, servidoras/es e discentes devem manter um contato direto com o público-alvo dos projetos de extensão. Outro caminho possível ocorre quando a própria comunidade busca a instituição, demandando a oferta de determinadas ações. Nesse sentido, o IFRS tem recebido diversas demandas de imigrantes e refugiados para oferta de ações, especialmente de cursos de língua portuguesa, devido à localização de alguns *campi*, como Bento Gonçalves, convergir

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Unisinos. Docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Farroupilha. E-mail: mineia.frezza@farroupilha.ifrs.edu.br

com locais onde há números expressivos de imigrantes advindos primordialmente do Haiti, Senegal e Venezuela, em busca de trabalho. Outro motivo que faz do IFRS um local de busca do público imigrante refere-se ao histórico que a instituição tem de oferta de ações voltadas a essa população.

Desenvolvimento

Em 2019, quando entrei no IFRS *Campus* Farroupilha, já conhecia o trabalho da Professora Carina Fior Postingher Balzan, desenvolvido no IFRS *Campus* Bento Gonçalves, onde são ministrados cursos de extensão de língua portuguesa voltados para imigrantes e refugiados desde 2013. Sabendo da existência de um alto número de imigrantes residentes em Garibaldi, onde a oferta de cursos gratuitos de Língua Portuguesa era inexistente, no início de 2019, o *Campus* Bento Gonçalves fez uma parceria com a Secretaria de Educação de Garibaldi, organizando a oferta de uma turma do Curso de Extensão “Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados”. Trabalhei nessa oferta como ministrante do curso, tendo o apoio da Professora Carina Fior Postingher Balzan para o desenvolvimento das atividades. As aulas aconteceram no segundo semestre de 2019 e contaram com a participação de 25 imigrantes haitianos e senegaleses.

A partir da participação nesse projeto, percebemos que precisávamos trabalhar mais com o desenvolvimento de materiais didáticos de Português como Língua de Acolhimento² (doravante PLAc) que, de fato, atendessem às necessidades dos imigrantes. Assim, no ano de 2020, participamos do Edital IFRS nº 15/2020 de Apoio a Projetos Indissociáveis de Pesquisa com o projeto “O português brasileiro falado na Serra Gaúcha como língua de acolhimento para imigrantes”, o qual pretendia, a partir de entrevistas realizadas com imigrantes residentes no Rio Grande do Sul, elencar as instituições e os contextos interacionais mais relevantes para essa população. Com essa informação, poderíamos realizar gravações de interações naturalísticas nos locais elencados pelos participantes das entrevistas, as quais subsidiariam a produção de materiais didáticos de PLAc adequados às suas demandas. Os materiais didáticos desenvolvidos com os dados da pesquisa seriam utilizados no Projeto de Extensão Língua Portuguesa para imigrantes e refugiados, ofertado pelo IFRS – *Campus* Bento Gonçalves.

No entanto, com a eclosão da pandemia de covid-19 no Brasil em meados de março de 2020, realizamos somente as entrevistas com os imigrantes, cujo resultado pode ser consultado no artigo “O primeiro sofrimento que os imigrantes passam é de não entender nada da língua”: em busca do português brasileiro como língua de acolhimento para imigrantes” (CAVINATO; GALLINA; FREZZA, 2021). Outra ação do projeto foi a oferta de uma oficina denominada “Princípios de acolhimento e integração de refugiados e imigrantes no Brasil”, realizada no PEnsE – 6ª Jornada Científica, Tecnológica e Cultural do IFRS *Campus* Farroupilha. Com a participação de dois senegaleses, Serigne Khassim Mbaye e Cher Cheikh, e dois haitianos Enselot Joachin e Jonel Pierre, obtivemos importantes discussões sobre como os diversos desafios em relação ao acolhimento e integração dessa população excede as barreiras linguísticas. Com base nas discussões suscitadas nesse evento, as bolsistas e os estudantes voluntários do projeto, em parceria com o NEABI do *Campus* Farroupilha, desenvolveram materiais com a temática de acolhimento e integração de refugiados e imigrantes no Brasil, que foram divulgados pelo Facebook institucional do IFRS *Campus* Farroupilha³.

² Grosso (2010, p. 68) define língua de acolhimento como aquela destinada ao “público-adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, [sendo que] o uso da língua estará ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo. (GROSSO, 2010, p. 68)

³ A série de postagens pode ser acessada por meio dos seguintes links:
<https://www.facebook.com/IFRSfarroupilha/photos/a.185359771567570/3148248651945319/>

Ressalta-se que o projeto Indissociável “O português brasileiro falado na Serra Gaúcha como língua de acolhimento para imigrantes” só foi exequível porque realizou-se como uma proposta de trabalho em conjunto. As estudantes Marina Alves Cavinato e Eduarda Portella atuaram como bolsistas, Isabelle Vogt Biasio e Mateus Gabriel Cabral Bezerra, como estudantes voluntários, as professoras Mônica de Souza Chissini, Lucilene Bender de Sousa, Carina Fior Postingher Balzan, Diane Blank Bencke, Ana Cristina Ostermann, Márcia Del Corona e Graziela Hoerbe Andrighetti, como colaboradoras. Portanto, cada participante contribuiu de forma fundamental para que o projeto tomasse forma.

Como a próxima etapa do projeto seria a saída a campo para a gravação das interações naturalísticas que subsidiariam o material didático, de modo a respeitar os protocolos de distanciamento social utilizados como medida para enfrentar a pandemia de covid-19, suspendemos as atividades do projeto durante o ano de 2021. Pretendemos retomar esse projeto assim que as condições sanitárias relacionadas à pandemia permitirem.

Ademais, devido à suspensão das atividades presenciais, os cursos de língua portuguesa para imigrantes e refugiados também foram suspensos. No entanto, recebíamos contatos telefônicos constantes feitos por imigrantes solicitando a realização de novas ofertas de cursos de língua portuguesa. Assim, no início de 2021, participamos do Edital IFRS nº 57/2020 com a proposta do Programa de Extensão “Língua e cultura como ferramentas para acolher e integrar (i)migrantes e refugiados”. Trata-se de um programa inter *campi* que conta com a colaboração das seguintes colegas dos *Campi* Bento Gonçalves, Ibirubá, Canoas, Farroupilha, Caxias do Sul e Alvorada: Carina Fior Postingher Balzan, Cleusa Albilá de Almeida, Diane Blank Bencke, Fernanda Schneider, Gabriela Fontana Abs da Cruz, Mônica de Souza Chissini, Silvani Lopes Lima, Vanessa Bugs Gonçalves, Lucilene Bender de Sousa e Manuela Damiani Poletti da Silva. Também contamos com a colaboração de estudantes bolsistas (Evandra Miolo, Júnior de Arruda e Jaíne Gabriela Kohler) e de uma voluntária (Mariana Carneiro Mendes).

O programa teve como objetivo central a oferta de um curso *on-line* inter *campi* de Português como Língua de Acolhimento para imigrantes e refugiados residentes do Rio Grande do Sul. Essa ação, além de atender à demanda que já existia nos *campi* que oferecem cursos presenciais, também visa atender imigrantes e refugiados que residem em municípios de abrangência do IFRS onde esse tipo de curso é inexistente de forma gratuita e onde o deslocamento é indisponível e/ou inviável para o público-alvo, tais como os municípios de Garibaldi e Nova Araçá.

Assim, organizamos o curso “Português como Língua de Acolhimento para (I)Migrantes e Refugiados” como um oferta *on-line*, com encontros síncronos semanais, via Google Meet, que ocorrem aos sábados de manhã, das 9h às 10h, e atividades assíncronas, que consistem em exercícios propostos no Google Forms encaminhados semanalmente aos/às alunos/as por *WhatsApp*. O curso, que iniciou em agosto e tem como previsão de término em dezembro de 2021, conta com cerca de 30 estudantes assíduos, sendo predominantemente oriundos do Haiti, Senegal e Venezuela. As aulas são preparadas e ministradas pelas professoras colaboradoras do programa e acompanhadas pelos bolsistas e pela voluntária, que também trabalham na elaboração dos materiais utilizados nas aulas, no registro da frequência dos estudantes, no envio das atividades via *WhatsApp* e como apoio para sanar dúvidas que os estudantes apontam via *WhatsApp*.

O Programa promove outras ações com vistas à integração e acolhimento dessa população, tais como encontros virtuais nos quais imigrantes compartilham seus conhecimentos acerca da cultura

<https://www.facebook.com/IFRSfarroupilha/photos/a.185359771567570/3148242561945928>
<https://www.facebook.com/IFRSfarroupilha/photos/a.185359771567570/3148221145281403>
<https://www.facebook.com/IFRSfarroupilha/photos/a.185359771567570/3148152855288232>
<https://www.facebook.com/IFRSfarroupilha/photos/a.185359771567570/3148136638623187>

de seus países de origem. Até o momento, realizamos encontros *on-line* com imigrantes senegaleses⁴, haitianos⁵ e venezuelanos⁶, que nos brindaram com verdadeiras aulas sobre suas culturas. Além de promover o acolhimento e integração de imigrantes e refugiados/as por meio da disseminação da sua cultura, essas rodas culturais *on-line* também proporcionam a ampliação do conhecimento das populações locais acerca da cultura trazida pelos povos imigrantes, bem como sobre as diversas problemáticas que circundam a temática de imigração, tais como choques culturais, xenofobia, racismo, precarização do trabalho etc.

Quando pensamos em fazer extensão, encontramos um longo caminho a ser percorrido, que só se torna possível se tivermos uma equipe engajada na proposta. As ações descritas neste breve relato se tornaram realidade devido ao trabalho conjunto de várias servidoras e discentes. Almeja-se, por meio da perpetuação de ações de extensão realizadas em conjunto, tais como as apresentadas aqui, consolidar esforços para a concepção de uma política institucional de acolhimento e integração de imigrantes e refugiados.

Referências

CAVINATO, M. A.; GALLINA, E. P.; FREZZA, M. “O primeiro sofrimento que os imigrantes passam é de não entender nada da língua”: em busca do português brasileiro como língua de acolhimento para imigrantes. **LínguaTec**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 65–83, 2021. DOI: 10.35819/linguatec.v6.n2.5465. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/5465>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CONSUP. **Resolução nº 058, de 15 de agosto de 2017**: política de extensão do instituto federal de educação, ciência e tecnologia do rio grande do sul. Bento Gonçalves: Ministério da Educação, 2017. 15 p. Disponível em: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/Resolucao_058_17_Completa.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de interação. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontes/article/view/886>. Acesso em: 20 nov. 2021.

⁴ Acesse este link para assistir à “Roda cultural: Atravessando fronteiras entre Senegal e Brasil”: https://www.youtube.com/watch?v=TC5OG7HF29o&t=21s&ab_channel=NEADIFRSFarroupilha

⁵ Acesse este link para assistir à Roda cultural: Atravessando fronteiras entre Haiti e Brasil: https://www.youtube.com/watch?v=KCseVmGzvlo&ab_channel=NEADIFRSFarroupilha

⁶ Acesse este link para assistir à Roda cultural: Atravessando fronteiras entre Venezuela e Brasil: https://www.youtube.com/watch?v=8Xu59JXac5A&ab_channel=NEADIFRSFarroupilha

Vivendo a comunidade acadêmica através da extensão

Cristiane Silva Esteves¹

Início este texto com a seguinte indagação: o que é fazer extensão? A partir do meu envolvimento com projetos de extensão ao longo do tempo, entendo que fazer extensão significa se aproximar da comunidade externa e possibilitar que o *campus* de fato seja um espaço aberto, em que as pessoas se sintam pertencentes a ele. Ou seja, a extensão nos dá a oportunidade de viver a comunidade local! Dessa forma, ela se articula com o Ensino e Pesquisa de maneira indissociável, possibilitando uma ação com visão integrada da sociedade. De acordo com o Projeto Pedagógico Institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS (IFRS, 2011, p. 35), por meio da extensão o IFRS “contribui de forma efetiva para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região, articulando teoria e prática e produzindo novos saberes”. Portanto, a extensão é uma oportunidade de exercer a responsabilidade social, trazendo melhoria da qualidade de vida para a comunidade através da educação.

Tendo isso em vista, ressalta-se a importância da extensão para o *campus* e a sociedade, sendo essa uma forma de produção e democratização do conhecimento, voltada para as necessidades e interesses da comunidade. É dessa forma que a gente apresenta o *campus* para as pessoas.

Dentro desse contexto, o presente artigo relata algumas vivências minhas na extensão, demonstrando o quanto ela produz conhecimento e trocas de saberes.

Projeto educacional de verão

Iniciei minha jornada com a extensão assim que ingressei como docente no IFRS, no ano de 2017. Participei de uma reunião para verificar as demandas da comunidade da cidade de Alvorada, quando se identificou a necessidade de um projeto para as crianças da região que estariam em férias durante o mês de janeiro.

Dessa forma, a consulta com a comunidade nos fez pensar no “Projeto Educacional no Verão”. Esse projeto estaria em consonância com as demandas dos arranjos locais, visando também orientar a oferta formativa do *campus* em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, estando, assim, de acordo com a missão do IFRS (IFRS, 2011).

O projeto educativo de verão foi desenhado para ser realizado nas cinco segundas-feiras do mês de janeiro de 2018, contemplando oficinas mediadas por docentes com temas variados para as crianças da comunidade local. Pensou-se em oficinas para o desenho do projeto, pois elas promovem a formação coletiva, possibilitando interação, troca de saberes e experiências de uma maneira horizontal. Ainda, criam um espaço em que é possível construir o conhecimento coletivamente.

¹ Doutora em Gerontologia Biomédica pela PUCRS. Docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Alvorada. E-mail: cristiane.esteves@alvorada.ifrs.edu.br

As oficinas ofertadas incluíram jogos lógicos, atividades de coordenação motora, oficina de música, oficina de informática, cinema e debate sobre filmes. Assim, foi possível trabalhar o raciocínio lógico através de jogos lógicos, melhorar a coordenação motora por meio de brincadeiras direcionadas, apresentar filmes e desenvolver a capacidade de debater ideias, ensinar fundamentos básicos de informática, desenvolver a concentração e a sensibilidade à música. A realização de oficinas com diferentes vivências para as crianças da comunidade alvoradense possibilitou que fossem relacionadas diversas temáticas educativas, pelas quais as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar o trabalho coletivo, solidário e interativo, contribuindo para a qualificação individual e a valorização do trabalho em equipe.

Com isso, foi possível atingir um dos objetivos de extrema importância da atividade extensionista, que não é apenas beneficiar a comunidade acadêmica, mas também a comunidade do entorno da instituição. Com esse projeto, as crianças puderam entrar em contato com o *campus* e conhecê-lo, sendo, também, uma forma de divulgação do *Campus Alvorada*.

Esse foi um projeto muito especial, pois foi o início da minha caminhada na extensão do IFRS *Campus Alvorada*.

Capacitação de conselheiros tutelares

Ainda em 2017, com o objetivo de capacitar os conselheiros tutelares, o IFRS - *Campus Alvorada*, em parceria com a Associação dos Conselheiros e Ex-Conselheiros Tutelares do Rio Grande do Sul, ofertou no mês de agosto um curso de extensão de 20 horas, com o objetivo de formação continuada para Conselheiros Tutelares do Vale de Gravataí e demais municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Salienta-se que o *Campus Alvorada* vem consolidando seu trabalho em eixos que dialogam com a ótica dos Direitos Humanos e da Inclusão, tendo a política de proteção à criança e ao adolescente como uma de suas prioridades. Entende-se que a possibilidade de ofertar esse curso de formação, de forma pública e gratuita, somou para a consolidação do *Campus Alvorada* na região e colocou em evidência a vocação dos Institutos Federais para a relação com o território e a formação integral e cidadã.

Os conselheiros tutelares atuam em prol da cidadania e proteção integral dos direitos humanos de crianças e adolescentes. A capacitação deles reflete diretamente em seu melhor atendimento aos adolescentes, crianças, famílias e, conseqüentemente, à comunidade, possibilitando um expressivo impacto social.

Tivemos no curso uma equipe multidisciplinar (tanto de palestrantes, como de participantes), o que tornou as discussões e os debates mais construtivos. No curso, estiveram presentes um total de 65 participantes entre psicólogas, assistentes sociais, conselheiros tutelares, educadores sociais, professores, defensoras públicas, dentre outras profissões.

Sendo assim, entende-se que o mesmo trouxe uma maior qualificação aos conselheiros tutelares, contribuindo para um comportamento mais seguro em sua atuação, sendo também uma forma de os valorizar e dimensionar a importância do seu trabalho na sociedade. A capacitação abordou a prática cotidiana do Conselho Tutelar e também temas relevantes relacionados. A partir desse curso, os conselheiros capacitados passaram também a serem multiplicadores desses conteúdos em suas regiões de trabalho.

Projeto Mãos Artesiras

O “Projeto Mãos Artesiras” surgiu a partir da necessidade de acolher pessoas com deficiência e que ficaram sem atendimento pedagógico após a extinção da Associação Pais e Amigos Excepcionais de Alvorada (APAE - Alvorada), em março de 2017. O projeto manteve a mesma linha de trabalho iniciado na APAE, utilizando técnicas de artesanato para o exercício motor e a socialização dos integrantes. A idealizadora do projeto foi a estudante Nara Consuelo Martinez Gomes, aluna do Curso Técnico em Cuidados de Idosos Integrado ao Ensino Médio (PROEJA) do *Campus* Alvorada.

São inúmeros os desafios encontrados na inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. O referente projeto possibilita o contato do IFRS - *Campus* Alvorada com as pessoas da comunidade externa que possuem necessidades especiais, visando a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática. Com isso, viabiliza a aproximação dessa comunidade com o IFRS, através de atividades educacionais que proporcionam a melhora das condições cognitivas dos participantes. O projeto visa ofertar oficinas para pessoas com as mais diversas deficiências, promovendo a convivência em grupo e a troca de experiências cotidianas, respeitando as diferenças pessoais, socioculturais e filosóficas. O projeto acontece nas terças e quintas, no IFRS - *Campus* Alvorada, durante o turno da tarde e tem em torno de 20 participantes.

Os métodos desenvolvidos são: pinturas em tecido e papel, confecção de objetos de decoração a partir de material descartável e uso de miçangas para bijuterias. Ainda, realizou-se pintura em pano de prato, atividades com miçangas e reaproveitamento de materiais recicláveis; foram feitos chaveiros, colares e móveis com miçangas doadas, E.V.A, tampinhas e anéis de latinhas. Além do artesanato, oficinas de dança e de capoeira são ministradas por voluntários na mesma sede. Portanto, observa-se que a diversidade de técnicas possibilita o exercício da capacidade psicomotora do aluno, independentemente da sua deficiência.

O projeto visa promover a convivência em grupo e a troca de experiências cotidianas, respeitando as diferenças pessoais, socioculturais e filosóficas. A interação entre os integrantes do projeto e deles com os estudantes e servidores do *campus* auxilia na troca de vivências e crescimento dos participantes.

Dessa forma, observa-se que as atividades desenvolvidas possibilitam o contato do IFRS - *Campus* Alvorada com a comunidade externa e com as pessoas que têm necessidades especiais. Ainda, é uma forma de educar para a preservação do meio ambiente, a reciclagem e o reaproveitamento de materiais descartados.

Os participantes também aprendem cada vez mais como usar suas habilidades com materiais disponibilizados pelo projeto. É possível observar uma melhora na motricidade fina de alguns integrantes. Espera-se, com a execução desse projeto, proporcionar a melhora da autonomia e da qualidade de vida dos jovens, seus cuidadores e familiares, estimulando a socialização dos membros participantes e desenvolvendo melhorias cognitivas, de motricidade fina e de socialização. Para isso, está sendo proporcionado o compartilhamento de saberes, através do desenvolvimento de relações entre o IFRS - *Campus* Alvorada e a comunidade, visando a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática. Dessa forma, o “Mãos Artesiras” excede seu papel de apenas ensinar técnicas manuais e passa a ser um espaço de convívio e troca de experiências em diferentes âmbitos, sempre respeitando a pluralidade dos indivíduos. O projeto possui relação entre ensino, pesquisa e extensão, conduzindo mudanças significativas nos processos de ensino e aprendizagem dos participantes.

Após dois anos de trabalho realizado com os alunos com deficiência, foi possível observar a evolução deles no uso das técnicas de artesanato ensinadas e nos produtos confeccionados. Essas afirmações partem da comparação entre os primeiros e os atuais trabalhos, bem como do acompanhamento individualizado.



📌 **Figura 1.** Festa de Natal do Projeto "Mãos Arteiras" Fonte: acervo pessoal (2019).

Além do que já foi falado, o projeto possibilita o desenvolvimento pessoal e profissional dos bolsistas, pois insere o estudante como protagonista de sua formação profissional, desenvolvendo competências, tais como: empatia, liderança, trabalho em equipe e resolução de problemas, contribuindo para a sua atuação no mundo do trabalho e sua formação cidadã.

A equipe do projeto se empenha, principalmente, para que haja um ambiente agradável para todos os participantes e para que eles tenham um sentimento de pertencimento e acolhimento. Essa prática é um exercício contínuo de empatia e superação, ao passo que é desafiante pensar e ensinar cada pessoa, considerando sua deficiência e sem subestimar a sua competência.

Em função da pandemia, precisamos interromper o projeto por enquanto. Entretanto, queremos continuar com o mesmo no IFRS, pois nossos alunos já estavam adaptados no espaço escolar, onde eles conhecem os alunos do horário que eles têm aula, os professores, os servidores, os funcionários e até os vigilantes. Toda a comunidade escolar cuida deles no pátio, e percebe-se que os alunos se sentem inclusos. Temos até um desses alunos que fala que está na faculdade. Portanto, percebe-se que o ambiente escolar é muito importante para eles, pois trata-se de um espaço onde se sentem valorizados, tendo a oportunidade de conviver com pessoas de fora de suas casas, o que contribui para a socialização e ampliação dos horizontes.

Precisamos abrir as portas para a comunidade externa. Essa é uma maneira que, quem sabe, a comunidade externa se tornar comunidade interna. A extensão traz vida para o *campus*!

Referências

IFRS. **Projeto Pedagógico Institucional do IFRS**. Bento Gonçalves, RS, 2011. Disponível em: https://arquivo.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201226102555931ppi_versao_final.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

Um Clube Social Negro em um Programa de Extensão: Associação Satélite Prontidão, Resistência e Ancestralidade

Karla dos Santos Guterres Alves¹

Resumo

Este relato de experiência tem por objeto descrever as ações desenvolvidas em um Programa de Extensão denominado “Associação Satélite Prontidão: Resistência e Ancestralidade”. O referido programa vem sendo desenvolvido no clube social negro Associação Satélite Prontidão, localizado na cidade de Porto Alegre. O programa tem como objetivo dar visibilidade às histórias e memórias de homens e mulheres negras e sua cultura ancestral que resiste em espaços associativos. O programa foi desenvolvido entre os anos de 2019 a 2021, por meio da implementação de sete projetos de extensão. A temática proposta no programa foi diversa e não se esgota, pois urge desvelar a cultura e as práticas do povo preto, por tanto tempo silenciado. Em 2019, foram desenvolvidos os projetos “Integrando Saberes” e “História e Memória: Resistência e Ancestralidade”. Em 2020, foram realizados os projetos “História e Memória: Resistência e Ancestralidade” e “ERER: Educação para as relações Étnico-raciais”. Em 2021, realizaram-se os projetos “Memorial da ASP”, “Afroteca da ASP” e “Consciência Negra em Foto: cinquentenário do 20 de novembro”. Conclui-se que o Programa de Extensão tem tido pleno êxito em sua aplicação por meio dos projetos de extensão, favorecendo o desenvolvimento de ações antirracistas e a implementação da Lei n. 10.639/2003.

Palavras-chave: Programa de Extensão. Clube Social Negro. Associação Satélite Prontidão.

¹ Doutora em Educação em Ciências pela UFRGS. Docente EBTT de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Viamão. E-mail: karla.alves@viamao.ifrs.edu.br

Introdução

O Programa “Associação Satélite Prontidão: Resistência e Ancestralidade” é uma proposta extensionista desenvolvida desde 2019 e promove atividades direcionadas a um território negro específico de Porto Alegre, o Bairro Rubem Berta, onde se encontra a sede da Associação Satélite Prontidão (ASP). A Associação Satélite Prontidão é um clube social negro com 119 anos que atua promovendo ações afroculturais, assistenciais, esportivas, sociais e recreativas focadas na comunidade negra.

Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio (OLIVEIRA SILVEIRA apud ESCOBAR, 2010, p. 61).

A contribuição histórica dos clubes sociais negros faz com que este programa tenha uma grande relevância como promotor de ações afirmativas para o povo negro em vulnerabilidade social ou exposto ao racismo estrutural. Para tanto, o programa se propõe ao desenvolvimento de projetos a partir dos eixos norteadores “história e memória”, “saúde e assistência social da população negra” e “sociocultural e educacional”. Articulando interdisciplinarmente os projetos, o programa “Associação Satélite Prontidão: Resistência e Ancestralidade” pretendem contribuir para o empoderamento do povo preto e a superação dos efeitos históricos do período pós-abolição que, até os dias de hoje, colocam a população negra em situação de subalternidade.

Muitos Clubes Sociais Negros (CSN) surgiram antes mesmo da abolição e tinham como objetivos: angariar recursos para a compra de alforrias; auxiliar nas despesas com funerais; custear despesas com educação; auxiliar desempregados e endividados, ser o local de sociabilidade (FELIX, 2014). Eram também espaços para o desenvolvimento de atividades educacionais e esportivas, além de promoverem a elevação da autoestima, principalmente das mulheres negras. Para Gomes (2017), os CSN são uma das esferas do movimento negro, apesar de o próprio movimento questionar o trabalho realizado pelos clubes devido ao engajamento tímido no que tange as questões políticas e estruturais da sociedade brasileira, que penalizam a população negra. Porém, a luta dos CSN, tanto por reconhecimento perante o Movimento Negro, quanto de ações que, em um novo momento do país, garantam sua existência fizeram com que o papel dos CSN fossem modificando com o tempo. Mas um fato não pode ser negado, seu papel social alterou-se, mas sua importância permanece e por isso eles resistem. Buscando a reinvenção de sua atuação, os CSN promovem festas para financiar seu funcionamento, realizam atividades educacionais e esportivas (como cursos, preparação para vestibular e outros), atividades de saúde voltadas as características específicas de homens e mulheres negras, e outros. A fim de estimular pesquisas, atividades educacionais/culturais e atividades de extensão nestes espaços históricos, surgidos na metade do século XIX, urge o momento de os membros da comunidade acadêmica irem ao encontro da população negra em seus berços de produção sociocultural. Esse programa de extensão com um clube social negro porto-alegrense tem contribuído para o desvelamento de histórias e memórias de seus sócios e participantes da comunidade, promovendo a educação antirracista.

Desenvolvimento

O Clube Social Negro Associação Satélite Prontidão (Figura 1) é um “Território Negro” (BITTENCOURT JÚNIOR, 2010) centenário da cidade de Porto Alegre que foi fundado em 20 de abril de 1902, 14 anos após a abolição da escravatura. É uma entidade dedicada à cultura negra e declarada Patrimônio Histórico-Cultural do Estado do Rio Grande do Sul desde 2009. A Associação Satélite Prontidão foi considerada de utilidade pública no âmbito do município de Porto Alegre, pela Lei nº 7425, de 11 de maio de 1994. No ano de 1997, a Associação passou a ser considerada de utilidade pública no âmbito do Estado, pelo Decreto Lei de nº 1130, de 24 de julho de 1949. Conforme o Planejamento Estratégico da ASP (2019-20121), a missão da entidade, que não tem fins lucrativos, é “atuar como clube social negro na comunidade, promovendo a transformação social, por meio de processos educativos, recreativos esportivos, assistenciais, jurídicos e culturais”.

Esse programa de extensão tem focado no atendimento da comunidade do Bairro Rubem Berta, local onde é a atual sede da entidade. A ASP já teve 3 sedes na cidade de Porto Alegre: primeiramente no Bairro Cidade Baixa, onde tinha cunho assistencial e recreativo; depois o apogeu no Bairro Glória, onde promovia grandes bailes e eventos musicais; e atualmente encontra-se no Bairro Rubem Berta, onde busca promover atividades relacionadas à cultura negra, articulando-se com os movimentos sociais e a comunidade do bairro. O Bairro Rubem Berta se caracteriza por grande concentração populacional negra e grande vulnerabilidade social, com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da capital gaúcha. Essas mudanças de sede, além de serem oriundas de problemas de gestão, também são consequências da especulação imobiliária e periferização das populações negras da cidade. Porém, mesmo mudando tantas vezes de território, a ASP sempre se manteve em locais de grande concentração do povo preto.



📍 **Figura 1.** Localização dos bairros em que a ASP já teve sede institucional. Fonte: Adaptado de Corrêa e Heck (2019).

Projetos de Extensão

O Programa “Associação Satélite Prontidão: Resistência e Ancestralidade” já desenvolveram 7 projetos de extensão durante 3 anos. Essa capilaridade do programa se deve à potencialidade da temática negra e a urgência de se promover a cultura de um povo silenciado.

Em 2019, foram desenvolvidos os projetos “Integrando Saberes” e “História e Memória: Resistência e Ancestralidade”. O projeto “Integrando Saberes” foi desenvolvido com a comunidade de imigrantes haitianos residentes no Bairro Rubem Berta. Por meio de oficinas de educação em saúde, cidadania e de Português como Língua de Acolhimento (PLAC), buscou-se promover atividades de socialização,



📍 **Figura 2.** Dinâmica de grupo do projeto Integrando Saberes. Fonte: Memorial da ASP (2019).



📍 **Figura 3.** Card de divulgação das ações do Memorial e de campanha de doações. Fonte: Memorial da ASP (2019).

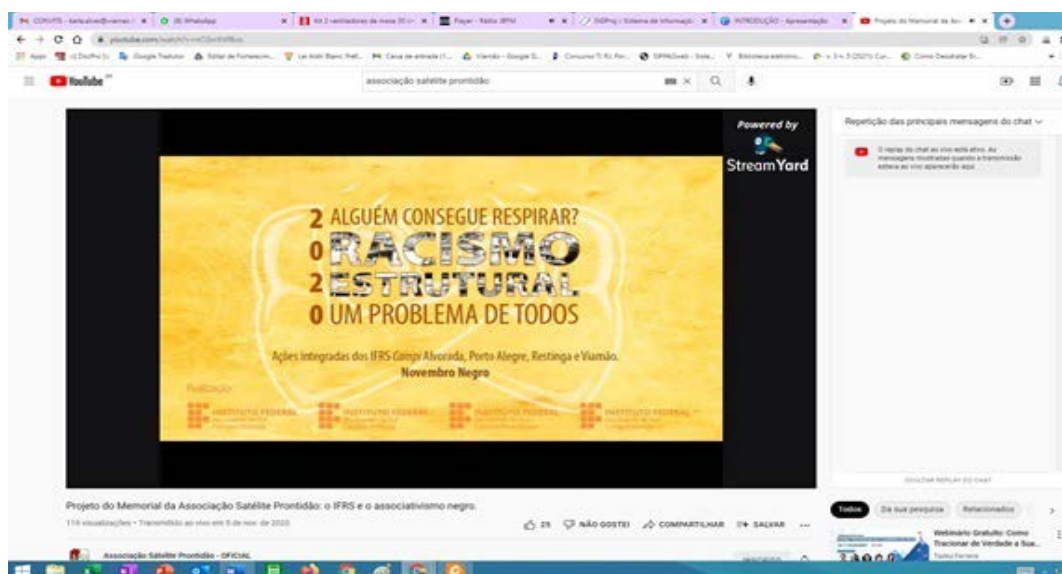
acolhimento, cultura e escuta qualificada. Esse projeto foi desenvolvido em parceria com o posto de saúde e o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do bairro (Imagem 2).

Em 2019 iniciou o desenvolvimento do projeto “História e Memória: Resistência e Ancestralidade”, que se propôs a reconstituir a história da Associação Satélite Prontidão (ASP) e compartilhá-la por meio de um memorial de acesso público. A criação do “Memorial da ASP” foi o meio encontrado para popularizar informações a respeito de histórias e memórias da Associação Satélite Prontidão. Através da coleta de relatos de experiências dos sócios, documentos e objetos materiais e imateriais foram algumas das estratégias adotadas para a constituição do acervo. Realizou-se a separação, categorização, higienização e arrolamento dos materiais do acervo, garantindo o controle e a preservação dos itens. Iniciou-se organização do espaço físico, mobiliário e material para a acomodação adequada dos materiais. Porém, devido à pandemia de COVID-19, o trabalho presencial no Memorial da ASP foi interrompido, iniciando-se uma fase virtual que continuou em 2020 e 2021 (Imagem 3).

Em 2020, foram realizados os projetos “História e Memória: Resistência e Ancestralidade” e “ERER: Educação para as relações Étnico-raciais”. O projeto “História e Memória: Resistência e Ancestralidade” é a continuação do trabalho com o Memorial da ASP que, em 2020, atuou por meio do desenvolvimento de *lives* em um canal no YouTube. Sócios antigos e novos, além de personalidades e cantores participaram dessas *lives*, aliando história oral e arte negra. Além disso, todas essas exibições contaram com tradutoras e intérpretes de libras, garantindo a acessibilidade do conteúdo produzido. Outra ação do projeto foi a digitalização do acervo de fotos. Ainda em 2020, realizou-se o projeto “ERER: Educação para as relações Étnico-raciais”, uma parceria com o NAAF de Viamão. Nesse projeto, que articulou as ações com os *campi* da região metropolitana, entre eles Porto Alegre, Restinga, Alvorada e Viamão, realizou-se o “Novembro Negro” que foi intitulado “Alguém consegue respirar: racismo estrutural um problema de todos”. Com programação variada e a participação dos *campi* do IFRS supracitados, a temática da negritude foi debatida e a cultura negra apreciada por diversos ângulos por meio de *lives* (Imagem 4).²

Em 2021, realizou-se os projetos “Memorial da ASP”, “Afroteca da ASP” e “Consciência Negra em Foto: cinquentenário do 20 de novembro”. O projeto “Memorial da ASP” seguiu seu trabalho com as *lives* e a digitalização de fotos, pois a pandemia ainda fez com que as ações fossem virtuais. O

² Endereço da página do YouTube do Projeto do Memorial da Associação Satélite Prontidão: o IFRS e o associativismo negro: <https://www.youtube.com/channel/UCC9ZXqSOJq3zl8VdcgUWR6g>



📌 **Figura 4.** Print da página do YouTube com a live Projeto do memorial da Associação Satélite Prontidão: o IFRS e o associativismo negro. Fonte: Memorial da ASP (2021).

projeto “Afroteca da ASP” foi um desdobramento do projeto Memorial da ASP. Considerando que o acervo do Memorial ficava dentro da sala da biblioteca, observou-se a necessidade de focar o acervo da biblioteca em referenciais afrocentrados. Com isso, ações como campanhas de doação de livros, participação em feiras de trocas, *lives* com autores negros e negras foram implementadas. Outro projeto desenvolvido foi um concurso de fotografia chamado “Consciência Negra em Foto: cinquentenário do 20 de novembro” (Imagem 5).

Esse projeto teve por escopo a comemoração do cinquentenário do “Dia da Consciência Negra”. Buscou-se, por meio da fotografia, promover um novo olhar a respeito do “Dia da Consciência Negra”. A proposta buscou popularizar, por meios audiovisuais, a história dos precursores do Movimento negro Gaúcho, a exemplo de Oliveira Silveira e o Grupo Palmares, que deram origem a essa data nacional.



📌 **Figura 5.** Card do concurso Consciência Negra em Foto: cinquentenário do 20 de novembro. Fonte: IFRS Câmpus Viamão (2021).

Conclusão

O Programa de extensão “Associação Satélite Prontidão: Resistência e Ancestralidade”, através da execução de diversos projetos, obtiveram pleno êxito em suas ações, dando visibilidade a um clube social negro centenário da cidade de Porto Alegre e promovendo a aplicação da Lei n. 10.639/2003. Porém, projetos como o “Memorial da ASP” e a “Afroteca da ASP” necessitam de mais tempo de

execução, pois não esgotaram suas possibilidades de ação. A pandemia de COVID-19 fez com que os projetos fossem adequados ao formato remoto, fazendo com que a equipe executora do projeto buscasse alternativas e superasse os desafios impostos pelas tecnologias e a comunicação virtual. É importante destacar que programas de extensão com temáticas afrocentradas são essenciais para o desenvolvimento da educação antirracista, tanto interna quanto externa ao espaço acadêmico, constituindo uma prática que deve ser estimulada.

Referências

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. [Dissertação] Santa Maria: UFSM, 2010.

GOMES, Lino Nilma. **O movimento negro educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FELIX, Rita de Cássia Souza. Damas de Ébano nos clubes sociais negros: trancinhas e batom. **Piracicaba: Comunicações**, Ano 21, n. 1, p. 39-53, jan.-jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v21n1p39-53>. Acesso em: 28 fev. 2019.

Extensão Agroecológica no IFRS Campus Rolante

Adriana Regina Corrent¹ e Jeferson Mateus Dariva²

Resumo

Refletir sobre o nosso consumo e buscar alternativas responsáveis é um dos maiores desafios para que possamos contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. Este relato busca sintetizar as ações de extensão agroecológica desenvolvidas no IFRS *Campus Rolante* de novembro de 2015 a dezembro de 2020. As ações dividem-se em projetos de extensão e em cursos de curta duração. O foco das atividades extensionistas foi a promoção e a divulgação da Agroecologia e da produção orgânica. Os projetos buscaram conectar agricultores e consumidores e promover a formação técnica em produção orgânica de alimentos. A aproximação dos agricultores ocorreu com a formação inicial de um grupo de consumidores, a comercialização de cestas de produtos direto dos agricultores e agricultoras, como evolução para a Feira Ecológica. Em paralelo às ações, também fomentaram a organização dos agricultores e a formação técnica para a certificação participativa da produção orgânica. Aproximar e inserir as comunidades locais nos processos de Ensino-Pesquisa-Extensão do IFRS *Campus Rolante* e proporcionar trocas entre as agricultoras e agricultores, estudantes e servidores do IFRS tem sido o grande resultado da realização destas ações.

Palavras-chave: Produção orgânica. Sistemas Participativos de Garantia. Circuitos Curtos de Comercialização.

Introdução

A demanda por alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos requer mudanças nos sistemas produtivos. A compreensão de que a Agroecologia e a produção de alimentos orgânicos podem resultar em profundas transformações, tanto nos processos produtivos, quanto sociais e que exigem informação e conhecimento técnico dos atores envolvidos, foi o propulsor das ações aqui relatadas, desenvolvidas desde de 2015 no IFRS *Campus Rolante*. Diante desse desafio, iniciaram-se uma série de ações focadas na difusão da agroecologia e da produção orgânica, através da oferta de cursos de curta duração

¹ Doutora em Fitotecnia pela UFRGS. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Rolante*. E-mail: adriana.corrent@rolante.ifrs.edu.br

² Mestre em Produção Vegetal no Semiárido pela UNIMONTES. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Rolante*. E-mail: jeferson.dariva@rolante.ifrs.edu.br

e do desenvolvimento de projetos de extensão. Para Freire (1983), a Extensão deve ser educativa, e não deve substituir um conhecimento (tradicional, popular, local) por outro (pacote ensinado nas universidades), mas somar conhecimentos e abrir espaço para o diálogo. Caporal (2003), denomina as ações de extensão focadas nos princípios da Agroecologia como “Extensão Rural Agroecológica”, um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias que permitam o desenvolvimento de uma prática social na qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os levem a agir conscientemente sobre a realidade.

Relatos de experiências

Projeto de Extensão: Grupo de Consumidores e Conexão entre Agricultora e Consumidores

O projeto iniciou-se em novembro de 2015 e foi uma ação socioambiental para a promoção da Agroecologia e da agricultura orgânica através da aproximação de agricultoras/agricultores em transição agroecológica e consumidores. Neste momento, cestas de verduras produzidas sem agrotóxicos (sem certificação orgânica ainda), por uma jovem agricultora começaram a ser comercializadas diretamente para alguns servidores do IFRS *Campus* Rolante, (por intermédio de profissionais da Emater). Devido à qualidade dos produtos e a facilidade de aquisição, mais consumidores foram demandando as cestas, incluindo pessoas externas ao quadro de servidores do IFRS. A partir do ano de 2016 esta ação foi institucionalizada como projeto de extensão do IFRS *Campus* Rolante e foram organizadas rodas de conversa e cursos de divulgação sobre o tema Agroecologia e produção orgânica, abordando os diferentes aspectos da aquisição direta de alimentos e as vantagens da aproximação consumidores-agricultores. As cestas eram encomendadas semanalmente através de aplicativo de celular, e os bolsistas do projeto auxiliavam na contabilização dos pedidos e na comunicação entre os consumidores e a agricultora. Neste ano foram comercializadas 450 cestas e a avaliação dos consumidores foi bastante positiva. O grupo seguiu crescendo, e no final de 2017 contava com 120 consumidores cadastrados, sendo comercializadas 800 cestas. Semanalmente as cestas eram entregues no espaço do IFRS *Campus* Rolante ou em locais determinados pelos consumidores. As cestas eram compostas por pelo menos cinco hortaliças da estação, sendo mais frequentes as entregas de: alface, couve, brócolis, couve-flor, salsa, cebolinha, repolho, rabanete, beterraba, cenoura, chuchu e mandioca, sempre cultivados sem agrotóxicos. Os consumidores demonstram satisfação na forma de aquisição dos produtos, em função da qualidade e do preço. A agricultora sentia-se satisfeita com o valor recebido e com a forma de comercialização, pois realizava uma única entrega semanal o que gerava economia de tempo e combustível. Atualmente a agricultora precursora deste projeto realiza entregas semanais de cestas, de forma autônoma. Ela decidiu não certificar sua produção como orgânica, mas segue os preceitos da Agroecologia e está sempre aberta às informações técnicas, disponibilizando também sua propriedade para visitas técnicas e aulas práticas. As relações comerciais entre agricultores ecologistas e consumidores são um fator decisivo para o sucesso das atividades de produção. O consumidor consciente, aumenta seu nível de compreensão sobre a forma de produção do seu alimento, recuperando sua conexão com a origem do mesmo e tendo maior entendimento sobre a influência dos fatores climáticos sobre a produção e reaprendendo o conceito de sazonalidade.

O projeto de extensão “Circuitos curtos de comercialização: potencializando a produção orgânica de alimentos no Vale do Paranhana” foi desenvolvido em parceria com a EMATER-RS, escritório de Rolante e teve como objetivo principal a certificação participativa da produção orgânica dos

Projeto de extensão: Circuitos Curtos de Comercialização



📍 **Figura 1.** Estudantes do IFRS participando da Feira Ecológica no IFRS - Campus Rolante. Fonte: Assessoria de Comunicação do IFRS Campus Rolante (2017).



📍 **Figura 2.** Feira Ecológica no IFRS - Campus Rolante. Fonte: Assessoria de Comunicação do IFRS - Campus Rolante (2017).

agricultores locais. No início de 2018, os gestores do grupo de consumidores, foram desafiados a ampliar o número de agricultores participantes do mesmo e a diversificar os produtos ofertados. O desafio resultou na primeira feira Ecológica do IFRS *Campus Rolante*, Figuras 1 a 3. Os agricultores interessados em participar desta primeira feira já tinham iniciado o processo de transição agroecológica das suas propriedades e manifestaram o interesse em compor um grupo de agricultores ecologistas. Os agricultores e agricultoras atuavam em propriedades rurais de três diferentes municípios do Vale do Paranhana: Rolante, Riozinho e Taquara.

O sucesso da Feira Ecológica realizada no prédio do IFRS foi imediato, especialmente nas primeiras edições. Os consumidores deslocavam-se até o *campus*, distante 7 Km do Centro da cidade de Rolante para adquirir seus alimentos livres de agrotóxicos e trocar experiências com os agricultores e agricultoras. Os estudantes do *campus* também participaram efetivamente destes momentos, interagindo com os feirantes e realizando trabalhos acadêmicos.

Após uma sequência de feiras realizadas nas dependências do *Campus Rolante*, surgiu um convite para a realização da Feira no Centro da Cidade de Rolante, inicialmente na Casa da Colônia de Rolante e depois em um local cedido, ocorrendo semanalmente. Todas as decisões relacionadas ao funcionamento da feira eram tomadas coletivamente pelos agricultores em reuniões mensais realizadas pelo grupo, nas propriedades rurais. Ao final de cada reunião eram realizadas visitas às áreas de produção. Nestas visitas, os agricultores trocavam experiências e discutiam soluções para os problemas encontrados nos cultivos, já adotando os processos fundamentais para a certificação orgânica participativa.



📍 **Figura 3.** Feira Ecológica no IFRS - Campus Rolante, visão geral. Fonte: Assessoria de Comunicação do IFRS - Campus Rolante (2017).

A formação do Grupo de Agricultores

Para iniciar formalmente o processo de Certificação Participativa, os agricultores foram estimulados a formar um grupo, o que ocorreu em março de 2018, em uma reunião nas dependências do IFRS *Campus* Rolante. O grupo elegeu o nome Grupo de Agricultores “Jaracatiá” (uma fruta nativa do Bioma Mata Atlântica e comum na região de abrangência do projeto).

A Certificação Participativa da Produção Orgânica

Para a obtenção da certificação da produção orgânica, o grupo trabalhou de forma autogestionada. As decisões eram tomadas em reuniões mensais, durante as visitas à propriedade anfitriã, com trocas de experiências técnicas, através do processo conhecido como visita de pares. Esta é a metodologia preconizada pelo Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC), na Certificação Participativa ou Sistemas Participativos de Garantia (SPGs) e exige um maior nível de organização no que diz respeito à geração de documentos que comprovem as distintas etapas da geração de credibilidade. O sistema de certificação participativa é construído fundamentando-se na confiança, em redes sociais e na troca de conhecimento.

Após formações em agricultura ecológica, o grupo buscou o OPAC Rede ECOVIDA de Agroecologia, pioneira no desenvolvimento da certificação participativa no Brasil. O ingresso do grupo à OPAC foi aprovado em agosto de 2019, e a partir desta aprovação, o Grupo Jaracatiá passou a integrar a Rede ECOVIDA, e trabalhar segundo o seu regimento. As avaliações de conformidade nas propriedades participantes e dos seus respectivos planos de manejo para a concessão da certificação iniciaram-se em julho de 2020. Este foi o primeiro grupo de agricultores certificados pelo sistema de SPG nos municípios de Rolante, Riozinho e Taquara. A conquista da certificação da produção orgânica ocorreu com a emissão dos certificados em dezembro de 2020, quando quatro famílias obtiveram seus certificados.

Formações em Agroecologia, Produção Orgânica e Agricultura Ecológica

Nos anos de 2018 e 2019 foram ofertados no *campus* os seguintes cursos: Horticultura Orgânica I e II; Agricultura ecológica I: Implantação de hortas e pomares; Agricultura Ecológica II: Manejo Fitossanitário – outras concepções sobre o controle de pragas e doenças; além de uma Formação em Plantas Bioativas. Em todas as formações realizadas, respeitando as especificidades de conteúdo de cada uma, foram preconizadas as práticas empregadas nos sistemas orgânicos de produção, como por exemplo: manejo sustentável de solos; manejo da matéria orgânica e fertilidade do solo no sistema agroecológico; métodos alternativos para o controle de pragas e doenças, efeitos dos agrotóxicos na saúde, associativismo e cooperativismo, canais diretos de comercialização de alimentos.

No ano de 2018, em parceria com o Centro Ecológico Litoral Norte, EMATER - RS, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rolante e Riozinho, ECOVIAMÃO (Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica do IFRS *Campus* Viamão) foi ofertado o Curso de Agricultura Ecológica. Foram realizados 30 horas de formação, com a participação de 60 pessoas, entre agricultores dos municípios de Santo Antônio da Patrulha, Glorinha, Caraá, Rolante, Riozinho, Viamão e Taquara, além de estudantes e servidores do IFRS.

Conclusão

Novas práticas de manejo adotadas na transição agroecológica modificam a rotina de trabalho dos agricultores e exigem acompanhamento constante. Um dos fatores decisivos do sucesso na transição agroecológica é a atualização do conhecimento, e a comunicação é imprescindível para este processo. O fazer extensão tem um significado amplo e complexo. Sair dos muros do *campus* demanda muito mais do que conhecimento técnico na

área de atuação profissional, demanda empatia, paciência e compreensão dos mecanismos que regem o funcionamento de grupos e de toda a comunidade onde estamos inseridos. Por outro lado, é imensurável a satisfação de ver um projeto sendo executado e promovendo impactos positivos, conforme vai se desenvolvendo. Aproximar e inserir as comunidades locais nos processos de Ensino-Pesquisa-Extensão do IFRS *Campus* Rolante e proporcionar trocas entre as agricultoras/agricultores, estudantes e servidores do IFRS tem sido o grande resultado da realização destas ações.



📌 **Figura 4.** Curso de Formação em Agricultura Ecológica no IFRS - *Campus* Rolante. Fonte: Assessoria de Comunicação do IFRS - *Campus* Rolante (2018).

Referências

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 20 ed. Rio de Janeiro RJ: Paz e Terra. 1983.

CAPORAL, Francisco Rroberto. Bases para uma nova ATER pública. **Extensão Rural**, Santa Maria, v. 10, p. 1-20, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5546/3271>. Acesso em 23 nov. 2021.

Um relato de gratidão: a extensão como prática profissional

Thaís Teixeira da Silva¹

Falar de extensão para mim é falar com alegria e gratidão. Digo sempre que a extensão nos deixa felizes e gratos pelas jornadas que cruzamos e pelos aprendizados que elas nos proporcionam. Isso não minimiza o trabalho comprometido e engajado necessário ao exercício do extensionista. Quando recebi o e-mail convidando a dar meu relato sobre a minha trajetória extensionista no IFRS, meus olhos brilharam e o coração pulsou. Que legal esse reconhecimento, que estendo às parceiras e aos parceiros dos muitos projetos e ações que realizamos ao longo desta mais de década de trabalho no IFRS. Cito alguns, mais constantes desta trajetória. A presença deles, bem como de estudantes, é condição *sine qua non* sem a qual um projeto de extensão não pode se dar de forma integral e plena. Neila, grande parceria angariada nos últimos anos, no Observatório da Comunidade; Pedro Sales, Tia Nice, Almerinda, Guaneci, seu Ventura, André de Jesus, Cláudia Gaya, Mahira, Kathielly, Salete, Cris Machado, Jaque, Cláudia Cruz, entre tantas e tantos outros que é difícil mencionar. Os cito por serem demasiado presentes nesta trajetória, não apenas como público-alvo do meu fazer extensionista, mas como parceiros no pensar, propor e realizar ações necessárias junto à comunidade externa e interna, numa formação recíproca entre os diversos saberes que estão no mundo: o popular, o comunitário, o acadêmico, entre outros.

Ao mesmo tempo que falo com alegria, não deixo de sentir um certo sentimento de uma responsabilidade meio não cumprida. Penso sempre no potencial que nossos cursos, que nossos estudantes, têm de atuação junto às nossas comunidades. Estar nas comunidades, pensar junto a elas soluções dialogadas, colocando em prática os conhecimentos científicos adquiridos têm um potencial transformador de realidades, mas também da própria formação do estudante. Não é por nada que a extensão é um dos tripés das instituições de educação públicas e que adquire um contorno mais pontual nos IFs, desde a sua criação. Esse é um dos maiores aprendizados que tenho nesta caminhada, o quanto nossa experiência educativa transforma, a nós, aos nossos estudantes e às nossas comunidades. É uma experiência não apenas acadêmica, mas de vida, pessoal e profissional. Difícil de traduzir em palavras sua potência transformadora.

Minha jornada na extensão começou no *Campus* Bento Gonçalves, local que trabalhei entre 2008 e 2010. Em 2009, realizamos diversas ações comemorativas aos 50 anos do *campus*. Reinauguramos a Enoteca, fizemos uma festa de aniversário, com show de fogos de artifício e coquetel na vinícola. Foi lindo ver aquele espaço iluminado recebendo estudantes, servidores, a comunidade externa, e antigos estudantes e servidores que haviam passado pelo *campus*. Realizamos um concurso de Hino do *Campus*, no qual o colega Adriano Noble Castilho teve sua composição vencedora. Ainda em

¹ Produtora cultural do IFRS desde 2008, com atuação no *Campus* Bento Gonçalves (2008/2010) e no *Campus* Restinga (2010-atual) e brevíssima passagem pela Reitoria (2010). Admiradora e praticante da arte de extensionar. Lattes (em construção): <http://lattes.cnpq.br/7533956672454325>. E-mail: thais.silva@restinga.ifrs.edu.br

2009, participei pelo IFRS da organização do Fórum Social Mundial da Serra Gaúcha, em parceria com diversas entidades.

Quando surgiu a oportunidade de trabalhar no *Campus Restinga*, tive minhas dúvidas. A Restinga é um bairro conhecido em Porto Alegre não pelas suas conquistas, que são inúmeras, mas nas páginas policiais dos jornais. Quando conheci melhor a sua história e a história das pessoas que moram nesta comunidade não tive mais dúvidas quanto aonde eu gostaria de trabalhar. Desde o começo sempre tivemos um trabalho bastante próximo e orgânico com a comunidade do bairro. Eles, na realidade em sua maioria elas, trabalharam fortemente para que estivéssemos ali naquele lugar e pudéssemos de alguma forma auxiliar aquela comunidade a contar a sua história do seu ponto de vista. Assim, nosso *campus* praticamente nasceu dentro de uma prática extensionista, fortemente planejado e implantado em parceria com essa comunidade bastante guerreira, mas bastante violentada pelos poderes públicos, seja pela ausência destes ou pela violência com que comparecem no território.

Uma das falas que marcaram muitos de nós, servidores, foi a da Maria Salete, liderança local, grande parceira de ações para o que der e vier, uma pessoa de um conhecimento inestimável de vida. Ela disse que não gostariam que nossos servidores fossem ETs, que chegavam em suas naves no *campus*, com suas jaquetas e suas botas, totalmente alheios à realidade local, mas que pudessem ser parceiros da comunidade, aliados da luta para que os jovens, agora nossos jovens também, do IFRS, pudessem ter oportunidades e perspectivas que não fossem as mesmas de sempre, as que os faziam estar cotidianamente nas páginas policiais. Este relato marcante, dentre tantos outros, não tem



📍 **Figura 1.** Primeira aula do Curso do Programa Mulheres Mil.

Fonte: Acervo Comunicação IFRS/Restinga (2013)

como não marcar o coração. Estar na Restinga não é apenas um trabalho como outro qualquer. É algo que vai além. Esta comunidade tão vulnerabilizada demonstra uma força e um conhecimento que não se angaria nos bancos das universidades, mas são forjados nas experiências que a vida e a comunidade vão talhando ao longo dos anos e no percorrer dos espaços.

Desde então a extensão meio que nasceu comigo enquanto nascia o *Campus Restinga*. Ao longo desta trajetória de pouco mais de uma década, submeti 33 ações no sistema de extensão do IFRS (confesso que algumas ações ficaram de fora deste cadastro) e orientei diversos estudantes como bolsistas e como voluntários. Trabalhamos com escolas do bairro, comunidades, instituições parceiras. Destas ações, duas foram bastante marcantes para mim: os cursos do Programa Mulheres Mil e o Programa Observatório da Comunidade.

Tive a oportunidade de coordenar o Programa Mulheres Mil e sua implantação ao longo do ano de 2013 enquanto estava na coordenação de Extensão do *campus*. Foi uma experiência de intenso aprendizado e de muito trabalho articulado e engajado junto à comunidade. Nesse ano, antes da implementação do programa via Pronatec, os cursos tinham um princípio quase vocacional da instituição. Trabalhamos desde o princípio bastante articulados com a comunidade, desde a escolha dos cursos que atendiam as demandas que estavam postas no território e pelo público que seria atendido. Consideramos, também, as condições que tínhamos naquele momento, de ampliação da nossa estrutura e dos nossos cursos, pois ainda éramos um *campus* em implantação, para a oferta destes cursos. Foram definidos os cursos de Camareira Hospitalar e de Auxiliar Administrativo. Ao

tudo, ofertamos 50 vagas, 21 para o primeiro e 29 para o segundo. Trabalhamos com a adesão de servidores para as aulas e com parcerias externas. Contamos com o auxílio na nossa Assistência Estudantil para os encaminhamentos que são necessários quando se trabalha com mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Nossas estudantes realizaram estágios junto a hotéis de uma rede parceira e junto aos setores do *campus*. Ao longo desta jornada de 3 meses, também tivemos espaço para a música, para confraternização, para trocas e aprendizados mútuos com as trajetórias de cada uma e também para algumas “tretas” entre as mulheres mil! Não poderia faltar, com certeza. 41 estudantes concluíram os cursos, uma taxa de mais de 80%. Além da alegria de tê-las conosco ao final da trajetória, foi indescritível perceber a diferença que esses 3 meses fizeram em suas aparências, mas mais ainda na vida destas mulheres.

Cerca de um terço delas entraram para cursos do nosso *campus* ou foram finalizar a EJA fundamental em escolas do bairro e depois voltaram a estudar conosco. Muitas seguem estudando conosco em cursos superiores, depois de cursarem o Proeja. Aqui o aprendizado é de que a Extensão, além de levar o conhecimento e a prática acadêmica a transformar o mundo lá fora, leva a abrir portas deste nosso mundinho restrito da academia a comunidades que se sentem alijadas ou que são historicamente excluídas dos nossos processos educacionais. A Extensão é o caminho direto que a instituição tem com a comunidade, ao mesmo tempo que temos a oportunidade de fazer nossos



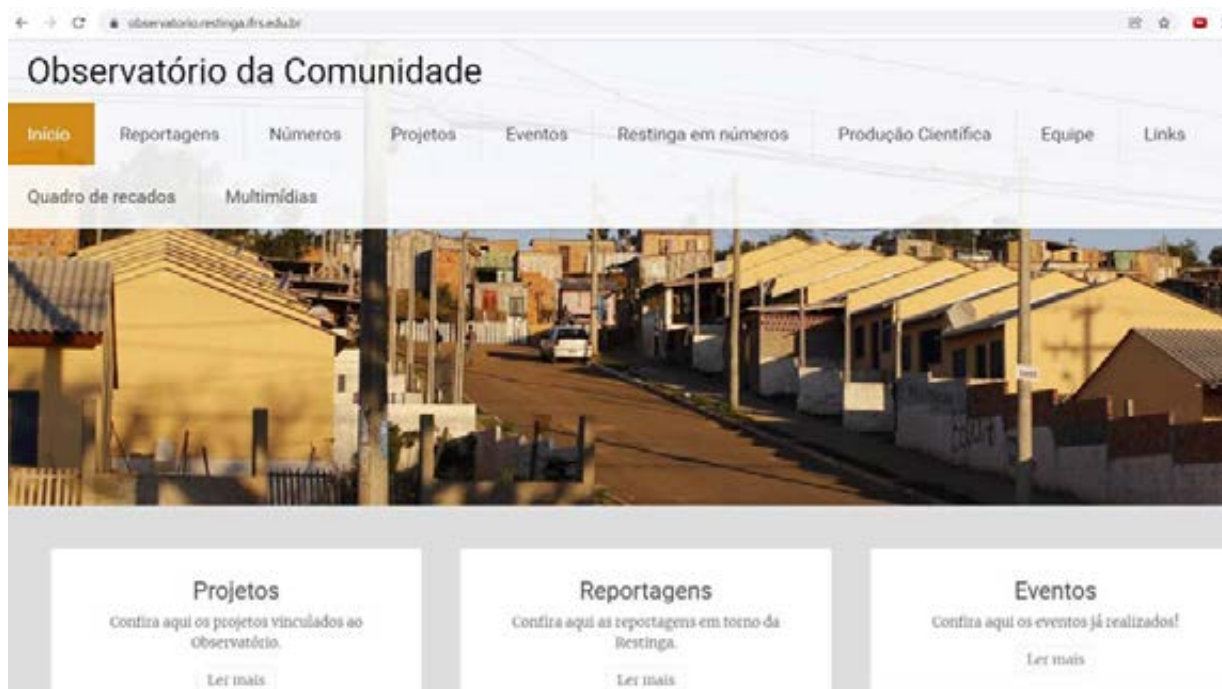
↑ **Figura 2.** Formatura dos cursos do Programa Mulheres Mil.

Fonte: Acervo Comunicação IFRS/Restinga (2013).

estudantes e nossos servidores refletirem sobre como seu conhecimento pode se traduzir em diferença. É uma troca em que todos ganham. Não existe quem perca em um processo extensionista comprometido e engajado. Como desdobramento ainda desta ação ofertamos na sequência um curso intensivo de Informática aplicado ao Auxiliar administrativo, a fim de complementar a formação das nossas Mulheres Mil.

A outra experiência que quero destacar teve início também em 2013, enquanto estava na coordenação de Extensão. Na realidade, mais precisamente, nas assembleias relacionadas às eleições para direção-geral que ocorreram

no final de 2012, em que tivemos a presença da comunidade. Em diversos relatos, antes e durante esse período, escutamos da comunidade como eram sempre objetos de pesquisa e nunca sujeitos e poucas vezes tinham retorno dos resultados das pesquisas com as quais tinham contribuído, seja como entrevistados seja como colaboradores. Daí surgiu o programa Observatório da Comunidade. Uma ação nascida no setor de Extensão, que inclusive contava com servidores dedicados a este trabalho, mas que ao longo dos últimos anos acabou sendo conduzida a uma ação proposta por servidores e deixando de ter investimento da gestão. O Observatório da Comunidade tem como objetivo estabelecer um espaço de interação dialógica permanente entre a comunidade e o IFRS em dois eixos principais de atuação: a partir da constituição de um repositório virtual de informações (dados, estudos, história, etc) produzidos sobre e pela comunidade do bairro Restinga; e na promoção de formação e interlocução entre os variados tipos de saberes e a comunidade, a partir de metodologias diversificadas, buscando ser um instrumento na articulação mais orgânica do diálogo promovido entre as ações institucionais, de ensino, pesquisa e extensão, e os grupos comunitários.



📌 **Figura 3.** Capa do site do Observatório da Comunidade. Fonte: Observatório da Comunidade (2019)

Começamos a implementar a ação ao longo do ano de 2013 e 2014, com realização de rodas de conversa com a comunidade interna e externa do *campus*, capacitações com o ObservaPoa, observatório de Porto Alegre, e levantamento de dados de outros observatórios. Delineamos a proposta e passamos a trabalhar na construção de um site com dedicados bolsistas de monitoria localizados no setor de Extensão. Do final de 2015 a 2018, o projeto ficou sob a coordenação de outro colega servidor que realizou também inúmeras ações, como implementação do site, publicações e outras ações. Em 2019, por circunstâncias da equipe do projeto, retornei à coordenação da proposição da ação. Nesse ano, começamos a migrar o site que estava em “html” para o “wordpress”, a fim de possibilitar maior acesso que não requeresse conhecimentos em programação para atualização do site. Hoje temos os dois sites no ar ainda, o novo observatorio.restinga.ifrs.edu.br e o anterior observatorio2.restinga.ifrs.edu.br.

Também passamos a trabalhar com a memória e com a história narrada pelos moradores do bairro. Realizamos oficinas de entrevistas para história oral, divulgamos estudos, pesquisas e ações realizadas sobre o bairro, realizamos anualmente o Festival de Saberes Comunitários, que tem como objetivo dar visibilidade às trajetórias de pessoas de reconhecido saber na comunidade através de realização de oficinas abertas à comunidade. Fizemos rodas de conversa, levantamento e cadastro de entidades, trabalhamos com capacitação para Lei Aldir Blanc, levamos o projeto a escolas e entidades do bairro. Realizamos formações pedagógicas que trabalhavam a questão do território e da comunidade.

Hoje o Observatório da Comunidade é uma ação de extensão consolidada que tem como perspectiva principal ampliar seu escopo de atuação bem como o número de servidores e estudantes envolvidos, além de ampliar a participação da comunidade na equipe do projeto. Um dos maiores aprendizados retirados desta experiência é de que o coletivo é potência. Nenhuma destas ações seria possível sem a presença e a contribuição engajada de outras pessoas, desde servidores, estudantes e a comunidade externa até os parceiros. Aprendemos, ainda, que é necessário que nossas ações de extensão tenham



📍 **Figura 4.** Oficina Pessoa de Brum. Fonte: acervo pessoal (2019)

o estímulo institucional para além dos editais de fomento para que possam ser postas em todo seu potencial de transformação: espaço para o diálogo; conhecimento de com quem se conversa, tempo de dedicação, encontros dialógicos, avaliações constantes e escuta sensível.

A extensão traz em seu bojo um duplo movimento: à medida que fornecemos subsídios para o desenvolvimento das comunidades, a partir delas podemos redefinir processos e objetivos institucionais, com impacto



📍 **Figura 5.** Festival de Saberes Comunitários.
Fonte: Acervo Comunicação IFRS/Restinga (2019)

em novas pesquisas, novos cursos, novas formas de trabalhar nos cursos existentes que possam produzir novos resultados, constituindo-se em mais uma das formas do aprimoramento e do desenvolvimento da nossa instituição e do nosso fazer-saber.

A vida me conduziu para a extensão agroecológica

Cláudio Fioreze¹

Resumo

Este relato de experiência apresenta brevemente minha trajetória pessoal e profissional e como os acontecimentos que presenciei e participei, com maior ou menor autonomia, desde o princípio, foram conformando todo um contexto que me conduziu à predileção pela atividade extensionista, antes e depois de meu ingresso na rede federal de EBTT. Trata-se de um pequeno memorial, sem pretensão de modelo ou cartilha, tão somente um testemunho cujo principal objetivo é compartilhar um pouco desta jornada e, quiçá, mostrar como nossas escolhas levam, ou não, a sermos extensionistas como praticantes da liberdade, da democracia participativa e da sustentabilidade em todas as suas dimensões. Mostra também, mediante várias referências a situações vividas, ações e projetos, que podemos fazer coisas inspiradoras e transformadoras, especialmente quando trabalhamos em equipe e com um viés transdisciplinar. Pode-se concluir que a extensão é um grande portal institucional e que cumpre um papel diferenciado na matriz educacional de instituições como o IFRS, sendo importante porta de entrada de demandas socioambientais legítimas e impostergáveis para que nossa missão institucional alcance êxito e nossa práxis se oxigene na realidade que estamos inseridos.

Palavras-chave: Trajetória extensionista. Vocação. Desenvolvimento. Sustentabilidade. EcoViamão.

Nossos contextos, nossas escolhas

Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim.
(ORTEGA Y GASSET, 1914)

Esta frase, de uma verdade cristalina, é de autoria do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, publicada em "Meditações de Quixote", em 1914. Ela coloca o homem como um ser indissociável do seu meio e enfatiza que a melhoria da condição do homem é produto de suas escolhas, de sua ação, em contraposição à ideia de destino. Pois bem, sou um profissional formado no século XX

¹ Doutor em Ciência do Solo, Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Viamão.
E-mail: claudio.fioreze@viamao.ifrs.edu.br

(1988), mas tenho tentado, a vida inteira, não fazer uma agronomia do século XIX, mas sim à altura dos enormes desafios que nos angustiam neste princípio do século XXI.

E tais circunstâncias foram decisivas para minhas escolhas: os caminhos trilhados pela família foram, na verdade, um itinerário que milhares de descendentes de imigrantes fizeram, talvez em um tempo mais largo do que nós. Nasci em Colorado-RS, uma das muitas colônias novas criadas para a segunda geração dos imigrantes, na região do Alto Jacuí, e desde muito cedo participei da busca de novas oportunidades “rumo ao oeste”... Passamos por Campo Novo-RS, depois no oeste do Paraná (Toledo), nordeste do Pará (Ourém) até, finalmente, meio que completando um ciclo, retornarmos ao RS por problemas graves de saúde de meu pai. Daí, com sete irmãos, meus pais passaram a outra jornada: a busca de oportunidades para seus filhos, passando por Soledade, Santa Cruz do Sul e, finalmente, Silveira Martins, ao lado de Santa Maria, com sua universidade pública, a UFSM. Neste então distrito de Santa Maria passei minha juventude e boa parte da idade adulta, lugar em que cursei a faculdade, casei, fui pai de dois filhos e trabalhei a maior parte dos quase 20 anos no serviço oficial de extensão rural gaúcho, a EMATER/RS.

Apesar de bastante jovem quando ocorreram, muitas destas andanças ficaram gravadas em minha memória e influenciaram minha vocação para o campo, para a “extensão de nossas casas”. Impossível não ficar impactado com a imensidão incrível da natureza e dos povos de sul a norte e os contrastes impressionantes desta nação chamada Brasil.

Tempos universitários, tempos de mudanças

Mais tarde, quando chega a idade impostergável de se fazer algumas escolhas na vida, toda essa tradição pesou em minha opção profissional pelo campo, pela Agronomia: não queria trabalhar em um escritório fechado, pois minha predileção já era botar o pé no barro, na comunidade, nas roças, nos campos.

Então, na UFSM, veio outro momento que influenciou muito minhas escolhas políticas e profissionais, que foi vivenciar o movimento estudantil, num momento de efervescência cultural e política, quando a ditadura militar chegava à falência de seu modelo perverso. Dentre muitas vivências, duas atividades neste período me permitiram ver outra realidade rural e construir uma visão crítica à educação bancária e à ciência normal: a criação do Grupo de Apoio ao Movimento Sem Terra (GAMST) e a realização do I Encontro Regional de Agricultura Alternativa (ERAA). Na época nem se cogitava falar em Agroecologia.

No mundo do trabalho, na extensão

Uma outra passagem breve e marcante, foi no meu primeiro emprego, na antiga FIDENE (hoje UNIJUÍ), junto ao Seminário Permanente de Educação Popular (SPEP). Ali constatei a importância do multidisciplinar e em equipe para entender e mudar a realidade. Junto aos movimentos sociais do campo, os quais então emergiam no cenário nacional, compreendi a importância da sistematização de conhecimentos de forma coletiva, a partir da prática: só sistematiza - e educa - quem está aberto ao diálogo. Sem isso, não há extensão libertadora.

Ingressei na EMATER no início de 1990, retornando à pequena Silveira Martins, onde tinha muitos vínculos afetivos. Criamos um Projeto de Desenvolvimento e um Consórcio Regional para operar ideias, projetos e planos, os quais até hoje existem, mostrando que o processo de desenvolvimento



📌 **Figura 1.** A marcha avassaladora da *sojificação* da paisagem, inclusive nas colônias (Silveira Martins-RS).
Fonte: Próprio autor (2022).

e as transformações socioeconômicas e ambientais se dão no espaço social do território e são eficazes se cultivadas na democracia participativa.

Na caminhada de quase 20 anos pela extensão rural oficial, na EMATER, também aprendi que a tecnologia, por si, não consegue ajudar os “cativos da terra” a enfrentar a pressão de seleção avassaladora do neoliberalismo, com suas cadeias alimentares longas e concentradas, em que pouco importa o valor socioambiental da produção. Símbolo disso é a avalanche da *sojificação*, que avança sobre “colônia e Pampa”, transformando antigas casas humildes e sólidas, cheias de gentes da terra, em taperas cercadas pelo “grão dourado” e seu deserto ambiental e cultural (Figura 1). Alguns poucos resistiram e seguem os caminhos da agroindústria colonial, do turismo rural, da diversificação resiliente. Haverá um retorno das pessoas à terra? Não sabemos.

Guinada profissional: entrando na rede federal

Entre 2003 e 2010, após o mestrado e doutorado em manejo ecológico do solo, já notando a grande expansão universitária e a implantação da Rede Federal de EBTT, fui me convencendo que os meus tempos na extensão rural estavam findando. Que toda esta experiência adquirida poderia ser compartilhada em outras frentes, em novos aprendizados com estudantes jovens ou adultos, em especial com os que não tiveram oportunidades educacionais como se descortinavam neste novo Brasil do século XXI. Aprovado em concurso em dezembro de 2009, fui chamado para trabalhar no Instituto Federal Farroupilha, num *campus* no interior de Alegrete, em Passo Novo, na ex-Escola Agrotécnica Federal, criada em 1954. Foi um período importante para entender o desafio da agroecologização não só das produções, mas dos cursos agrários e suas instituições. Mas foi um período curto também, pois em 2011 houve outra mudança importante em minha trajetória profissional, quando fui convidado o cargo de Diretor-geral e Secretário de Estado Adjunto da Agricultura, Pecuária e Agronegócio (SEAPA-RS), no governo Tarso Genro (2011-2014). Aqui nesta arena político-administrativa, se podia vislumbrar com clareza os conflitos de interesse, as visões de mundo, as concepções de governança e práticas de democracia. Para contornar as pressões do poder econômico - os que sempre dominaram o Estado e seus Poderes - e buscar, minimamente, alocar os recursos escassos

àqueles que sempre estiveram à sua margem, o jeito foi radicalizar processo democrático de gestão, nas Câmaras Setoriais e Temáticas, espaços legítimos de formulação da política pública agropecuária gaúcha. Findo este período, de muito sacrifício pessoal e aprendizagem sobre políticas públicas e os limites e potencialidades do Estado, enfim, retornei à Rede Federal.

A extensão e agroecologia: o programa ecoviamão

Em 2015, recebi o convite do diretor-geral do *Campus Viamão* do IFRS, Alexandre Vidor, para ajudar a caminhada inicial da unidade e, em especial, o setor de extensão, no início de 2017. Apesar de ser o mais jovem *campus* do IFRS, Viamão tem um compromisso radical com a missão institucional do IFRS de “ofertar educação (...) para enfrentar e superar desigualdades (...) garantindo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e em consonância com potencialidades e vocações territoriais”.

Além da maior extensão territorial da RMPA (1497 km²), era gritante como em Viamão o enorme ativo socioambiental era ignorado nas agendas de desenvolvimento, até mesmo para tirar o município da incômoda posição de estar entre os piores IDHs do Estado. Praticamente inexistentes iniciativas consistentes de valorização de seu ativo ambiental, composto por várias Unidades de Conservação (37% do território), povos tradicionais e a maior produção de orgânicos da América Latina no maior assentamento de reforma agrária do Estado, entre outros. Imperava - até hoje - uma visão extrativista, especulativa, convencional e clientelista.

Neste contexto nasceu o Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica de Alimentos de Viamão e Entorno (Programa EcoViamão), então, mesmo com suas limitações, veio para ampliar as iniciativas com foco nos agroecossistemas, sabendo que num raio de 60 km de Viamão vivem cerca de 4,2 milhões de habitantes. O EcoViamão é hoje, talvez, o maior programa de extensão em vigência no IFRS e um dos maiores da Rede Federal. Mesmo focado em extensão, possui fortes vínculos com pesquisa, no ensino, na inovação e no desenvolvimento institucional do IFRS (exemplo Política Institucional de Agroecologia e Segurança Alimentar). No final de 2016 o projeto EcoViamão, foi aprovado por Chamada Pública do CNPq, visando a ecologização dos processos sociais e produtivos de Viamão e entorno, com parcerias com os *campi* vizinhos (Restinga, Alvorada, Canoas). Desde o início buscou parcerias como a Prefeitura Municipal, o Assentamento Filhos de



📍 **Figura 2.** Atividade de bolsista no Projeto Hortas Escolares Agroecológicas, em Viamão-RS. Fonte: Alessandra Nevado (2019).



📍 **Figura 3.** Um dos encontros do Curso de Extensão em Agroecologia e Produção Orgânica de Alimentos em Viamão-RS (2018). Fonte: Próprio autor (2019).

Sepé, as cooperativas COPERAV e COMCAVI, a EMATER, o IRGA, a rede municipal e estadual de educação, entre outros. Suas principais ações iniciais foram de fortalecer vínculos através de inúmeras oficinas de socialização e planejamento de projetos como Hortas Escolares Agroecológicas (Figura 2), Formação técnico-social em Cursos de Extensão em Agroecologia, Feiras Ecológicas (implantação da I Feira Orgânica de Viamão e no *Campus* Viamão), Fomento à Agricultura Orgânica, realização de várias Semanas da Alimentação Saudável, apoio às Mostras Científicas do *campus*, além de vários projetos nas Aldeias Indígenas e Comunidades Quilombolas.

Em 2018, tendo em vista o esgotamento crescente de chamadas públicas de apoio à Agroecologia (via CNPq, Fapergs outras agências de fomento), buscamos o apoio de emendas parlamentares para continuar. Aqui cabe destacar o deputado federal Elvino Bohn Gass, decisivo para o fomento e a ampliação dos bolsistas de Hortas Escolares Agroecológicas, no apoio à implantação da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Sociais Sustentáveis (ITESS), na realização do I Curso de Extensão em Agroecologia e Produção Orgânica de Alimentos (Figura 3), na Ecologização de Unidades das Escolas Agrícolas ETA e Canadá, no fomento ao Arroz Orgânico no entorno do Parque Estadual de Itapuã, no início das atividades de Redesenho da Matriz Agroecológica do Assentamento Filhos de Sepé, etc. Também o Projeto Nexus/UFRGS foi outra conquista, capitaneada pela UFRGS, onde o EcoViamão continua sendo importante parceiro em pesquisas e ações de extensão visando a segurança hídrica, energética e alimentar da região metropolitana, em especial junto aos seus assentamentos e ao arroz de base ecológica.

Ademais, ampliamos os projetos iniciais e incorporamos novos desafios, como os projetos de Diagnóstico Rural Participativo, o apoio à implantação do Observatório de Desenvolvimento Territorial (ObservaViamão), a Feira Tupambaé, o Atlas Socioambiental entre outros. Em 2019, junto com colegas de vários *campi* e da reitoria do IFRS, houve a aprovação da Resolução Consup 101/2019, que aprovou a Política Institucional de Agroecologia, Segurança Alimentar e Educação Ambiental (PIASE).

Novos projetos estão surgindo, como o Águas para o Futuro e a Pós-Graduação multicampi em Agroecologia, com a colaboração de muitos colegas e parceiros, é verdade, mas sempre com a presença do EcoViamão. Ao todo, 103 bolsistas passaram pelo Programa em suas várias atividades indissociáveis assentadas na ciência da Agroecologia, nos princípios da alimentação saudável e na busca de contextos crescentes de sustentabilidade de fato, em todas as suas dimensões (ambiental, social, econômica, cultural, política e ética).

“A agroecologia não é tudo e nem é a panaceia salvadora para todos os problemas das sociedades. Agroecologia não é, muito menos, um tipo de agricultura, uma agricultura alternativa e muito menos um movimento social. A Agroecologia não se propõe a tomar o lugar de outras ciências. Agroecologia é uma ciência do campo da complexidade, que busca superar os enfoques cartesianos e reducionistas. Em diálogo com os saberes locais/tradicionais e o uso de metodologias e tecnologias apropriadas, a Agroecologia contribuirá para o (re)desenho de agroecossistemas mais sustentáveis do ponto de vista socioambiental, culturalmente mais aceitáveis e economicamente viáveis”. (FRANCISCO R. CAPORAL, *in memoriam*)

Referências

- CAPORAL, Francisco R. **O que não é Agroecologia**. Blog Agroecologia. 2016. Disponível: <http://frca-poral.blogspot.com/2016/11/o-que-nao-e-agroecologia.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Obras completas**, Vol. I. Ed. Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, Madrid, 2004.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

*Viver*IFRS

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS

viverifrs@ifrs.edu.br

<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>

